



**CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM EDUCAÇÃO
TECNOLÓGICA**

TATIANE GONÇALVES

***BULLYING NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO NA FACULDADE
XTEC***

**Belo Horizonte
2025**

TATIANE GONÇALVES

***BULLYING NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO NA FACULDADE
XTEC***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do CEFET-MG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Tecnológica.

Linha de Pesquisa III- Processos Formativos na Educação Profissional e Tecnológica

Orientadora: Prof.^a Dra. Silvani dos Santos Valentim.

**Belo Horizonte
2025**

Gonçalves, Tatiane
G635b *Bullying* no ensino superior: um estudo na Faculdade XTEC / Tatiane
Gonçalves. – 2025.
128 f.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação
Tecnológica.
Orientadora: Silvani dos Santos Valentim.
Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas
Gerais.

1. Assédio nas universidades e faculdades – Teses. 2. Violência escolar –
Teses. 3. Ensino profissional – Teses. 4. Tecnologia – Estudo e ensino (Superior)
– Teses. 5. Ensino superior – Teses. I. Valentim, Silvani dos Santos. II. Centro
Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. III. Título.

CDD 378.19



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA - PPGET
Portaria MEC n.º. 1.077, de 31/08/2012, republicada no DOU em 13/09/2012

TATIANE GONÇALVES

BULLYING NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO NA FACULDADE XTEC

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG, em 29 de abril de 2025, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Tecnológica, aprovada pela Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação constituída pelos professores:

Documento assinado digitalmente
 **SILVANI DOS SANTOS VALENTIM**
Data: 29/05/2025 09:16:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Silvani dos Santos Valentim – Orientadora
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Documento assinado digitalmente
 **AILTON VITOR GUIMARAES**
Data: 29/05/2025 16:43:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Ailton Vitor Guimarães
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Documento assinado digitalmente
 **CIRLENE CRISTINA DE SOUSA**
Data: 02/06/2025 12:33:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Cirlene Cristina de Sousa
Universidade do Estado de Minas Gerais

DEDICATÓRIA

Ao longo da vida, você enfrentou muitos desafios, incluindo o *bullying*, uma experiência que despertou em você o desejo de compreender esse fenômeno mais a fundo por meio da pesquisa. Essa jornada representa não apenas a busca por autoconhecimento e superação, mas também o compromisso de transformar o mundo ao seu redor. Acredite: seus objetivos e metas estão ao seu alcance!

"Chegar até aqui exigiu esforço, coragem e resiliência. Foram muitos os desafios enfrentados ao longo deste percurso, mas a persistência falou mais alto. Parabenizo-me por não ter desistido diante das dificuldades, por acreditar na importância desta caminhada e por ter seguido em frente, mesmo quando o caminho parecia incerto. Que essa conquista seja apenas uma das muitas que ainda virão. Com orgulho e gratidão, dedico este trabalho à minha própria trajetória.

Tenho imenso orgulho de mim, Tatiane."

AGRADECIMENTOS

Registro, primeiramente e de forma imensurável, minha gratidão a Deus, que nunca me desamparou. Ele esteve presente em cada passo desta jornada, sendo meu Pai, meu amigo e meu companheiro fiel. Sem sua presença constante, força e amor, nada disso teria sido possível.

Meu coração é profundamente grato à minha tia, que é também minha mãe de coração, Darlene. Sua presença em minha vida tem sido e sempre será essencial. Agradeço imensamente por todo cuidado, amor, carinho, atenção e pelas incontáveis orações dedicadas a mim ao longo do tempo. Sem a sua existência, eu não estaria viva hoje. Obrigada, do fundo da minha alma, por tudo o que fez e continua fazendo. Eu a amo profundamente!

Registro minha profunda gratidão à minha querida irmã Bianca pelas orações, pelos constantes incentivos, pela admiração e por toda a dedicação demonstrada ao longo desta trajetória. Sua presença e apoio foram essenciais para que eu alcançasse esta conquista.

Agradeço ao meu irmão Luís pelo apoio naquele momento tão marcante, quando decidi dar início a esta caminhada. Aquela noite foi de difícil decisão, mas também de coragem, e sua presença, mesmo que silenciosa, foi determinante para que eu seguisse em busca deste objetivo.

Minha gratidão ao Diego, sua presença trouxe leveza e alegria, e cujo seu companheirismo iluminou e tornou mais inspiradora a reta final desta conquista.

Agradeço imensamente à professora orientadora Dra. Silvani dos Santos Valentim, que confiou no tema proposto, pois foi fundamental para que eu pudesse enfrentar e superar os desafios deste campo de estudo sobre o *bullying* no Ensino Superior.

Sou grata aos professores Dr. Ailton Vitor Guimarães e Dra. Cirlene Cristina Sousa, que gentilmente aceitaram o convite para participar da banca avaliadora. Sou grata pelas valiosas orientações, pelo apoio e pela disponibilidade em compartilhar este momento tão importante comigo.

Registro minha gratidão à professora Dra. Maria Adélia pelo acolhimento e compreensão, pois seu apoio foi de grande importância para mim.

Agradeço imensamente ao diretor Clóvis, da Faculdade Xtec, pelo incentivo, receptividade e pelas orientações oferecidas ao longo desta jornada. Sua colaboração foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.

Registro meu reconhecimento aos estudantes da Faculdade Xtec pela valiosa contribuição e pela participação comprometida em minha pesquisa, elementos fundamentais para a concretização deste trabalho.

A justiça não consiste em ser neutro entre o certo e o errado, mas em descobrir o certo e sustentá-lo, onde quer que ele se encontre, contra o errado.

Theodore Roosevelt

GONÇALVES, Tatiane. **Título:** *Bullying* no Ensino Superior: um estudo na Faculdade Xtec. [Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica]. CEFET. Minas Gerais, 2025.

RESUMO

As instituições de educação básica, assim como as de ensino superior, são historicamente consideradas espaços seguros para a vivência dos processos de ensino-aprendizagem e para a formação humana. Contudo, o *bullying* tem contribuído para alterar esse cenário. Esse fenômeno preocupa não apenas no Brasil, mas também em diversos outros países. Portanto, é fundamental que os estudos e as pesquisas sejam realizados com o intuito de ampliar a compreensão sobre o *bullying* e contribuir para sua possível superação. Diante do exposto, esta pesquisa teve como objetivo geral investigar a ocorrência (ou não) do *bullying* no ensino superior da Faculdade Xtec. Os objetivos específicos da pesquisa foram: identificar os estudantes vítimas de *bullying*; verificar os tipos de violências e as percepções dos estudantes em relação às práticas de *bullying* no ensino superior; e descrever as consequências enfrentadas, bem como as estratégias de enfrentamento adotadas (ou não) pelos(as) estudantes. Participaram do estudo alunos do ensino superior com idade igual ou superior a dezoito anos, que estavam matriculados no último semestre de seus respectivos cursos. O presente estudo se insere na linha de pesquisa III - Processos Formativos na Educação Profissional e Tecnológica - do PPGET Programa de Pós-graduação em Educação Tecnológica (PPGET) do CEFET-MG. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, do tipo descritivo, que utilizou como procedimentos técnicos o levantamento bibliográfico e o estudo de caso. A pesquisa foi realizada na Faculdade XTec, localizada na cidade de São Roque, estado de São Paulo. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário *online*, aplicado através da plataforma *Google Forms*. Conclui-se que, na Faculdade Xtec, há ocorrência de *bullying* no ensino superior, sendo este um estudo de caráter afirmativo. Dos participantes, 65,8% afirmaram ter presenciado situações de *bullying*, enquanto 13,2% (cinco estudantes) relataram ter sido vítimas diretamente. As formas de *bullying* identificadas foram, predominantemente, as verbais, psicológicas e relacionais. O estudo evidenciou que as principais consequências do *bullying* manifestam-se por meio de traumas psicológicos, emocionais e sociais, refletindo-se em quadros de baixa autoestima, ansiedade, depressão, fobia social, além de sentimentos recorrentes de medo e insegurança. Portanto, a maioria dos discentes considera que a melhor estratégia de enfrentamento ao *bullying* consiste em promover o conhecimento sobre a temática por meio de palestras, implantação de uma rede de apoio com suporte psicológico, aplicação de medidas disciplinares aos agressores e acompanhamento contínuo das vítimas, visando à criação de um ambiente educacional mais seguro e acolhedor por meio da conscientização. O presente estudo contribuiu com as investigações sobre o *bullying* no ensino superior, com a finalidade de ampliar a compreensão e promover reflexões acerca das especificidades que envolvem essa problemática nesse nível de ensino.

Palavras-chave: *Bullying*; Violência Escolar; Educação Profissional e Tecnológica; Ensino Superior.

GONÇALVES, Tatiane. **Title:** Bullying in higher education: a study at the Faculty Xtec. [Dissertation of the Graduate Program Master's Degree in Technological Education]. CEFET. Minas Gerais, 2025.

ABSTRACT

Basic education institutions, like higher education institutions, have historically been considered safe spaces for teaching and learning and for human development. However, bullying has contributed to changing this scenario. This phenomenon is a concern not only in Brazil but also in several other countries. Therefore, it is essential that studies and research be conducted to broaden understanding of bullying and contribute to its possible overcoming. Given the above, this research aimed to investigate the occurrence (or not) of bullying in higher education at Xtec College. The specific objectives of the research were: to identify student victims of bullying; to assess the types of violence and students' perceptions regarding bullying practices in higher education; and to describe the consequences faced, as well as the coping strategies adopted (or not adopted) by students. The study included higher education students aged eighteen or older, enrolled in the final semester of their respective courses. This study is part of research line III - Formative Processes in Professional and Technological Education - of the PPGET Graduate Program in Technological Education (PPGET) of CEFET-MG. This is a qualitative, descriptive study that used bibliographical research and case studies as technical procedures. The research was conducted at XTec College, located in the city of São Roque, São Paulo state. Data collection was conducted through an online questionnaire administered via Google Forms. The conclusion is that bullying occurs at XTec College in higher education, making this an affirmative study. Of the participants, 65.8% reported witnessing bullying, while 13.2% (five students) reported being directly victimized. The forms of bullying identified were predominantly verbal, psychological, and relational. The study showed that the main consequences of bullying manifest themselves through psychological, emotional, and social trauma, resulting in low self-esteem, anxiety, depression, social phobia, and recurring feelings of fear and insecurity. Therefore, most students believe that the best strategy for combating bullying is to promote knowledge about the topic through lectures, implement a support network with psychological support, apply disciplinary measures to aggressors, and provide ongoing support to victims, aiming to create a safer and more welcoming educational environment through awareness. This study contributed to research on bullying in higher education, aiming to broaden understanding and promote reflection on the specificities of this issue at this level.

Keywords: Bullying; School Violence; Vocational and Technological Education; Higher Education

LISTA DE SIGLAS

EPT- Educação Profissional e Tecnológica

PPGET- Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica

CEFET-MG- Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

CNEDH- Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos

LGBTQIAPN+ - lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais

CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PNE - Plano Nacional de Educação

OCDE- Cooperação e Desenvolvimento Econômico

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

EUA- Estados Unidos

PL- Projeto de Lei

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

Art – Artigo

LGPD- Lei Geral de Proteção de Dados

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

CEP- Comitê de Ética em Pesquisa

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

OBPP- Programa de Prevenção ao *Bullying* Olweus

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E TABELAS

Figura 1 - Etapas da análise de conteúdo.....	25
Figura 2 – Violência Escolar	34
Figura 3 – Violência Escolar e o Bullying.....	35
Figura 4 – Desencadeadores da Violência Escolar e do <i>Bullying</i>	39
Figura 5 – Idade.....	70
Figura 6 – Gênero.....	70
Figura 7– Você sabe o que é <i>bullying</i> ?.....	71
Figura 8 – Na sua percepção, o que você entende por <i>bullying</i> ?.....	72
Figura 9 - Na sua opinião existe <i>Bullying</i> no ensino superior (no seu campus)?.....	73
Figura 10- Caso sua resposta seja afirmativa, qual tipo de <i>Bullying</i> você vê se manifestar no Ensino Superior (no seu campus)?.....	76
Figura 11 - Você já sofreu <i>bullying</i> no Ensino Superior(no seu campus)?.....	77
Figura 12 - Em caso afirmativo, que tipo de <i>Bullying</i> você sofreu?.....	77
Figura 13 - Quantas vezes você já sofreu Bullying no Ensino Superior(no seu campus).....	78
Figura 14 - Onde o <i>Bullying</i> aconteceu?.....	79
Figura 15 - Como você se sentiu quando isso aconteceu?.....	80
Figura 16 - Você já praticou <i>bullying</i> no Ensino Superior?.....	81
Figura 17 - Em caso afirmativo, que tipo de <i>bullying</i> você praticou?.....	82
Figura 18 - Na sua opinião quem sofre o <i>Bullying</i> no ensino superior, esse ato pode deixar consequências?.....	83
Figura 19 – Você já recebeu alguma informação ou palestra sobre <i>Bullying</i> na Faculdade Xtec....	91
Figura 20 - Caso tenha recebido alguma informação ou palestra sobre o <i>Bullying</i> , o que você achou?.....	92
Figura 21 - Na sua opinião, do que precisa para combater o <i>Bullying</i> no Ensino Superior?.....	96
Quadro 01 - Consequências do <i>Bullying</i> para as vítimas.....	50
Quadro 02 - Apresentação de estudos sobre <i>Bullying</i> no Ensino Superior.....	52
Quadro 03 - Percepção do <i>bullying</i> no ensino superior	86

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	15
2.1. CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	16
2.2. AMOSTRA	17
2.3 ETAPAS DA PESQUISA	19
2.3.1 Revisão da Literatura	20
2.3.2 Instrumentos de Coleta	21
2.3.3 Procedimentos de análise	21
3. REFERENCIAL TEÓRICO	23
3.1 A ESCOLA COMO INSTITUIÇÃO SOCIAL	23
3.2 VIOLÊNCIA ESCOLAR, SUAS FORMAS E DESENCADEADORES	29
3.3 BULLYING	37
3.4 TIPOS DE BULLYING E SUAS CONSEQUÊNCIAS	41
3.5 BULLYING NO ENSINO SUPERIOR	49
3.5.1 Enfrentamento do Bullying no Ensino Superior	59
3.6 BULLYING E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (EPT)	60
3.7 LEGISLAÇÃO ANTI- BULLYING	63
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	67
4.1 Apresentação dos Dados e Discussão dos Resultados	68
4.1.1 Perfil dos Participantes	68
4.1.2 Entendimento do bullying pelos discentes	69
4.1.3 Ocorrência do bullying no Ensino Superior	71
4.1.4 Tipos de bullying identificados	72
4.1.5 Já sofreu bullying no ensino superior? Vozes que precisam ser ouvidas	75
4.1.6 Já praticou bullying no ensino superior?	79
4.1.7 Impactos do bullying no Ensino Superior	81
4.1.8 Percepções sobre o bullying no ensino superior	85
4.1.9 Informações e conscientização ao bullying no ensino superior	89
4.1.10 Percepção dos alunos sobre a necessidade de intervenção	93
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS	109
ANEXOS	116
APÊNDICES	126

1. INTRODUÇÃO

As instituições de educação básica e de ensino superior têm sido historicamente reconhecidas como ambientes seguros para o desenvolvimento dos processos de ensino-aprendizagem e para a formação integral dos indivíduos. Contudo, esse ambiente educacional tem sido progressivamente afetado pela incidência do *bullying*, configurando-se como um desafio relevante para a promoção de um clima escolar saudável e inclusivo. No contexto brasileiro, a Lei nº 13.185/2015, em vigor desde 2016, estabelece o Programa de Combate à Intimidação Sistemática e conceitua o *bullying* como toda ação intencional e repetitiva de violência física ou psicológica, incluindo atos de humilhação, discriminação, agressões, ameaças, xingamentos, apelidos pejorativos e demais formas de constrangimento sistemático.

Neste sentido, situações de *bullying* em instituições de ensino ganham cada vez mais destaque nas mídias e nas pesquisas, sendo que nas instituições escolares atribui-se ao *bullying* a preponderância na escalada da violência, seja física ou psicológica. Além de outras iniciativas, é fundamental que estudos e pesquisas sejam desenvolvidos no sentido de contribuir com a compreensão e possível superação deste fenômeno. As contribuições advindas do campo da psicologia, da sociologia e da pedagogia podem ampliar as análises, de forma crítica, das questões que envolvem o *bullying* no ambiente escolar.

Atualmente em nosso país, inclusive também na cidade de São Roque, no Estado de São Paulo, há campanhas e mobilizações¹ que incluem os governos, prefeitos, pais, professores e alunos no combate à violência escolar nas escolas, com intuito de implantar no ambiente estudantil uma cultura da paz, com o objetivo de conscientizar as pessoas em prol de uma educação não violenta, centrada em referenciais cidadãos, de respeito e colaboração mútuas.

¹ A comunidade escolar de São Roque também participa de debates e atividades interativas para promover a cultura de paz e respeito, buscando prevenir e combater o *bullying*. O Centro de Referência Especializado de Assistência Social da Prefeitura de São Roque já realizou campanhas como "Bem Me Quer", com o uso do teatro para discutir o tema, além de parcerias com a Polícia Civil para palestras sobre *cyberbullying*.

A presente pesquisa teve como lócus a Faculdade Xtec² (nome fictício), uma instituição de ensino estadual e pública e estadual situada na região de São Roque³ no estado de São Paulo, a instituição está voltada para a Educação Profissional e Tecnológica (EPT). A referida unidade de São Roque são oferecidos os cursos de Gestão Comercial, Gestão de Empreendimentos Gastronômicos, Gestão de Turismo e Sistemas para Internet, sendo matriculados um total de 572 alunos.

A Faculdade Xtec é uma instituição de ensino superior pública brasileira com objetivo de formar tecnólogos. Seus cursos de graduação são amplamente reconhecidos pelo mercado de trabalho, constituindo-se em importante instituição brasileira de ensino superior, sendo pioneira na graduação de tecnólogos e na oferta de educação profissional e tecnológica (EPT).

A escolha da instituição como lócus da presente pesquisa justifica-se, especialmente, pela oferta de cursos da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), em consonância com o interesse da pesquisadora e com a área de concentração do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica (PPGET) do CEFET-MG. A definição do tema, por sua vez, está diretamente relacionada à vivência pessoal da pesquisadora, que, ao presenciar e experienciar situações de *bullying* nessa modalidade de ensino, despertou o interesse em aprofundar a compreensão do fenômeno por meio da investigação em outra instituição de ensino superior.

O objetivo geral desta pesquisa foi verificar a existência (ou não) de *bullying* na educação superior, do município citado acima, com intuito de analisar os estudantes que enfrentaram ou sofreram com essas opressões violentas ao longo de sua formação acadêmica. Para tanto, este estudo procurou descobrir a realidade vivenciada nesse nível de ensino na referida unidade da Faculdade XTEC.

Os objetivos específicos da pesquisa foram: identificar os estudantes vítimas de *bullying*; verificar os tipos de violências e as percepções dos estudantes em relação as práticas de *bullying* no ensino superior, e, descrever quais as consequências e estratégias de enfrentamento ao *bullying* foram utilizadas (ou não) pelos (as)

² A Faculdade Xtec é uma instituição de ensino superior pública brasileira do estado de São Paulo, integrada ao Centro Paula Souza, com 79 polos distribuídos em 72 municípios paulistas.

³ São Roque é um município brasileiro do interior do estado de São Paulo, com população de aproximadamente 93 mil habitantes. A cidade é famosa pelo Roteiro do Vinho, uma estrada que reúne vinícolas, restaurantes e outras tantas opções de lazer.

estudantes. Diante disso, o resultado da pesquisa fornece dados para contribuir no auxílio e na elaboração de projetos de prevenção ao *bullying*.

Os participantes da pesquisa foram estudantes dessa modalidade com idade acima de dezoito anos, que estiveram no último semestre do seu curso, pois esses alunos tiveram a vivência ao longo dos anos no ensino superior da Faculdade Xtec, conseguindo contar suas experiências a respeito dessa temática.

O *bullying* pode gerar violência e as consequências dessa prática podem ser devastadoras e irreversíveis para a vítima, por isso, a violência escolar tem sido uma temática discutida tanto na área da educação como da saúde. A violência “é um fenômeno heterogêneo e difícil de delimitar”, especialmente quando os seus lócus é a escola, onde devem ser consideradas as relações de poder e o *status* de quem fala: professores, diretores ou alunos (Abramovay; Rua, 2002, p. 69).

A instituição escolar configura-se como um espaço privilegiado para a aprendizagem, a socialização e a construção de saberes, promovendo interações entre os sujeitos e contribuindo para sua inserção na sociedade e para a melhoria de suas condições de vida. No entanto, esse ambiente, que deveria ser pautado pelo acolhimento e pela promoção do desenvolvimento integral, tem se tornado, em muitos casos, cenário de produção e reprodução de diferentes formas de violência. Tais manifestações interferem de maneira significativa nas inter-relações e nas dinâmicas de convivência entre os estudantes, bem como entre os demais atores do ambiente escolar.

No Brasil, estudos da violência escolar partem da análise das depredações e danos aos prédios escolares e chega, ao final da década de 1990 e início dos anos 2000, com o estudo das relações interpessoais agressivas, envolvendo alunos (as), professores (as) e outros agentes da comunidade escolar (Sposito, 2001).

A maioria dos estudos sobre *bullying* e violência escolar, em levantamentos na base de dissertação e teses da Capes, estão mais voltados para a educação básica. Esta pesquisa, por sua vez, carregou como problematização a verificação da existência (ou não) de *bullying* no ensino superior, com o intuito de aprofundar as análises sobre o tema. Especificamente, nesta pesquisa pergunta-se: existem ou não práticas de *bullying* na Faculdade XTec de São Roque/SP? E que tipos de violências são essas e como elas são ou não enfrentadas pelos estudantes?

A organização deste trabalho está estruturada da seguinte forma: o primeiro capítulo corresponde à Introdução, na qual são apresentados o tema, a justificativa,

os objetivos e a relevância da pesquisa. O segundo capítulo contempla os procedimentos metodológicos adotados para a realização do estudo. O terceiro capítulo desenvolve o referencial teórico, abordando a escola como instituição social; a violência em suas múltiplas formas e fatores desencadeadores; *bullying*; tipos de *bullying*, *bullying* no ensino superior; *bullying* e a educação profissional e tecnológica (EPT) e a legislação anti-*bullying* vigente relacionada ao seu enfrentamento. O quarto capítulo apresenta os dados coletados, seguidos da análise e discussão dos resultados. Por fim, o trabalho é concluído com as considerações finais, nas quais se retomam os principais achados da pesquisa e suas possíveis contribuições para o campo educacional.

2. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Este capítulo tem como objetivo apresentar os procedimentos metodológicos, que foram utilizados, justificando a forma como a pesquisa foi desenvolvida e explicando o caminho adotado para alcançar os objetivos e planos de coleta de dados do trabalho.

Esse estudo possui natureza qualitativa, sendo caracterizado como uma pesquisa descritiva. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica utilizando-se a consulta de publicações acadêmicas e literatura especializada sobre a temática em questão, visando dar sustentação às discussões propostas. Segundo Gil (2008) essa pesquisa permite descrever as características de determinadas populações ou fenômenos e, uma de suas especialidades é a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados. Segundo Marconi e Lakatos (1996, p.24): “Pesquisa bibliográfica: compõe-se de um apanhado dos principais trabalhos realizados e com relevante importância por fornecerem dados atuais intimamente relacionados com o tema proposto”.

De acordo com Gil (2002, pg.44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas”.

O estudo de natureza qualitativa admite interpretar os dados, com o intuito de entender o fenômeno por meio dos sentidos atribuídos pelas pessoas envolvidas com o intuito de compreendê-los, sem dados estatísticos.

2.1. Classificação da pesquisa

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, do tipo descritiva, de acordo com Gil (2002, p. 42), “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Para Minayo (2001) a pesquisa qualitativa é subjetiva, se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com um universo de crenças, aspirações, valores, motivações, significados e atitudes.

Esta pesquisa visou verificar a existência (ou não) de práticas de *bullying* no ensino superior na Faculdade Xtec. Segundo Gil (2002, p. 42) “são incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população”.

Em relação aos procedimentos técnicos se utilizará das pesquisas bibliográficas e do estudo de caso. Para Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” e o estudo de caso “os propósitos do estudo de caso não são os de proporcionar o conhecimento preciso das características de uma população, mas sim o de proporcionar uma visão global do problema ou de identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados”. (Gil, 2002, p. 55)

A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de questionário⁴ *online* semiaberto, com questões de múltiplas escolha e algumas perguntas abertas. O questionário foi aplicado através da plataforma *Google Forms* e enviado somente após explicação acerca da pesquisa aos discentes participantes juntamente ao TCLE e após o retorno da assinatura do TCLE por parte dos que optem a participar.

⁴ O questionário encontra-se disponível no anexo 2 desta pesquisa.

Para Marconi e Lakatos (2003, p. 201), “questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”.

Em relação a análise dos dados qualitativos, a pesquisa adotou a Análise de Conteúdo que baseada em Bardin (2011, p. 47), designa:

Essa técnica é útil para identificar os temas mais relevantes que emergem das respostas dos participantes e consiste em três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Para a análise de dados quantitativos, obtidos a partir das respostas fechadas do questionário, foi utilizada a estatística descritiva que permitiu a identificação de tendências e padrões nos dados coletados, objetivando descrever os desdobramentos do estudo em relação a existência (ou não) de *bullying* no ensino superior da Faculdade Xtec.

Portanto, essa pesquisa foi classificada como descritiva e de natureza qualitativa, visando identificar os estudantes vítimas de *bullying* no ensino superior, verificar os tipos de *bullying*, e, descrever as consequências e quais as estratégias de enfrentamento ao *bullying* são (ou não) utilizadas pelos (as) estudantes no ensino superior nessa instituição.

2.2. Amostra

Segundo Vergara (2010), o sujeito de pesquisa é um ser humano, voluntário ou convidado para participar de um projeto. O participante fica ciente dos objetivos da pesquisa, da metodologia e das questões tratadas, definindo assim, a sua participação. Nesta pesquisa buscou-se verificar se existe ou não o *bullying* no ensino superior na referida unidade da Faculdade XTEC (nome fictício) e, analisou-se as consequências que o *bullying* traz e, quais as estratégias de enfrentamento ao *bullying* são utilizadas (ou não) pelos (as) estudantes. A amostra dessa pesquisa foi não probabilística e conveniente. Conforme Malhotra (2005), a amostra não probabilística confia no julgamento dos entrevistados pelo pesquisador e busca obter uma amostra de elementos convenientes.

De acordo com dados referentes ao ano base 2022, disponibilizados na Plataforma da Faculdade Xtec, em março de 2023, na referida unidade de São Roque são oferecidos os cursos de Gestão Comercial, Gestão de Empreendimentos

Gastronômicos, Gestão de Turismo e Sistemas para Internet, sendo matriculados um total de 572 alunos.

A Faculdade Xtec é uma instituição de ensino superior pública brasileira com objetivo de formar tecnólogos, profissionais cujas áreas de atuação são mais específicas em relação às demais modalidades de graduação (Bacharelado e Licenciatura). Seus cursos de graduação são amplamente reconhecidos pelo mercado de trabalho, educação profissional e tecnológica, pois são importantes instituições brasileiras de ensino superior, sendo pioneiras na graduação de tecnólogos. O total de formandos durante todo o período de existência da Faculdade Xtec, em São Roque, está em torno de aproximadamente 130 alunos anualmente, cujo se tornou fundamental fazer um recorte temporal desta pesquisa delimitando entre alunos que estavam no último semestre do curso. Após essa limitação temporal, o universo de formandos no último período da faculdade totaliza 75 alunos.

Os participantes da pesquisa foram os alunos da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), na Faculdade Xtec, independente do gênero, sexo, faixa etária, etnia, cor/raça, classe ou grupo social e que estavam cursando o último semestre do seu curso. Não se teve a intenção de excluir os participantes por qualquer uma das características mencionadas. Portanto, o critério de inclusão e exclusão foram adotados os seguintes critérios:

Foram incluídos os discentes do ensino superior, alunos da Educação Profissional Tecnológica (EPT) com idade acima de dezoito anos que estiveram cursando o último semestre do seu curso. O critério de exclusão adotado levou em conta o discente estar no último semestre do seu curso, visto que este quesito se mostrou fundamental para a participação na pesquisa. Portanto, foram excluídos os discentes que não estavam no último semestre do seu curso, os que tinham menos de dezoito anos de idade e aqueles que não aceitaram participar dessa pesquisa. A amostra selecionada é do tipo não probabilística, sendo uma amostra por conveniência e definida por acessibilidade que, de acordo com Gil (2017), é aquela na qual a amostra não se fundamenta em dados estatísticos ou matemáticos. Dessa forma, não é possível a aplicação de fórmulas estatística para o cálculo.

O local de realização da pesquisa foi no prédio da Faculdade Xtec, localizado em São Roque/SP. Portanto, como houve apenas o envio de questionário *online* aos participantes não foram utilizadas as dependências físicas do prédio onde são ofertados os cursos, assim como nenhuma outra dependência física da Faculdade

Xtec.

Sendo assim, a amostra intencional foi composta por trinta e oito participantes de ambos os sexos e maiores de 18 anos, a partir da divulgação de um questionário *online*, elaborado pela autora através da plataforma *Google Forms* e compartilhado para esses discentes, em setembro de 2024.

O critério de seleção da instituição Xtec deve-se ao fato de ser a área de interesse da pesquisadora, em educação profissional e tecnológica, sendo uma instituição pública e estadual, além dessa estar relacionada à área de concentração do PPGET do CEFET-MG.

2.3 Etapas da pesquisa

A pesquisa foi realizada seguindo as etapas: revisão de literatura; os capítulos da dissertação, estruturação do questionário *online* e coleta de dados; consolidação e análise dos dados e discussão dos resultados levantados; sistematização das análises feitas na estruturação final do trabalho escrito, revisão e depósito da dissertação.

A pesquisa foi dividida em quatro etapas, sendo:

A primeira etapa inicial, de pré-análise, se dedicou à realização da pesquisa bibliográfica e dos dados analisados que compõem o *corpus* desta pesquisa, logo, para realizar o referencial teórico deste projeto, utilizou-se das seguintes fontes de informações, como: o levantamento em livros, periódicos, bancos de teses e dissertações, sendo: Portal da CAPES de Teses e Dissertações e de periódicos científicos, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e *Google Acadêmicos* realizados pela internet e livros pertencentes ao acervo da biblioteca do CEFET-MG no Campus Nova Gameleira. Foram escolhidos dois descritores para a busca das publicações sendo *Bullying And Ensino Superior*, essa etapa ocorreu praticamente ao longo de toda a pesquisa, sendo iniciada no fim de 2022 estendendo-se até 2024.

A segunda etapa foi realizada ao longo do ano de 2024, no primeiro semestre consistiu nos capítulos da dissertação e na realização da estruturação da coleta de dados, utilizando como ferramenta o uso de um questionário *online* na plataforma *Google Forms*. Segundo Gil (1987, p. 126), “a construção do questionário consiste basicamente em traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem

redigidos”. O *corpus* para análise da pesquisa foi coletado por meio do questionário semiaberto, (cujo modelo se encontra no anexo 2 desta pesquisa), no segundo semestre, foi aplicado o questionário, em setembro de 2024 na Faculdade Xtec. Vale a pena ressaltar que as atividades envolvendo a coleta de dados de seres humanos foram iniciadas somente após a obtenção do parecer aprovado emitido pelo Sistema CEP-CONEP, em maio de 2024. Esta etapa destinou-se à realização da coleta dos dados dos alunos participantes, visando verificar se existe (ou não) o *bullying* na educação superior nos cursos da Faculdade Xtec.

Na terceira etapa, ainda no segundo semestre de 2024, referiu-se à consolidação e análise dos dados e discussão dos resultados recolhidos juntamente com os dados bibliográficos levantados.

A quarta etapa ocorreu no primeiro semestre de 2025 consistindo na sistematização das análises feitas e na estruturação final do trabalho escrito, revisão e depósito da dissertação.

2.3.1 Revisão da Literatura

Para a parte textual e bases pesquisadas para a fundamentação teórico-metodológica desse trabalho realizou-se uma investigação sobre os seguintes conceitos: um referencial teórico sobre: Escola como instituição social, Violência escolar, formas e seus desencadeadores, *Bullying* e seus conceitos, Tipos de *bullying* e suas consequências, *Bullying* no Ensino Superior, Enfrentamento ao *bullying* no ensino superior, *Bullying* e EPT e Leis de combate ao *bullying* ; em seguida abordou-se um capítulo sobre os Procedimentos Metodológicos; Resultados e Discussão; e, as Considerações Finais sobre o tema.

As palavras-chaves que serviram para localização das referências dessa pesquisa foram: *Bullying*; Violência Escolar; Educação Profissional e Tecnológica; Ensino Superior.

Realizou-se uma pesquisa primária com revisão de literatura baseada em livros, sites e artigos. Foram utilizados termos que abrangem e aderem os temas de *bullying* no ensino superior, como conceitos, definições e fatores influentes ao tema, tais artigos foram encontrados nas bases de pesquisas do Google Acadêmico, sites de

buscas, *Scielo* e Periódicos Capes, como dissertações e teses também, além de livros de autores que falavam sobre o assunto.

2.3.2 Instrumentos de Coleta

Com a finalidade de atingir os objetivos propostos, foram utilizados dois conjuntos de instrumentos na investigação desta pesquisa acadêmica:

- a) Pesquisa secundária: foi realizada a coleta através de estudos em livros, sites, artigos e matérias de jornais ou revistas.
- b) Pesquisa terciária: foi coletada através de um questionário semiestruturado diretamente com os alunos que cursaram o último semestre de graduação na Faculdade Xtec.

O questionário semiestruturado *online* foi composto por vinte questões, entre essas, cinco questões dissertativas e quinze alternativas de múltipla escolha de acordo com o tema abordado, tendo como finalidade fundamental analisar existência (ou não) de *bullying* no ensino superior na Faculdade Xtec e, em caso afirmativo, que tipos de violências são essas e como elas são ou não enfrentadas pelos estudantes.

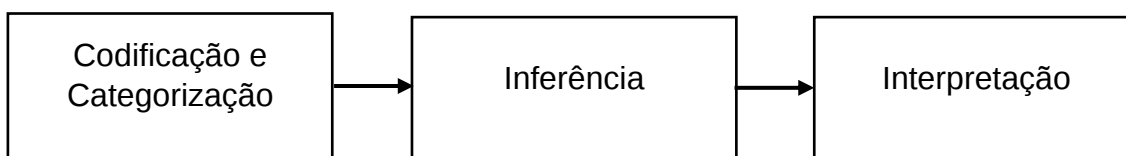
2.3.3 Procedimentos de análise

A coleta de dados foi realizada através de um questionário *online*, o qual necessitou reunir e organizar os dados para analisar o conteúdo obtido. Um dos procedimentos de análise comum a vários tipos de metodologias é a categorização e a análise de conteúdo.

Segundo Gomes (2004, p.70), a palavra categoria, em geral, se refere a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si. Essa palavra está ligada à ideia de classe ou série. Ainda segundo o autor, abstraímos dados da realidade empírica na medida em que construímos categorias cognitivas. Dessa forma, na análise dos dados da pesquisa e as categorias ajudaram a analisar, organizar, separar, unir, classificar e validar as respostas encontradas nos instrumentos de coleta para análise do conteúdo.

Portanto, conforme explicado por Bardin (1979), a análise de dados dessa pesquisa foi realizada através das etapas de análise de conteúdo descritas na Figura 1.

Figura 1 – Etapas da análise de conteúdo



Fonte: desenvolvido pela Autora a partir de Bardin, 1979.

Segundo Bardin (2011, p.15), a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. E ainda segundo a autora, a análise do conteúdo procura conhecer o que está por trás do significado das palavras na análise do conteúdo e análise documental, pois algumas técnicas e procedimentos na análise de conteúdo fazem referência à análise documental como forma de condensação das informações, para consulta e armazenamento.

Bardin (2011) cita os critérios de categorização como uma escolha de categorias, o qual em geral é uma forma de pensamento e reflete a realidade de forma resumida e em determinados períodos ou momentos. Também segundo a autora, ela apresenta a inferência como técnica de tratamento de resultados, a qual é orientada por diversos polos de atenção, isto é, os polos de comunicação entre emissor receptor, mensagem e canal.

Santos (2012) relata que os critérios de organização de uma análise incluem a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, sendo este último composto pela codificação e pela inferência. Na fase inicial, a pré-análise, o material é organizado, constituindo o corpus da pesquisa. Nesse momento, selecionam-se os conteúdos e documentos, formulam-se hipóteses e elaboram-se indicadores que orientarão a interpretação final dos dados.

Nesse sentido, diante do instrumento de coleta é feita uma pré-análise, reunindo e separando os dados da pesquisa para organizar os procedimentos da análise e, assim poder validar e interpretar as respostas encontradas na coleta para análise do conteúdo.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo apresentamos o referencial teórico que estruturou esta pesquisa com base em publicações e estudos de renomados autores, reconhecidos nacional e mundialmente por contribuírem com seus trabalhos e pesquisas para o aperfeiçoamento da área de educação, apresentando-se as teorias, conceitos e leis que nos são úteis para compreender e analisar o objetivo estabelecido pela temática desenvolvida.

A conexão do referencial teórico foi delineada por meio de uma compreensão que parte do ambiente externo para o ambiente interno, ou seja, do macro para o micro, pois inicialmente nesta pesquisa compreendemos questões que contemplam a sociedade de forma mais abrangente para logo depois estreitarmos para a temática da pesquisa.

3.1 A escola como instituição social

A educação é um dos meios mais poderosos para transformar o mundo, pois muitos desafios ainda persistem na sociedade, como a pobreza, a violência, o preconceito, a discriminação, a intolerância à diversidade, os problemas de inclusão e exclusão social, além da degradação ambiental, entre outros. Todos esses transtornos se dão justamente pela ausência da educação no meio social. De acordo com Saviani (1992, p. 16), “a educação é atividade necessária para a existência humana, uma vez que as atividades práticas são mediadas por uma gama de conhecimentos produzidos pelas gerações anteriores”.

A escola, instituição social legítima de educação formal do homem na sociedade capitalista contemporânea, constitui um aparelho ideológico do Estado, que cumpre com a função de conformar o indivíduo para a plena consecução dos interesses hegemônicos (Silva e Silva Junior, 2022).

A escola e a família são instituições sociais fundamentais na formação do indivíduo. É essencial que atuem em sinergia, de modo que a educação recebida no ambiente familiar contribua para o processo de escolarização e favoreça a socialização do sujeito.

Segundo Libâneo, Oliveira e Toschi (2009), a educação é preexistente à escola, é uma prática social e tem veracidade por ser essencialmente humana, envolvendo sujeitos que ensinam e aprendem conteúdos, métodos e técnicas que condizem com os objetivos desejados.

A escola, enquanto instituição social, prepara o corpo e a mente do indivíduo para o trabalho por meio da imposição de horários e da transmissão de normas sociais, legais e comportamentais características marcantes do trabalho fabril nas sociedades industriais dos séculos XIX e início do XX. Além disso, a escola promove a aprendizagem de conteúdos culturais essenciais, como leitura, escrita, ciências, artes, entre outros.

Libâneo, Oliveira e Toschi (2009) mencionam que a escola foi construída socialmente e consiste em empreendimento humano e organização histórica, pois a escola deve ajudar os alunos a desenvolver suas capacidades intelectuais e cognitivas frente a um conjunto de problemas sociais existentes no mundo hoje e que afetam a juventude. Nesse pensamento crítico, a escola é vista como organização política, ideológica e cultural, no qual grupos de indivíduos com diferentes interesses e percepções se enfrentam e lutam pelo poder.

A escola é um dos primeiros espaços, fora do ambiente familiar, onde as crianças têm a oportunidade de interagir com seus pares. Essa convivência contribui significativamente para o desenvolvimento de habilidades sociais, como a comunicação, a empatia e o trabalho em equipe. Durante o período escolar, os jovens vivenciam uma fase crucial de desenvolvimento e construção da identidade.

As experiências vivenciadas na escola, tanto acadêmicas quanto sociais, contribuem para essa construção. Fernandes e Seixas (2012) afirmam que os problemas de relacionamento e a falta de aceitação de crianças no meio social são predisposições futuras aos problemas de convivência social, pois a dificuldade em fazer amigos, o isolamento, a baixa aceitação pessoal provocam a rejeição dos pares e podem possibilitar que essa pessoa se torne vítima de *bullying*.

A escola, como instituição social de caráter disciplinar, desempenha um papel fundamental na formação do indivíduo. Juntamente com a família, contribui significativamente para o processo de socialização, ao preparar o aluno para o trabalho e para a vida em sociedade, por meio da transmissão de valores, normas e conhecimentos. Além disso, cabe à escola promover a socialização dos estudantes,

conectando o saber escolar às suas experiências e possibilitando que reconheçam e respeitem a diversidade presente no contexto social em que estão inseridos.

Ao viver em sociedade, o indivíduo é constantemente transformado pelas experiências que vivencia, adquirindo novas formas de pensar, sentir e agir. Com isso, desenvolve gradativamente sua personalidade e adapta-se ao meio em que está inserido. As interações sociais, que ocorrem nas instituições sociais, contribuem para que os estudantes compreendam a si mesmos e aprendam a conviver com os outros, reconhecendo-se como sujeitos sociais e históricos, produtores de cultura. Dessa forma, constrói-se a base inicial para o exercício pleno da cidadania.

A Constituição Federal Brasileira assegura a educação como um direito de todos e um dever do Estado e da família, com o objetivo de preparar o indivíduo tanto para o exercício da cidadania quanto para o trabalho. No entanto, diversos obstáculos podem comprometer a permanência do estudante na escola, como dificuldades de acesso, problemas de transporte, barreiras na aprendizagem, condições socioeconômicas desfavoráveis, violência escolar, entre outros.

O sistema educacional, enquanto instituição social, ainda não tem conseguido eliminar um dos principais obstáculos presentes nas escolas: a violência. Essa realidade, alimentada por diversos fatores interligados, compromete o ambiente escolar, podendo dificultar a permanência dos estudantes e inviabilizar o pleno exercício do direito à educação:

[...] a desagregação da família, a pobreza, a má distribuição de renda, se analisados isoladamente, não conseguem explicar a violência, pois deixam lacunas, visto que não há regras fixas para explicar a violência na atualidade, pois esta está disseminada em todos os meios sociais. É a somatória desses determinantes, da crescente globalização, do consumismo pregado pela mídia, a escolaridade precária da maioria, o desemprego ou subemprego, a banalização da violência nos filmes e novelas, entre muitos outros. Todas essas variáveis talvez consigam explicar o crescimento da violência (Pereira, 2010, p.26).

A escola, como instituição social, varia ao longo do tempo e do espaço, refletindo em sua estrutura, objetivos e formas de atuação os padrões culturais vigentes em cada época e em cada grupo social. O fortalecimento do papel social da escola é essencial, e a violência não deve ser compreendida de forma isolada. Acolher os estudantes, estreitar os laços com as famílias e investir na formação dos profissionais da educação são ações fundamentais para o enfrentamento da violência no ambiente escolar, especialmente no que diz respeito ao *bullying*.

A instituição tem se mostrado um reflexo direto de uma sociedade marcada por diversos problemas, inclusive a violência. Por isso, deve priorizar ações e o cultivo do diálogo como meios para resolver pequenos conflitos e conciliar diferentes pontos de vista entre os alunos. As instituições possuem o potencial de se tornarem espaços inclusivos, que promovem a diversidade e respeitam as diferenças aspectos essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Com base no Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2018), as instituições brasileiras, especialmente as públicas, enquanto espaços sociais difusores de conhecimentos e práticas inovadoras, assumiram o compromisso de promover a formação crítica, estimular a autonomia do pensamento, incentivar a descoberta do novo e impulsionar transformações históricas:

Tal dimensão torna-se ainda mais necessária se considerarmos o atual contexto de desigualdade e exclusão social, mudanças ambientais e agravamento da violência, que coloca em risco permanente a vigência dos direitos humanos. As instituições de ensino superior precisam responder a esse cenário, contribuindo não só com a sua capacidade crítica, mas também com uma postura democratizante e emancipadora que sirva de parâmetro para toda a sociedade. (BRASIL CNEDH, 2018, P. 23)

Portanto, a escola, enquanto instituição social, constitui um elemento fundamental da sociedade, pois tem como objetivo adequar o indivíduo ao ambiente em que vive, buscando manter um equilíbrio entre as expectativas do indivíduo e as demandas sociais. Para isso, é essencial que a escola, a família e a sociedade atuem de forma integrada, a fim de implementar ações que atendam às necessidades dos estudantes, promovendo acolhimento e melhoria na aprendizagem, independentemente do nível escolar.

De acordo com a Constituição Federal de 1988, no Art. 205, “a Educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade. Visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Afirmando que “a educação é direito de todos”, se faz necessário entender que a educação está alicerçada na aceitação das diferenças e na valorização do indivíduo, independente dos fatores físicos e psíquicos.

Partindo dessa premissa, a inclusão deve garantir que todos tenham os mesmos direitos e deveres nas instituições de ensino, construindo um ambiente que favoreça o desenvolvimento dos alunos, valorizando suas diferenças e o potencial de

cada um. Contudo, ao contrário desse modelo ideal de educação, ainda são observadas práticas que promovem a exclusão no ambiente escolar, representando um grande desafio para o avanço de uma educação verdadeiramente inclusiva: o *bullying*.

A inclusão e a exclusão social⁵ nas instituições escolares são temas complexos e interligados, que refletem as desigualdades presentes na sociedade e as dinâmicas sociais, econômicas e culturais de um país. O *bullying*, assim como os processos de inclusão e exclusão, são questões interdependentes que impactam diretamente o ambiente escolar e influenciam o desenvolvimento de crianças, adolescentes e até mesmo adultos.

É de grande importância a inclusão social nas instituições, para que se problematize, combata e supere os preconceitos, as discriminações e as práticas de *bullying* a todos os/as estudantes, independentemente de suas diferenças (como raça, gênero, deficiência, orientação sexual), para que tenham acesso a um ambiente educacional acolhedor. No âmbito estudantil, assim como na sociedade, as pessoas apresentam suas singularidades: diferentes tamanhos, etnias, visões de mundo, histórias de vida, modos de ser, sentir, agir e sonhar. A riqueza cultural do nosso país, na maioria das vezes, não é levada em consideração no cotidiano da escola (Beaudoin e Taylor, 2006).

A inclusão e a exclusão social nas instituições de ensino superior podem desencadear situações de *bullying* de diversas formas, especialmente pela desigualdade de acesso, na qual estudantes de diferentes origens socioeconômicas vivenciam experiências distintas dentro da instituição. Estudantes provenientes de contextos mais privilegiados podem, muitas vezes, marginalizar aqueles que enfrentam maiores desafios, contribuindo para a ocorrência de *bullying*.

A exclusão social pode alimentar preconceitos com base nos estereótipos do indivíduo, como raça, gênero, orientação sexual ou classe social, podendo resultar em comportamentos de *bullying* direcionados a grupos que já estão em desvantagens.

As escolas como instituição social devem implementar práticas pedagógicas que valorizem a diversidade, visando promover o respeito entre os envolvidos, pois é

⁵A antinomia exclusão/inclusão inclui o direito à satisfação das necessidades básicas de aprendizagem, a eliminação das barreiras à aprendizagem e a participação de todos no sistema educativo, porém é um tema muito amplo e complexo a ser discutido aqui e precisaria de um capítulo somente para essa temática.

fundamental, juntamente com a formação de professores e atividades que desenvolvam a empatia e respeito ao próximo.

A diversidade engloba a variedade e as diferenças entre indivíduos e grupos em uma sociedade, e a escola desempenha um papel fundamental na socialização dos saberes e práticas relacionadas a essa diversidade, bem como na construção da identidade do estudante. No contexto educacional, temas como sexualidade, diversidade e relações de gênero ainda são frequentemente regulados por princípios morais e abordados sob uma perspectiva heteronormativa, que privilegia as características biológicas em detrimento dos aspectos sociais e culturais, os quais exercem grande influência nas relações de gênero.

Essa realidade nas instituições de ensino é permeada de preconceitos, discriminação, incluindo o *bullying* dentro desses ambientes estudantis, o qual provoca diversas consequências psicológicas e implicações significativas na formação da identidade e entendimento da orientação sexual dos indivíduos na vida adulta. Neris (1998) cita que já não mais vivemos em uma época de eliminar os diferentes, no entanto, é necessário entendermos que não proporcionar a eles as condições adequadas para sua vida não deixa de ser uma forma de exclusão.

O ser diferente não poderia jamais constituir-se num obstáculo a uma convivência fraterna e harmoniosa entre as pessoas, até mesmo porque a diferença sempre esteve presente na obra da criação do universo como algo natural e permanente. (Neris, 1998, p.5)

A maneira como as questões de gênero, diversidade, sexualidade e orientação sexual são abordadas nas instituições de ensino e incorporadas ao currículo exerce papel fundamental na formação dos indivíduos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva que valoriza a diversidade de identidades e vivências. Contudo, é imprescindível enfrentar esse desafio, promovendo a desconstrução de estigmas e preconceitos, a fim de construir uma sociedade mais justa e respeitosa.

A escola, enquanto instituição social, deve promover a diversidade, incentivando a inclusão de grupos historicamente marginalizados, como minorias étnicas, pessoas com deficiência e a população LGBTQIAPN+. Educar na diversidade significa ensinar que, independentemente das diferenças físicas, sociais e culturais, é possível construir um ambiente que favoreça não apenas a aprendizagem, mas também o respeito, a empatia e um convívio saudável.

3.2 Violência escolar, suas formas e desencadeadores

Nesta seção, são apresentados termos e conceitos que permitem definir a violência escolar, suas formas e desencadeadores. Embora esses conceitos sejam complexos, eles fornecem uma base para estudos, pesquisas e estratégias de prevenção de episódios violentos nas instituições de ensino, possibilitando uma melhor compreensão do contexto em que tais ações ocorrem.

A palavra “violência” deriva do termo latino *violentia*, que, por sua vez, tem origem no latim *vis*, cujo significado é “força”. Violência é o ato de exercer força contra a natureza de outro ser, uma prática presente na humanidade desde tempos remotos. Esse fenômeno está presente no cotidiano das pessoas, permeando as relações interpessoais em diversas manifestações, situações e espaços. Atualmente, a sociedade vive em um mundo marcado pela violência, onde o ser humano é competitivo, cultivando o individualismo e a disputa.

A violência é compreendida como uma manifestação histórica e social, de múltiplas e complexas facetas, que interage com o ambiente cultural e escolar. A violência, especialmente a escolar, é um fenômeno complexo, com diversas concepções que variam conforme o período histórico, a cultura, os valores e a ética do grupo social ao qual o indivíduo pertence.

Debarbieux (2006, p. 93) afirma que:

[...] a violência parece escapar a uma definição única. É necessário dizer que o fenômeno surge de modo relativo: relativo a uma certa época, a um meio social, a circunstâncias particulares. Ela depende de códigos sociais, jurídicos e políticos das épocas e dos lugares onde ela toma sentido.

A educação como instrumento de prevenção da violência é essencial, pois estudos indicam que a ausência dela contribui para o aumento de comportamentos agressivos. A educação desempenha um papel fundamental na construção de habilidades socioemocionais e na promoção de valores como respeito, tolerância e empatia.

A falta de acesso à educação de qualidade pode acarretar diversas consequências negativas, como marginalização social, pobreza e exclusão, aumentando, assim, a probabilidade de o indivíduo se envolver em comportamentos violentos uma realidade observada atualmente em todo o mundo.

A educação, além de transmitir conhecimentos acadêmicos, desempenha um papel fundamental na formação do caráter, no desenvolvimento de habilidades sociais e na construção de valores essenciais para uma convivência pacífica e harmoniosa. Ela é um mecanismo central para a redução da desigualdade social, enquanto sua ausência frequentemente resulta em marginalização, que pode levar ao comportamento violento como uma resposta ao processo de exclusão social (Bourdieu, 1998).

Em contextos de alta desigualdade, especialmente em áreas empobrecidas, a ausência de uma educação formal adequada pode levar as pessoas a buscar outras formas de expressão e reivindicação de suas necessidades, muitas vezes recorrendo à violência.

Entende-se que a violência nas escolas não é um problema isolado, mas uma questão complexa que demanda uma abordagem ampla e interdisciplinar. Não se trata de um fenômeno recente, e ao longo dos anos diversas formas de violência escolar têm surgido diariamente nesses ambientes. De fato, a violência escolar tem se tornado objeto de estudo para pesquisadores de diferentes áreas e impacta a sociedade como um todo, consolidando-se como uma questão de relevância mundial.

Sposito (2001) relata que, a partir da década de 1980, tiveram início as primeiras pesquisas sobre violência escolar no Brasil, quando os estudos se concentravam principalmente nas frequentes depredações e atos de vandalismo. Já na década de 1990, a violência escolar tornou-se mais presente nas interações entre grupos de alunos, ampliando a complexidade da análise desses fenômenos, como, por exemplo, a constante ocorrência de agressões verbais e ameaças.

Charlot na década de 1990, na Europa, em sua pesquisa sobre a violência na escola por sociólogos franceses apresentou a transformação do fenômeno da violência e a importância de precocemente discernir perante as diversificações existentes:

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro lugar. A violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos

adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas...) (Charlot, 2002, p. 434 e 435).

O índice de violência nas escolas é alarmante e preocupante no Brasil. “As pessoas hoje temem mais a violência no ambiente escolar que nas ruas. Como uma mãe consegue ter tranquilidade para trabalhar, se sente pavor ao deixar seus filhos na escola?” Ou seja, a violência escolar está impactando toda a família. Afirmação de uma mãe em uma pesquisa do DataSenado realizada pela Agência Senado (2023).

De acordo com a Agência Senado (2023), uma pesquisa apresentada pelo Instituto DataSenado em audiência pública da Comissão de Educação revelou que 90% dos brasileiros temem que seus filhos ou pessoas próximas sofram algum tipo de violência no ambiente escolar. O estudo ouviu 2.068 entrevistados, com 16 anos ou mais, de todas as regiões do país, abrangendo diferentes classes sociais e faixas etárias, por meio de entrevistas telefônicas, seguindo a metodologia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A pesquisa também revela que, entre julho de 2022 e julho de 2023, 32% dos brasileiros receberam vídeos ou mensagens contendo ameaças de violência nas escolas. Além disso, 11% dos entrevistados afirmaram que eles próprios ou pessoas próximas sofreram violência escolar nos últimos 12 meses. Com base nesses dados, o instituto estima que aproximadamente 6,7 milhões de brasileiros foram diretamente afetados pela violência escolar.

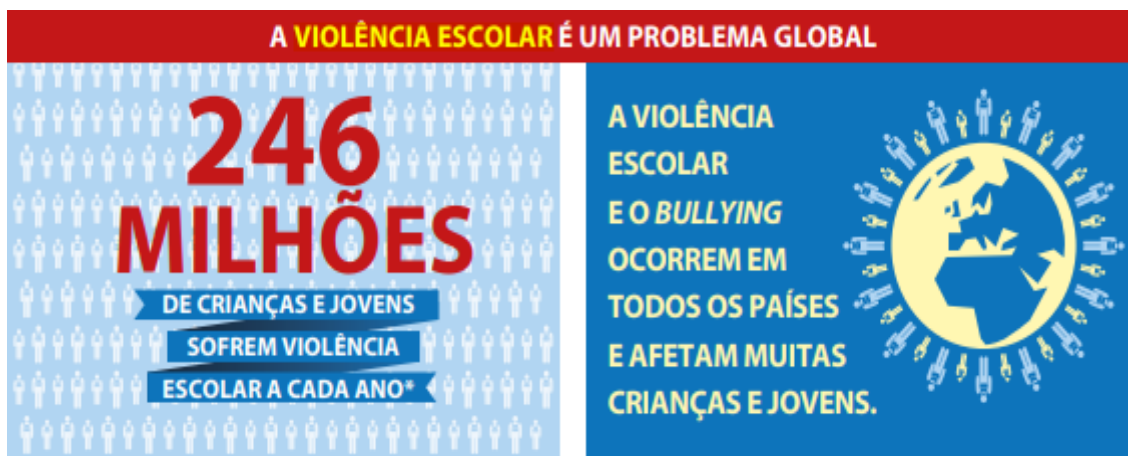
A pesquisa também indica que 22% dos entrevistados sofreram violência no ambiente escolar em algum momento da vida, enquanto 36% relataram ter sido vítimas de *bullying* nas escolas. Esse dado revela que uma parcela significativa da população ainda não associa atos de agressão ou intimidação à violência, algo considerado “contraditório” por Isabela Campos, chefe de Pesquisa do DataSenado (Borges, 2023).

Ao longo da vida estudantil e do desenvolvimento dos alunos, surgem diversos conflitos e desafios que afetam todos, sejam eles indivíduos mais populares ou mais tímidos. Essas diferenças de personalidade e opinião, muitas vezes, provocam grandes transtornos no cotidiano escolar.

Essas formas de violência se manifestam por meio de diversos atos, ocorrendo tanto dentro quanto fora dos muros das instituições escolares. Alunos, docentes, técnico-administrativos, pais ou responsáveis, gestores e outras pessoas envolvidas no cotidiano escolar podem ser tanto autores quanto vítimas da violência escolar.

Segundo a UNESCO (2019, p.15), “a violência escolar inclui a violência física, psicológica, violência sexual e o *bullying*; é praticada e vivenciada por estudantes, professores e outros funcionários da escola.” E os dados divulgados em 2019, conforme a figura 2 são alarmantes.

Figura 2: Violência Escolar



Fonte: UNESCO (2019, p.15).

E sobre violência escolar, ainda vale ressaltar que:

Uma forma de violência deve despertar a atenção dos profissionais da educação: aquela que se apresentam de forma velada, por meio de um conjunto de comportamentos cruéis, intimidadores e repetitivos, prolongadamente contra uma mesma vítima, e cujo poder destrutivo é perigoso à comunidade escolar, e à sociedade como um todo, pelos danos causados ao psiquismo dos envolvidos (Fante, 2005, p. 21).

A violência “é um fenômeno heterogêneo e difícil de delimitar”, especialmente quando os seus lócus é a escola, onde devem ser consideradas as relações de poder e o status de quem fala: professores, diretores ou alunos. (Abramovay; Rua, 2002, p. 69). A violência escolar têm sido uma temática discutida tanto na área da educação como da saúde.

Em relação à natureza e formas a violência escolar pode ser classificada em física, psicológica/moral, sexual, patrimonial e o *bullying*, conforme a figura 3.

Figura 3 – Violência Escolar e o *Bullying*

Fonte: UNESCO (2019, p.15).

Analisando a figura 3, o *bullying* e a violência escolar possuem uma relação, uma vez que o *bullying* é uma das principais expressões da violência escolar. A prática constante do *bullying* pode gerar um ambiente escolar inseguro, afetando o rendimento acadêmico e a saúde mental dos estudantes, pois onde há altos índices de *bullying*, costuma haver também aumento de outras formas de violência, como brigas, vandalismo e até violência armada.

O *bullying* pode evoluir para formas mais graves de violência, inclusive levando a casos extremos como automutilação, depressão profunda ou até suicídio (bulicídio)⁶. As vítimas de *bullying* muitas vezes se tornam também agressores ou reproduzem a violência em outros contextos.

Existem diversos tipos de violência escolar, e eles podem ser classificados de acordo com as formas como se manifestam. Quando ocorre dentro da escola, ela compõe o quadro da violência escolar, prejudicando não só a vítima, mas o ambiente educacional como um todo.

Sobre violência física a UNESCO destaca que:

Considera-se violência física qualquer forma de agressão física com a intenção de machucar, e ela inclui o castigo físico e o *bullying* corporal praticados por adultos e outras crianças. No castigo físico, a força física é usada com a intenção de causar algum grau de dor ou desconforto, e é frequentemente usada para punir o fraco desempenho acadêmico ou corrigir mau comportamento. A violência física inclui a agressão verbal e o abuso emocional, que se manifestam nos atos de isolar, rejeitar, ignorar, insultar, difamar, contar mentiras, xingar, ridicularizar, humilhar e ameaçar e também na forma do castigo psicológico. Este último, envolve tipos de castigo que não são físicos, mas que humilham, difamam, elegem um bode expiatório,

⁶ Bulicídio ou *bullycide* termo que refere-se a um suicídio atribuído a uma pessoa que sofreu *bullying*, tanto pessoalmente quanto por *cyberbullying*

ameaçam, assustam ou ridicularizam a criança ou o adolescente. (UNESCO, 2019, p.15)

A violência física prejudica o aprendizado, gerando um impacto na educação do indivíduo, aumentando a evasão escolar e afetando o desempenho dos estudantes, pois os estudantes que sofrem agressões físicas tendem a ter dificuldades de concentração, medo e ansiedade no ambiente estudantil. A violência física é uma forma grave de violação dos direitos humanos, com impactos profundos no desenvolvimento físico, psicológico e emocional das vítimas, especialmente quando afeta crianças e adolescentes.

As consequências da violência física são profundas e duradouras, afetando o corpo, a mente e o desenvolvimento social e emocional das vítimas, podendo levar a traumas, dificuldades escolares, depressão e até perpetuação do ciclo da violência.

A educação e a conscientização são essenciais para prevenir a violência física, pois é necessário promover uma cultura de paz, diálogo e respeito mútuo desde a infância, promovendo uma convivência familiar baseada no diálogo e na escuta ativa.

A prevenção da violência física requer ações integradas entre famílias, escolas, comunidades e governos, que promovam ambientes escolares seguros e a criação de políticas eficazes contra o *bullying* e a violência. Além disso, campanhas de conscientização são essenciais para divulgar informações sobre os efeitos da violência física e os direitos das vítimas, incentivando a denúncia dos casos e reforçando que a violência não deve ser silenciada. É fundamental fortalecer as redes de proteção social e garantir o acesso ao apoio psicológico. Prevenir a violência física vai além de punir os agressores; envolve também educar, acolher e transformar atitudes, construindo uma cultura de paz e respeito.

As formas de violência podem ocorrer em diferentes contextos: familiar, escolar, profissional, afetivo e social. E, diferente da violência física, existe a violência psicológica é uma forma de agressão que, embora não deixe marcas físicas, provoca profundos danos emocionais, mentais ou sociais à vítima. Ela envolve ações que humilham, intimidam, ameaçam ou manipulam outra pessoa, afetando diretamente sua autoestima, confiança, segurança e bem-estar.

O Ministério da Saúde (2001), conceitua a violência psicológica sendo:

...toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa. Inclui: ameaças, humilhações, chantagem, cobranças de comportamento, discriminação, exploração, crítica pelo desempenho sexual, não deixar a pessoa sair de casa, provocando o isolamento de amigos e familiares, ou impedir que ela utilize o seu próprio

dinheiro. Dentre as modalidades de violência, é a mais difícil de ser identificada. Apesar de ser bastante frequente, ela pode levar a pessoa a se sentir desvalorizada, sofrer de ansiedade e adoecer com facilidade, situações que se arrastam durante muito tempo e, se agravadas, podem levar a pessoa a provocar suicídio. (Brasil, 2001, apud Silva et al, 2005).

No ambiente escolar, manifesta-se por meio de humilhações, exclusões, ameaças, insultos e comportamentos que desvalorizam ou intimidam o outro. Essa violência pode partir de colegas, professores ou outros membros da comunidade escolar, e tem como principal efeito o comprometimento da saúde mental da vítima. Segundo Abramovay (2002), muitas dessas práticas se naturalizam no cotidiano das escolas, dificultando sua identificação e enfrentamento. Para combater essa forma de violência, é necessário promover uma cultura escolar baseada no respeito, na empatia e no diálogo, com ações preventivas e políticas de apoio psicológico aos envolvidos.

Existem diversos tipos de violência escolar, que podem afetar não apenas os alunos, mas também professores, funcionários e toda a comunidade escolar. A violência nas escolas vai além das agressões físicas e psicológicas, manifestando-se frequentemente de formas sutis, silenciosas e até mesmo naturalizadas. Entre essas formas, destaca-se a violência sexual, uma das mais graves e silenciosas, especialmente por envolver relações de confiança e autoridade no ambiente escolar.

Para a UNESCO (2019), a violência sexual inclui intimidação de natureza sexual, assédio sexual, contato corporal indesejado, coerção sexual e estupro, e afeta meninas e meninos.

De acordo com a definição do Ministério da Saúde (2002), o abuso sexual consiste em:

...todo ato ou jogo sexual, relação heterossexual ou homossexual cujo agressor está em estágio de desenvolvimento psicosssexual mais adiantado que a criança ou adolescente. Tem por intenção estimulá-la sexualmente ou utilizá-la para obter satisfação sexual. Apresenta-se sob a forma de práticas eróticas e sexuais impostas à criança e ao adolescente pela violência física, ameaças ou indução de sua vontade. Esse fenômeno violento pode variar desde atos em que não se produz o contato sexual (voyerismo, exibicionismo, produção de fotos), até diferentes tipos de ações que incluem contato sexual sem ou com penetração. Engloba ainda a situação de exploração sexual visando lucros como é o caso da prostituição e da pornografia (Ministério da Saúde, 2002, p.13).

De acordo com Abramovay (2002), o assédio sexual no ambiente escolar deve ser compreendido de forma ampla, ultrapassando os limites do contato físico. A autora destaca que esse tipo de violência inclui olhares insistentes, gestos, piadas,

comentários obscenos, propostas ou insinuações com teor sexual, além de contatos físicos disfarçados como acidentais. Outras manifestações, como fofocas, frases ofensivas e desenhos com conotação sexual em banheiros ou outros espaços escolares, também são formas de assédio.

Abramovay compreende o assédio sexual de maneira mais ampla, o qual:

Pode incluir formas diversas de intimidação sexual olhares, gestos, piadas, comentários obscenos, exhibições e de abusos como propostas insinuações e contatos físicos aparentemente não intencionais além de fofocas, frases, desenhos no banheiro, etc. Destaque-se que o assédio sexual é percebido como uma das formas mais comuns de violência de professores contra alunos, principalmente contra as mulheres (Abramovay, 2002, p. 247).

A autora destaca que o assédio sexual é uma das formas mais comuns de violência cometida por professores contra alunos, afetando principalmente as alunas. Essa realidade evidencia uma relação desigual de poder, na qual a autoridade docente pode ser exercida de maneira abusiva, causando sérios danos emocionais, baixa autoestima, evasão escolar e um sentimento persistente de insegurança.

Dessa forma, é fundamental que a instituição promova espaços de diálogo e escuta ativa, além de estabelecer mecanismos eficazes de denúncia e acolhimento. Também são necessárias ações educativas que combatam a naturalização desse tipo de violência, por meio da implementação de medidas preventivas, como a formação ética dos profissionais, canais seguros para denúncias e iniciativas que promovam o respeito mútuo e a equidade de gênero.

A violência escolar não tem uma única causa, há uma série de fatores que influenciam na manifestação do fenômeno, conforme a figura 4.

As causas subjacentes da violência escolar e do *bullying* são as mais diversas, incluindo normas sociais e de gênero, fatores estruturais e contextuais mais amplos nessa temática. Alguns dos desencadeadores dessas violências nas instituições são: deficiência; questões ligadas a gênero; vulnerabilidades como a pobreza e status social; as diferenças étnicas; culturais ou linguísticas; aparências físicas e questões sobre a orientação sexual, expressão e identidade de gênero.

Para UNESCO (2019, p. 17), “o sistema escolar e educacional também atua dentro do contexto de fatores sociais e estruturais mais amplos, e podem refletir e reproduzir ambientes que não protegem as crianças e adolescentes da violência e *bullying*. “

Figura 4 – Desencadeadores da Violência Escolar e do *Bullying*



Fonte: UNESCO (2019, p.17).

Entre os fatores de risco associados a ocorrência da violência no meio escolar estão (Krug et al., 2002):

- Fatores Individuais: impulsividade, baixa autoestima e uso de álcool e/ou outras drogas.
- Fatores Familiares: cuidados parentais deficitários, baixa coesão familiar e violência intrafamiliar.
- Fatores Escolares: estrutura escolar precária, ausência de regras de convivência claras e práticas pedagógicas abusivas.
- Fatores Sociais: desigualdade social, cultura patriarcal, sexismo, racismo e individualismo.

3.3 Bullying

Atualmente, o ambiente escolar, que deveria ser um espaço de construção de conhecimentos, fortalecimento e convivência entre indivíduos e a sociedade, tornou-

se um palco de agressões, insultos, desrespeito mútuo, *bullying*⁷ e preconceito. Essa realidade já está presente nas instituições de ensino há bastante tempo.

O *bullying* tornou-se um comportamento recorrente na sociedade contemporânea e, embora faça parte do que se compreende como violência, ainda não recebe a devida atenção (Gonçalves & Matos, 2009). As primeiras análises sobre o tema surgiram na década de 1970, mas foi apenas nos anos 1990 que o *bullying* passou a ser reconhecido como um conceito relevante nos estudos sobre a violência. Apesar de ser um fenômeno antigo tão antigo quanto a própria escola, o termo não possui tradução exata para a língua portuguesa e, geralmente, ocorre entre pares, tendo o ambiente escolar como seu principal palco (Fante, 2015).

Para Morgado e Silva (2011, p. 2), “este é um tema envolto por polêmicas, a começar pela sua conceituação. A origem da palavra *bullying* é o termo inglês *bully*, cuja tradução literal é valentão, tirano (Gomes e Rezende, 2011). Foi importada da língua inglesa, e não foi traduzida devido à amplitude do conceito (Morgado e Silva, 2011). Não há ainda uma palavra no Brasil que defina o “*bullying*”, seu sentido é considerado uma espécie de tirania (Mateus e Pingoello, 2015).

O psicólogo Dan Olweus, considerado o precursor do tema “*bullying*”, foi pioneiro neste campo, o primeiro pesquisador a pensar sobre *bullying* e dar ao fenômeno a devida importância, em 1970, como catedrático de Psicologia da Universidade Bergen, na Noruega, ele inicia um projeto em larga escala e sua pesquisa é hoje referência para os estudiosos do assunto e foi publicada naquela região, em 1973, e nos Estados Unidos em 1978, podendo ser encontrada sob o título *Agressions in the Schools: Bullies and Whipping Boys*. É preciso enfatizar que esta foi a primeira grande investigação sistemática sobre o tema (Morgado e Silva, 2011).

Mateus e Pingoello (2012) ressaltam a importância da definição correta do termo *bullying* para que não sejamos acusados de colocar todos os conceitos em uma mesma terminologia, o qual não devemos confundi-lo com racismo, com violência pontual, com depredação escolar, com brigas de gangues na escola, com assédio sexual ou moral. Apesar dos diversos conceitos atribuídos ao *bullying* nas últimas décadas, o *bullying* é um conceito específico e muito bem definido, de forma que não deixa confundir com outras formas de violência (Calhau, 2009).

⁷O vocábulo *bullying* tem origem no termo inglês *bully*, que significa tirano, brigão ou valentão. O “ing” da palavra indica uma ação contínua, ou seja, que acontece no presente e segue acontecendo no futuro.

O *bullying* também é conhecido, em países como Noruega, Dinamarca, Suécia, Finlândia, como assédio moral ou *mobbing* (Calhau, 2009). No entanto, ressalta-se que o assédio moral, ou *mobbing*, é uma forma de violência vivenciada na vida adulta, frequentemente originada do contato prévio com o *bullying* no ambiente escolar. (Fante e Pedra, 2008)

Bullying define todas as atitudes agressivas, intencionais e repetitivas adotadas por uma pessoa ou um grupo contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento”. Esta denominação não foi adotada sem motivos. O *bullying* é definido como abuso sistemático de poder (Smith, 2013). Essa forma de violência ocorre em uma relação de poder desigual, configurando uma situação de desvantagem real para a vítima (Olweus, 1978).

Os estudos sobre o *bullying* no Brasil se iniciaram apenas na metade da década de 2000, tendo como precursores Cleo Fante, no *bullying* escolar, e, Margarida Barreto, no caso de *bullying* no ambiente de trabalho. O *bullying* caracteriza-se como um comportamento específico e claramente delimitado, o que o separa de outras manifestações violentas (Calhau, 2009). O *bullying* pode acontecer em vários ambientes sociais, podendo ser *bullying* escolar, *bullying* no trabalho, *bullying* homofóbico, o *cyberbullying* e o *bullying* prisional.

De acordo, com Silva (2010, p.21), "o *bullying* é definido como um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um *bully* (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender. Em relação aos conceitos existentes, podemos afirmar também que as definições convergem para o fato de que a vítima é incapaz de se defender e não consegue motivar outras pessoas para agirem em sua defesa (Rezende, 2019).

Bullying define toda e qualquer atitude agressiva, intencional e repetitiva adotada por uma pessoa ou um grupo contra o outro, ocasionando dor, causando angústia e sofrimento. Esse tipo de violência manifesta-se em relações de poder desiguais, configurando uma situação concreta de prejuízo para a vítima (Olweus, 1978).

Crochik (2015), diz que o *bullying*, pode ser derivado do preconceito menos delimitado, associado com a maior fragilidade da formação do eu, algo que foi historicamente possibilitado, mas isso não significa que o preconceito mais bem desenvolvido tenha deixado de existir; perceber as consequentes modificações da

constituição individual à luz das transformações históricas é fundamental, julgar que o antigo deixou de existir pode deixar à solta um inimigo poderoso.

O *bullying* escolar tem como local privilegiado a escola e as relações escolares. Segundo Calhau (2009), o fenômeno do *bullying* é comum nas escolas possuindo como vítimas crianças e adolescentes, o que causa maior visibilidade. O *bullying* pode ser encontrado não somente em meio às crianças e adolescentes, mas também entre adultos (Ferreira e Júnior, 2011). O fenômeno *bullying* está se expandindo, tem forma peculiar, características bem definidas e não pode ser confundido com conflitos e brigas comuns, como também não ocorre somente no espaço escolar, mesmo sendo o local da maioria das ocorrências. (Fante, 2011; Williams e Stelko-Pereira, 2013; Fante, 2015)

O *bullying* pode interferir no processo de ensino e aprendizado, uma vez que causa medo, angústia, constrangimento e raiva reprimida (Fante, 2005). As repercussões do *bullying* sobre os estudantes vitimados são múltiplas, abrangendo desde o isolamento social, a manifestação de sintomas físicos ou psicossomáticos ou o afastamento das atividades escolares e, em situações mais graves, a ocorrência do suicídio. (Gonçalves e Matos, 2009)

Silva (2010) revela que alguns alunos, denominados de testemunhas, tentam se manter afastados do comprometimento direto, mas participam das práticas de *bullying* de forma indireta como expectadores. Essa autora afirma que, por diversos motivos, a maioria das testemunhas finge não ver as agressões, pois sente medo de passar a ser o alvo. Há uma relação desigual entre o agressor e a vítima, pois o agressor exerce o poder sobre a vítima, que se sente intimidada e humilhada pelo constrangimento e exposição a que é submetida. (Leão, 2010)

No mundo atual, a violência se manifesta de diversas formas, e o *bullying* tem sido uma das mais frequentes e presentes. Ele se caracteriza por atitudes específicas de conflito e agressão, provocando consequências graves para todos os envolvidos.

Segundo Crochík (2015, p. 54), “o *bullying* parece ser uma forma de violência mais indiferenciada do que a presente no preconceito mais arraigado, que tem alvos definidos e justificativa para sua existência, e corresponder a uma maior fragilidade do indivíduo que o pratica; nesse sentido, o preconceito menos delineado pode ser a atitude que pode levar à ação do *bullying*. ”

Bullying não é uma brincadeira, é um ato de intimidação, é um tipo de violência e nota-se que as pessoas não associam o *bullying* à violência. A percepção de *bullying*

é mais frequente entre pessoas mais jovens. Os dados revelam que 6,7 milhões de estudantes sofreram algum tipo de violência na escola nos últimos doze meses, o que representa 11% dos quase 60 milhões de alunos matriculados. (Borges, 2023)

Ao serem questionados se sofreram violência na escola, mesmo que atualmente não estejam estudando:

“o índice dos que disseram sim sobe para 22% e quanto ao *bullying*, o percentual vai para 33%. As pessoas de 16 a 29 anos, 52% delas disseram que já sofreram *bullying* no ambiente escolar. E as pessoas com 60 anos ou mais, cai para 19%. No entanto, esses entrevistados com mais de 60 anos não relacionam o *bullying* com violência. Como essa percepção muda, dependendo da idade da pessoa”, destacou a chefe do Serviço de Pesquisa e Análise do Instituto de Pesquisa DataSenado, Isabela Lima Campos, esses dados são da pesquisa do DataSenado. (Borges, 2023)

3.4 Tipos de *Bullying* e suas consequências

O *bullying*, como uma interface de violência escolar, se apresenta de diversas maneiras, variando de acordo com a faixa etária em que os alunos estão inseridos. Quanto aos tipos de *bullying*, não se consegue fazer uma relação entre a ação dos agressores com o contexto social em que estão inseridos, haja vista que essa prática é percebida em diversos setores e segmentos sociais. O *bullying* é um problema social mundial, pois estudos e pesquisas demonstram que está presente desde o país considerado mais pobre ao mais rico. E este fenômeno não difere classe social, raça, religião, gênero e ultrapassam as barreiras da escola, como, por exemplo, a prática do *cyberbullying*.

Os tipos de *bullying* diferenciam-se a partir do modo como são praticados pelos agressores, os quais podem ser entendidos como físico, moral, psicológico, material, verbal, social, sexual, preconceituoso e *cyberbullying*. Fernandes e Seixas (2012) descrevem cinco tipos de *bullying*, sendo: físico (agressão ao corpo), verbal (palavras), relacional (isolamento, exclusão e rompimento de redes de amizade), psicológico (intimidação e humilhação), sexual (teor sexual em palavras, imagens ou gestos) e *cyberbullying* (tecnologias virtuais).

Martins (2005) identifica o *bullying* em três grandes tipos, sendo divididos em direto e físico: que incluem agressões físicas, roubar ou estragar objetos dos outros, extorquir dinheiro e realizar tarefas servis contra a sua vontade; direto e verbal, que incluem insultar, apelidar, “tirar sarro”, discriminar qualquer diferença no outro que salientam qualquer defeito ou deficiência dos colegas; e indiretos que a realização de

fofocas e boatos visando destruir a sua reputação, ameaçar com frequência a perda da amizade ou a exclusão do grupo, ou, de forma geral, manipular a vida social do colega. Neto (2011) aponta o *bullying* moral (difamação, rumores e calúnias) e o material (estragos, furtos, roubos).

O *bullying* caracteriza antes um padrão de comportamento mais do que incidentes isolados, e com frequência se agrava caso não seja controlado, que podem ser:

Definido como o comportamento intencional e agressivo recorrente contra uma vítima, em uma situação em que há um desequilíbrio real ou percebido de poder e as vítimas se sentem vulneráveis e impotentes para se defenderem. Comportamentos de *bullying* podem ser físicos (golpes, chutes e a destruição de bens), verbais (provocação, insulto e ameaça), ou relacionais (difamação e exclusão de um grupo) (UNESCO 2019, p.16).

O *bullying* é uma forma de violência que se manifesta por meio de ações repetidas de intimidação, agressão verbal, física ou psicológica, caracterizadas por um desequilíbrio de poder entre os envolvidos. Ao contrário de conflitos eventuais, o *bullying* constitui um padrão sistemático de comportamento que visa humilhar, excluir ou subjugar a vítima. Trata-se de uma violência relacional, muitas vezes silenciosa, que se constrói no cotidiano escolar e, por isso, tende a ser normalizada tanto por estudantes quanto por adultos que deveriam intervir.

Nas instituições escolares, a omissão diante desses episódios contribui para o enraizamento de uma cultura de violência simbólica. Muitas vezes, o *bullying* é interpretado como "brincadeira" ou "etapa natural do crescimento", o que desresponsabiliza agressores e silencia vítimas.

Ainda sobre o *bullying*, o autor Fante o define como:

Um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outros (s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuações de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos, levando-o a exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas manifestações do comportamento *bullying* (Fante, 2005, p.28-29).

Mais do que um fenômeno comportamental isolado, o *bullying* reflete aspectos profundos da cultura social: hierarquias de poder, preconceitos, estigmas e disputas por pertencimento. Frequentemente, os alvos do *bullying* são aqueles que destoam das normas dominantes por questões de gênero, raça, corpo, orientação sexual, religião, condição socioeconômica ou neurodivergência. Essa realidade exige uma

abordagem interseccional, que reconheça que o *bullying* não é neutro, mas orientado por marcadores sociais de diferença.

Assim, sua gravidade não reside apenas na agressão em si, mas no sofrimento contínuo causado pela constância e previsibilidade dos ataques. Esse padrão favorece a naturalização da violência e a desestabilização emocional da vítima, exigindo, portanto, uma abordagem preventiva e educativa que vá além da punição de atos pontuais, focando na transformação da cultura escolar e das relações interpessoais.

O *bullying*, enquanto prática sistemática de violência entre pares, configura-se como um fenômeno complexo que ultrapassa os limites do comportamento individual. Embora o termo tenha se popularizado como sinônimo de qualquer forma de agressão escolar, é importante reconhecer que o *bullying* assume diferentes expressões, das quais o *bullying* físico é uma das mais evidentes, é o mais visível e mais comum de ser percebido, ressaltando que este ocorre quando incluem:

Bater, dar tapas, cotoveladas e empurrões com os ombros. Empurrar, forçar com o corpo, colocar o pé na frente. Chutar. Tomar, roubar, danificar ou desfigurar pertences. Restringir. Beliscar. Enfiar a cabeça da outra criança no vaso sanitário. Enfiar outra criança no armário. Atacar com comida, cuspe, e assim por diante. Ameaças e linguagem corporal intimidadora. (Beane, 2010, p. 19-20)

O *bullying* físico representa uma das formas mais visíveis e diretas de agressão entre pares, caracterizando-se por empurrões, socos, chutes, destruição de pertences, entre outras formas de violência corporal. No entanto, sua materialidade aparente não deve ser interpretada como algo simples ou menos complexo: ela é apenas a superfície de relações marcadas por desigualdade de poder, controle e desumanização do outro.

Essa modalidade de *bullying* é especialmente danosa por seus efeitos imediatos e acumulativos. Além das lesões físicas, as vítimas costumam desenvolver medo crônico, ansiedade, evasão escolar, e uma constante sensação de vulnerabilidade no espaço que deveria ser seguro, o ambiente escolar. O corpo, nesse contexto, torna-se alvo e símbolo da exclusão, sendo marcado não apenas por hematomas, mas por um sofrimento psíquico que tende a ser silenciado ou ignorado por falta de ações efetivas de prevenção.

Dentre as manifestações de *bullying*, além do físico, o *bullying* verbal é uma das mais comuns e, paradoxalmente, uma das mais naturalizadas e subestimadas. Segundo Beane (2010, p.21), o *bullying* verbal acontece quando ocorre um ou mais

desses exemplos de comportamentos: “Apelidos ofensivos. Comentários insultuosos e humilhantes. Provocação repetida. Comentários racistas e assédio. Ameaças e intimidação. Cochichar sobre as crianças pelas costas”.

Diferente do *bullying* físico, que deixa marcas visíveis no corpo, o *bullying* verbal opera no campo simbólico, ferindo a autoestima, a identidade e o equilíbrio emocional das vítimas. Por isso, seu impacto, embora menos visível, pode ser igualmente ou até mais devastador.

Muitas vezes disfarçado de “brincadeira” ou “piada”, o *bullying* verbal se insere na cultura escolar como um comportamento aparentemente inofensivo. No entanto, quando repetido e direcionado de forma sistemática, ele gera sentimentos de inferioridade, exclusão e insegurança, podendo levar a quadros graves de ansiedade, depressão, isolamento social e até ideação suicida. A banalização desse tipo de violência contribui para o silêncio das vítimas e a omissão das instituições.

É preciso reconhecer que o *bullying* verbal está frequentemente associado a estigmas sociais e culturais muitos ataques verbais têm como alvo características como o peso corporal, a cor da pele, o sotaque, a deficiência, a orientação sexual ou a identidade de gênero. Isso evidencia que essa forma de violência não é apenas interpessoal, mas também estrutural, pois reforça preconceitos e desigualdades já existentes na sociedade.

E por último, o *bullying* social ou relacional, o qual o termo agressão relacional foi inventado por Nicki Cricki, da Universidade de Minnesota (EUA), para descrever o uso das relações para humilhar os outros.

Entre as diversas manifestações do *bullying*, o *bullying* social ou relacional se destaca por sua sutileza e pela dificuldade de identificação imediata. Ao contrário do *bullying* físico ou verbal, que se expressam por ações diretas e explícitas, o *bullying* social atua por meio da manipulação de vínculos, do isolamento sistemático e da destruição da reputação da vítima. Trata-se de uma forma de violência silenciosa, mas profundamente eficaz em causar sofrimento, uma vez que atinge o pertencimento social, elemento central na formação da identidade, especialmente na infância e adolescência.

Esse tipo de *bullying* envolve ações como excluir alguém de grupos, espalhar boatos, incitar outros colegas a ignorar ou rejeitar determinado indivíduo, e sabotar suas relações interpessoais. Muitas vezes, ele é praticado por meio de estratégias sutis, como olhares, risos contidos, “panelinhas” e alianças silenciosas.

Tais comportamentos produzem na vítima um sentimento de invisibilidade social e desprezo, que pode gerar impactos emocionais profundos, como baixa autoestima, insegurança, retraimento e depressão.

Sobre *bullying* social ou relacional, destaca-se as seguintes situações:

Destruir e manipular relacionamentos (por exemplo, jogando melhores amigos um contra o outro). Destruir reputações (focar, espalhar rumores maliciosos e cruéis e mentir sobre outras crianças). Excluir o indivíduo de um grupo (rejeição social, isolamento). Constrangimento e humilhação. Linguagem corporal negativa, gestos ameaçadores. Pichação ou bilhetes com mensagens ofensivas. *Cyberbullying* (feito em páginas na web, e-mail, mensagens de texto e assim por diante). (Beane, 2010, p.22)

Essa modalidade representa uma das formas mais perigosas de agressão entre pares, justamente por ser menos visível e mais difícil de identificar e tem como objetivo prejudicar o status social ou a aceitação de um indivíduo dentro de um grupo, utilizando estratégias como a exclusão sistemática, a difamação, a disseminação de boatos, o isolamento intencional e a manipulação das relações interpessoais.

O *bullying* social ou relacional representa um grande desafio, pois tende a escapar aos olhares dos adultos e da gestão escolar. Ele não se manifesta em atos de violência física ou em insultos abertos, mas em dinâmicas sociais cuidadosamente mantidas por grupos que operam segundo códigos de exclusão. Além disso, muitas vezes é praticado por alunos considerados “exemplares” no comportamento visível, o que dificulta a responsabilização.

Nesse contexto, com o desenvolvimento e progressos da internet uma nova forma de praticar *bullying* surgiu, denominada *cyberbullying*, representando uma dimensão a mais de risco e dor, neste âmbito a UNESCO destaca que:

O *cyberbullying* envolve a postagem e envio de mensagens eletrônicas, incluindo textos, fotos ou vídeos, com o objetivo de assediar, ameaçar ou atingir outra pessoa por meio de uma variedade de mídias e plataformas sociais, como redes sociais, salas de bate-papo, blogs, mensagens instantâneas e mensagens de texto. O *cyberbullying* pode incluir a difamação, postagens contendo informações falsas, mensagens ofensivas, comentários ou fotos constrangedoras, ou a exclusão de alguém das redes sociais ou outro sistema de comunicação. O *cyberbullying* permite que os agressores permaneçam anônimos, podendo atingir a vítima a qualquer hora e em qualquer dia com mensagens e imagens que podem ser rapidamente visualizadas por uma vasta audiência. (UNESCO 2019, p.16)

O *cyberbullying*, sendo a prática de agressões em ambientes virtuais, como redes sociais e aplicativos de mensagem, é um fenômeno contemporâneo cada vez mais frequente atualmente, marcado pela divulgação de imagens, vídeos ou mensagens ofensivas sobre um indivíduo ou um grupo. De acordo com a pesquisa do

DataSenado, que também serviu para subsidiar o PL 2.628/2022, trata da proteção de crianças e adolescentes nos ambientes digitais. Para 68% das pessoas que participaram da enquete, somente a partir dos 12 anos de idade deveria ser permitido aos jovens ter alguma conta em rede social. E para 25%, a idade deveria subir para 18 anos. (Agência Senado, 2023)

Atualmente estamos vivenciando a violência em seus mais variados contextos, pois o *bullying* tem sido um fenômeno social e que configura atitudes específicas de conflitos e agressões repetitivas, o qual tem gerado diversas consequências graves para todos os seus envolvidos.

As consequências do *bullying*, especialmente para as vítimas, são demasiadamente graves e duradouras para que se continue acreditando em sua inofensibilidade (Morgado e Silva, 2011). Os pesquisadores estão atentos para esse fenômeno, preocupados com o seu crescimento e, principalmente, com os danos causados aos estudantes no processo de ensino-aprendizagem (Nogueira, 2007).

Silva e Morgado (2011), afirmam que:

Através de investigações científicas extensas, permitiu-se compilar uma série de possíveis consequências, a curto e longo prazo, vividas por todos os envolvidos em situações de *bullying*. Dentre estas várias, existem algumas comumente apontadas pelos estudos e facilmente constatadas no cotidiano. São elas: baixa autoestima, baixo rendimento e evasão escolar, estresse, ansiedade e agressividade.

As consequências para os estudantes que são vítimas de *bullying* são diversas, desde o isolamento, sintomas físicos ou psicossomáticos, como tristeza, ansiedade, depressão ou distanciamento referentes a assuntos da escola e até mesmo o suicídio. (Gonçalves e Matos, 2009). Os atos de *bullying* são mais complexos do que as pessoas imaginam, deixando o ambiente nos quais ocorre (escola, trabalho, internet e etc) difícil de frequentar. Em consequência disto, podem gerar danos psicológicos e físicos a quem é vítima e a quem o pratica. Neste sentido, faz-se importante destacar e nomear os papéis sociais que as pessoas assumem diante deste fenômeno. (Rezende, 2019)

Os agressores, comparativamente aos seus colegas, têm maior tendência para comportamentos de risco, como consumo de tabaco, álcool e drogas.

Agressores e expectadores também podem sofrer as consequências, pois o agressor tem grande probabilidade de manter práticas agressivas ao longo da vida, podendo adotar condutas antissociais. E quem presencia, se sente incomodado pelo

clima criado no ambiente e pelo medo de ser o próximo alvo, o qual também acaba gerando baixas em seu desenvolvimento educacional e social. (Alpes; Colares e Pinto, 2020)

Morgado e Silva (2011) destacam que através de investigações científicas extensas, permitiu-se compilar uma série de possíveis consequências, à curto e longo prazo, vividas por todos os envolvidos em situações de *bullying*. Dentre diversas, existem algumas frequentemente apontadas pelos estudos e facilmente constatadas no cotidiano, sendo elas:

Baixa autoestima, baixo rendimento e evasão escolar, estresse, ansiedade e agressividade. Diante disso, as pesquisas apontam que a presença ou não de um bom suporte familiar pode ser decisivo para a superação das situações traumáticas vivenciadas ou, ao contrário, entregue-se ao isolamento social como uma forma de fuga e proteção contra as agressões. Não podemos deixar de dizer, que situações como estas podem progredir para quadros mais sérios como fobias, depressões e ideações suicidas. (Morgado e Silva, 2011)

Esse trecho de Morgado e Silva (2011) destaca com clareza os impactos profundos e multifacetados do *bullying* nas vidas dos envolvidos, especialmente nas vítimas. As consequências, tanto a curto quanto a longo prazo, abrangem aspectos emocionais, sociais e acadêmicos, e refletem a gravidade do problema.

O *bullying*, embora frequentemente tratado como um comportamento típico da infância ou adolescência, representa uma forma grave de violência que pode comprometer significativamente a saúde dos indivíduos envolvidos, especialmente das vítimas. Seus efeitos não se restringem ao campo emocional, mas se estendem à saúde física, mental e social, com potencial de causar danos duradouros.

Ainda sobre as consequências provocadas pelo *bullying* à saúde, o autor destaca algumas:

Reações psicopatológicas, ansiedade, problemas de concentração, depressão, pensamentos repetitivos e confusos, esquecimentos constantes, ideias suicidas. As psicossomáticas, ainda segundo o autor, podem ser hipertensão arterial, crise de asma, palpitações cardíacas, taquicardia, doenças do coração, inflamações na pele, perda de cabelo, dores generalizadas no corpo, perda de equilíbrio corporal, enxaquecas, dentre outras. (Nascimento, 2003)

Do ponto de vista psicológico, o *bullying* está associado ao desenvolvimento de transtornos como ansiedade generalizada, depressão, fobias sociais, síndrome do pânico e, em casos extremos, ideação e comportamentos suicidas. A constante

exposição à humilhação, exclusão ou agressão verbal e física pode afetar a autoimagem, reduzir a autoestima e gerar um estado crônico de sofrimento emocional.

Em relação à saúde física, é comum que vítimas de *bullying* apresentem sintomas psicossomáticos. Tais manifestações estão diretamente relacionadas ao estresse prolongado, que desequilibra o funcionamento do organismo e afeta o bem-estar geral.

Além disso, o *bullying* interfere no desenvolvimento social dos indivíduos, dificultando a criação de vínculos afetivos saudáveis, o que pode levar ao isolamento, à desconfiança em relações interpessoais e ao comprometimento das habilidades sociais. Isso impacta não apenas o presente, mas também o futuro da pessoa, influenciando seu desempenho acadêmico, profissional e a qualidade de vida.

Em pesquisas realizadas por Williams e Stelko-Pereira (2013) mostram que os efeitos negativos do *bullying* incluem todos os que se envolvem no ocorrido de alguma forma, pois um dado alarmante relatado pelos autores é o contágio de doenças psicossomáticas e também social-somáticas, como depressão, obesidade, violência e suicídio, ocorrendo via emocional, chamado de Doença Psicogênica de Massas, o qual requer total atenção das instituições de ensino em geral.

Williams, Forlim e Stelko-Pereira (2013) retratam os principais efeitos das ocorrências de *bullying* em curto, médio e longo prazo conforme mostra o quadro 01 a seguir.

Quadro 01 - Consequências do *Bullying* para as vítimas.

Consequências para a vítima de <i>Bullying</i>		
Em curto prazo	Em médio prazo	Em longo prazo
Hematomas	Isolamento	Sentir-se inferior às outras pessoas
Choro	Ansiedade social e generalizada	Redução da autoestima
Dores no corpo (cabeça, estômago, costas)	Autoavaliação social e global negativa	Insatisfação consigo mesmo
Insônia	Depressão	Dificuldades de relacionamento interpessoal, evitando intimidade com as pessoas (inclusive envolvimento amoroso)
Cansaço ao amanhecer	Abuso de álcool e de drogas ilícitas	Dificuldades com figuras de autoridade
Tontura	Tentativa de suicídio	Transtorno de ansiedade
Desânimo	Descrença nas regras escolares	Pesadelos envolvendo situações de vitimização
Irritabilidade	Diminuição do rendimento escolar	Ser alvo de violência de colegas no trabalho

Sentimento de solidão	Evasão escolar	Desejo de vingança para com aqueles que o vitimizaram quando criança/adolescente e para com a instituição escolar na qual estudou
Sentimento de exclusão	Crença da violência como meio possível para resolver os problemas	Visão negativa e pessimista do mundo e das pessoas

Fonte: Stelko-Pereira, Forlim e Williams (2013, p. 31).

Em virtude do crescimento dessas práticas, as instituições de ensino em todo o mundo, têm formulado ações e medidas para tentar minimizar as consequências dessa conduta (Rigby, 2007). Fante (2011) avalia que as consequências do *bullying* afetam todos os envolvidos, mas principalmente a vítima, que pode sofrer seus efeitos e consequências para muito além do período escolar, surgindo prejuízos em suas relações de trabalho, na construção de sua família futura e na criação de seus filhos, além dos problemas da saúde física e emocional.

Destarte, por consequências de seus efeitos físicos e psicológicos é que o tema deve ser mais estudado como meio de desenvolver políticas públicas, com intuito de gerar conscientização e prevenção na sociedade a respeito dessa temática.

3.5 *Bullying* no Ensino Superior

Para a elaboração deste tópico, foram analisados e utilizados sete (7) artigos científicos que abordam o tema *bullying* no Ensino Superior, publicados entre os anos de 2003 e 2023. A seleção desses estudos teve como objetivo subsidiar a análise e a discussão acerca das consequências, dos fatores associados e das principais conclusões relacionadas a essa temática no contexto universitário.

Quadro 02 - Apresentação de estudos sobre *Bullying* no Ensino Superior.

Referências	Resumo	Consequências	Fatores	Conclusão
SILVA, A. C. B. <i>Bullying no ensino superior: existe?</i> Revista de Iniciação Científica da FFC, v. 11, n. 3, 2011.	Este estudo teve a pretensão de colaborar com a escassa produção científica sobre <i>bullying</i> no meio universitário, verificar possíveis diferenças da sua manifestação na escola e na universidade, fornecer dados para auxiliar na elaboração de projetos de prevenção e também de redução de <i>bullying</i> . Este estudo está orientado por uma perspectiva qualitativa e transcorreu por um ano.	Dentre estas várias, existem algumas comumente apontadas pelos estudos e facilmente constatadas no cotidiano. São elas: baixa autoestima, baixo rendimento e evasão escolar, estresse, ansiedade e agressividade.	Fatores econômicos, sociais, culturais e individuais que dão base ao aparecimento e permanência do bullying. Portanto, intrinsecamente relacionado à intolerância, discriminação e ao preconceito, sentimentos diversos por dimensões históricas, políticas e psicológicas complexas. E sendo no Brasil, essas instâncias estarão sempre atreladas a problemáticas de exclusão social e desigualdade, ou pelo menos, na atual configuração vivenciada pela sociedade. Em uma análise psicanalítica destas constatações, é possível admitir que o preconceito e a intolerância podem ser localizados em cada ser humano, sem exceção, o que significa que nestas atitudes de agressão, há algo instintual, inato ao humano.	Após a análise dos dados, verificou-se que o <i>bullying</i> existe no ensino superior e precisa ser assistido, afinal, <i>bullying</i> é violência em qualquer contexto. Salienta-se que o <i>bullying</i> existe não apenas envolvendo crianças e adolescentes, mas também jovens universitários. E que a situação, independentemente do contexto, precisa ser assistida e considerada relevante, pois trata-se em sua essência de violência
BARRETTO, R. F. <i>Bullying no ensino superior: análise das concepções dos alunos de uma IES particular de Fortaleza</i> . In: 11º Congresso Internacional da Rede Unida. 2014.	Este estudo teve como propósito responder ao seguinte questionamento: quais as concepções dos alunos sobre bullying? Objetivo foi descrever as concepções dos alunos do curso de administração de uma IES particular de Fortaleza sobre <i>bullying</i> . A coleta de dados deu-se numa IES particular de Fortaleza através de questionário composto por 5 questões fechadas e 2 questões abertas. Os sujeitos foram os alunos do curso de administração do turno da noite. O curso/turno foi escolhido por ser o curso com maior quantidade de alunos da IES. O corpus deste estudo fora constituído por 63 alunos. O instrumento de análise de dados foi o Excel. A pesquisa foi realizada conforme os preceitos da resolução 196/96 do CNS. Resultados: Quanto à faixa etária: 30% dos alunos pesquisados sofreram <i>bullying</i> entre 8 e 11 anos e 19% de 12 a 15 anos. Há uma prevalência do <i>bullying</i> entre a fase da infância e adolescência.	Um percentual de 21% dos alunos pesquisados apontou que a depressão é uma das principais consequências do <i>bullying</i> . Já com relação às consequências do <i>bullying</i> , os alunos destacaram os traumas que as vítimas levam pelo resto da vida, contribuindo para o isolamento social.	A maioria dos alunos apontou que um dos fatores que mais influenciam o <i>bullying</i> é o preconceito, que engloba o desrespeito, intolerância, falta de conhecimento e outros assuntos.	Não existem soluções definitivas para evitar as manifestações do <i>bullying</i> . Ele é um problema social que precisa ser enfrentado com a ajuda da família, escola e mídia. Devem ser incentivadas pesquisas nesta temática, para melhor compreensão do fenômeno no ensino superior.

MATEUS, G. A. P.; PINGOELLO, I. Ocorrência de bullying no ensino superior. Uningá Review, v. 22, n. 3, 2015.	Mediante as consequências relacionadas a esse fenômeno o presente estudo objetivou verificar a existência de <i>bullying</i> no Ensino Superior e analisar estatisticamente a relação entre algumas variáveis como Curso de Graduação, Idade, Etapa de Graduação e Sexo na ocorrência do <i>bullying</i> no ensino superior. O estudo foi permeado por uma perspectiva quantitativa descritiva e envolveu acadêmicos de diversos cursos de graduação de uma Instituição de Ensino Superior, que participaram voluntariamente respondendo a um questionário previamente elaborado. O questionário foi aplicado a 96 acadêmicos de uma Instituição de Ensino Superior de 13 cursos de graduação, que se encontravam presentes na biblioteca da instituição entre os dias 17 a 21 de Junho de 2013.	Ao se avaliar os fatores comportamentais associados às vítimas foi encontrado estudantes com problemas de relacionamento e hiperatividade. Preconceitos de etnia, classe, cor, sexo, nacionalidade, religião e crenças diversas; discriminação contra bolsistas (principalmente da área de licenciaturas) também estão presentes no nível superior.	O preconceito e a intolerância podem ser localizados em cada ser humano, sem exceção, o que significa que nestas atitudes de agressão, há algo instintual, inato ao humano.	Como resultado pode-se observar uma relação significativa das variáveis Curso de Graduação, Idade e Etapa de Graduação com o fenômeno <i>bullying</i>, revelando a relação de tais variáveis com a ocorrência do fenômeno. Sobre a amostra, notou-se que 26% foram vítimas de bullying durante sua permanência no campus, sendo 76% dos casos em sala de aula. Ficou evidente também a prevalência do bullying verbal e psicológico no âmbito acadêmico. Concluiu-se então que tal fenômeno não está ausente no ensino superior, ou seja, independente da faixa etária, gênero ou curso de graduação, foi possível constatar a ocorrência de alguns casos.
FONSECA, K. B. C. <i>et al.</i> Incidência do bullying nos cursos de administração e ciências contábeis. Psicologia Escolar e Educacional, v. 21, p. 79-92, 2017.	O objetivo desta pesquisa é analisar a ocorrência do <i>bullying</i> nos cursos de Ciências Contábeis e Administração de duas universidades públicas mineiras. O procedimento de pesquisa foi um survey e o instrumento de coleta de dados foi respondido por 773 alunos matriculados nesses cursos em 2014.	Foi identificado que 58% das testemunhas não fizeram nada ao ver alguém sendo vítima de <i>bullying</i>. O bullying no contexto universitário merece atenção, pois as consequências são graves, seja para crianças ou para jovens. Na percepção da maioria dos estudantes desta pesquisa, o <i>bullying</i> não afeta o rendimento acadêmico. Contudo, vale ressaltar que essa percepção pode estar enviesada pelo fato de o bullying estar sendo visto como algo normal, uma brincadeira, pela maioria dos respondentes. Assim, pode ser que os alunos, principalmente as vítimas, não consigam avaliar adequadamente o efeito negativo do <i>bullying</i> sobre o desempenho, necessitando que mais estudos sejam desencadeados no sentido de confrontar os períodos em que os discentes apontam que sofreram <i>bullying</i> com o desempenho escolar.	O <i>bullying</i> está sendo visto como algo normal, uma brincadeira, pela maioria dos respondentes, sendo 40% acham engraçado e não se dando conta da gravidade do problema. E os possíveis motivos para as práticas de <i>bullying</i> são o preconceito, a falta de respeito, porque os agressores não são punidos e que os meninos acreditam que o <i>bullying</i> ocorre por brincadeira ou porque o agressor é mais forte.	Os resultados desta pesquisa sugerem maior incidência do bullying entre os estudantes do sexo masculino; maior ocorrência dessa prática na sala de aula; que o bullying é confundido com uma brincadeira; que a maioria dos agressores acredita que a prática do bullying é engraçada e a maioria das testemunhas finge não ver as agressões, pois sente medo de passar a ser o alvo delas. Os resultados sugerem que: os estudantes do sexo masculino praticam mais bullying do que aqueles do sexo feminino; o bullying racial pode estar relacionado com a etnia, pois o maior percentual de vítimas pertence à raça negra; a maior incidência de bullying dá-se na sala de aula; a maioria dos estudantes pode estar confundido o bullying com brincadeiras; na opinião da maioria dos agressores a prática do bullying é engraçada; a maioria das testemunhas de atos de bullying não fez nada ao presenciá-los, pois sente medo de passar a ser o alvo dos agressores.

REZENDE, F. H. F. O bullying na visão dos estudantes de graduação da UFMG. Ana Cláudia Porfírio Couto Kátia Lúcia Moreira Lemos Emerson Araújo de Campos Pedro Augusto Resende Amorim, p. 237, 2019.	O presente estudo teve como objetivo identificar e compreender as representações sociais sobre o <i>bullying</i> compartilhadas pelos acadêmicos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá - Paraná. Participaram do estudo 12 turmas do curso de Pedagogia, totalizando 261 participantes, que consideramos como uma comunidade, grupo social, que até certo ponto, ao nosso ver, compartilham as mesmas representações. A problemática investigada foram as representações sociais dos acadêmicos de Pedagogia acerca de <i>bullying</i>. Os entrevistados são sujeitos que estão na faixa etária de 18 a 29 anos, estudantes dos cursos de graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).	Os atos de <i>bullying</i> são mais complexos do que as pessoas imaginam, deixando o ambiente nos quais ocorre (escola, trabalho, internet etc) de difícil convívio para os frequentadores. Em consequência disto, podem gerar danos psicológicos e físicos a quem é vítima e a quem o pratica.	A respeito de como os participantes acreditam que o <i>bullying</i> acontece, 32 entrevistados traziam que este fenômeno se dá pela cultura discriminatória que está inserida na sociedade. Como consequência dessa discriminação, está a capacidade de julgar e a produção de valores tomados como certo e valores tomados como errado nas ações cotidianas.	Foi observado que 89% dos já observaram atos de <i>bullying</i> em suas atividades cotidianas; 7% não observaram o fenômeno em suas atividades diárias e 4% dos entrevistados não responderam. Em relação ao local, que os entrevistados já presenciaram o <i>bullying</i>, 72,8% dos entrevistados afirmaram que já presenciaram o fenômeno no ambiente escolar, 11,7% disseram que já o observaram dentro do ambiente universitário, 5,5% relataram que já o presenciaram no ambiente de trabalho e 9,8% marcaram a opção que já presenciaram o <i>bullying</i> em outros locais. Já em relação à prática do <i>bullying</i>, 89% dos entrevistados relataram que conseguem identificar quem pratica este fenômeno e a maneira como isso ocorre, 10% dos afirmaram que não sabem identificar o momento e nem tão pouco os personagens que estão presentes no acometimento desses atos e 1% disseram que não sabem responder essa pergunta.
--	--	--	--	---

REZENDE, F. H. F. O bullying na visão dos estudantes de graduação da UFMG. Ana Cláudia Porfírio Couto Kátia Lúcia Moreira Lemos Emerson Araújo de Campos Pedro Augusto Resende Amorim, p. 237, 2019.	O presente estudo teve como objetivo identificar e compreender as representações sociais sobre o <i>bullying</i> compartilhadas pelos acadêmicos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá - Paraná. Participaram do estudo 12 turmas do curso de Pedagogia, totalizando 261 participantes, que consideramos como uma comunidade, grupo social, que até certo ponto, ao nosso ver, compartilham as mesmas representações. A problemática investigada foram as representações sociais dos acadêmicos de Pedagogia acerca de <i>bullying</i>. Os entrevistados são sujeitos que estão na faixa etária de 18 a 29 anos, estudantes dos cursos de graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).	Os atos de <i>bullying</i> são mais complexos do que as pessoas imaginam, deixando o ambiente nos quais ocorre (escola, trabalho, internet etc) de difícil convívio para os frequentadores. Em consequência disto, podem gerar danos psicológicos e físicos a quem é vítima e a quem o pratica.	A respeito de como os participantes 32 entrevistados traziam que a discriminação que está inserida nessa discriminação, está a crença de valores tomados como certo e cotidianas.
--	--	--	--

NEVES, S. <i>et al.</i> Bullying homofóbico: Crenças e práticas de estudantes do Ensino Superior em Portugal. <i>PSICOLOGIA</i>, 33(2), 2019, p.	O presente estudo teve como objetivo caracterizar as crenças e as práticas de um grupo de 369 estudantes do Ensino Superior português, 282 do	Os efeitos que o bullying, de um modo geral provoca, o homofóbico em particular, tem como consequências mais comuns o	Os valores heteronormativos podem estimular o preconceito e a discriminação contra pessoas LGBT.	Na análise dos dados recolhidos conclui-se que existem pessoas que já sofreram alguma forma de violência por serem identificadas como gays ou lésbicas. Os homens são
--	--	--	---	--

47–59. https://doi.org/10.17575/rpsicol.v33i2.1460	sexo feminino e 84 do sexo masculino, com uma média de idades de 21 a 49, relativamente ao <i>bullying</i> homofóbico. A partir do preenchimento de uma ficha sociodemográfica e de três Inventários. Duzentos e cinquenta e nove (70.2%) dos/as estudantes frequentavam Licenciaturas da área de Direito, Ciências Sociais e Serviços, sendo que os/as restantes 110 (29.8%) participantes provinham de áreas como Educação Física, Desporto e Artes do Espetáculo, Ciências da Educação, Tecnologias, entre outras.	desenvolvimento de perturbações depressivas e de ansiedade, o abuso de substâncias, o isolamento social, a manifestação de comportamentos sociais disruptivos, a automutilação, o absentismo escolar e a ideação suicida. Verificou-se também que 3.6% dos homens e 3.2% das mulheres já sofreram, e 6% dos homens e 1.1% das mulheres já fizeram calúnias, difamações, falar mal, por ser (ou pensar que é) gay ou lésbica. A par destas situações, 3.6% dos homens já foram ignorados, isolados, excluídos do grupo, por ser (ou por pensar que é) gay, e 2.4% dos homens e 1.4% das mulheres admitiram já o ter feito. a violência psicológica é o tipo de violência mais praticado, manifestando-se através de insultos, piadas, gozo, humilhação e atos que visam envergonhar as vítimas. Embora a violência física e sexual sejam menos prevalentes, as condutas sofridas, perpetradas ou observadas neste estudo revestem-se de especial gravidade.		aqueles que apresentam taxas mais elevadas quer de vitimação, quer de perpetração, sugerindo que o crivo da masculinidade hegemónica opera quer no sentido de uma maior adesão às normas de género por parte destes, quer no sentido de uma maior penalização daqueles que as contrariam. Um dos dados que mais sobressai nesta investigação é precisamente a percentagem de pessoas que admite já ter observado a prática de <i>bullying</i> homofóbico. Explorando a prevalência do <i>bullying</i> homofóbico com recurso ao IPVLG-ES, e considerando os comportamentos de violência que os/as participantes possam já ter presenciado, praticado e/ou vivenciado por ser (ou pensar que é) gay ou lésbica, verificou-se que 3.6% dos homens e 4.3% das mulheres já sofreram, e 10.8% dos homens e 6.1% mulheres já fizeram insultos, piadas, gozaram, humilharam e/ou envergonharam. Neste estudo, em concreto, são as mulheres que referem observar mais os comportamentos de <i>bullying</i> homofóbico.
PINTO P., M. P.; ALPES, M. F.; COLARES, M. de F. A. Situações de violência interpessoal/bullying na Universidade: recortes do cotidiano acadêmico de estudantes da área da saúde. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 43, p. 537-546, 2020.	Este estudo buscou a percepção de estudantes e professores de uma universidade pública sobre a presença de violência interpessoal/ <i>bullying</i> no cotidiano acadêmico e suas manifestações. Participaram 137 estudantes e 32 professores, abordados por meio do questionário eletrônico Google Docs.	A intolerância e o desrespeito às diferenças estão presentes, fatores de estresse e saúde mental.	Abuso de poder, esta condição da caracterização de <i>bullying</i> está presente nas categorias que emergiram tanto entre estudantes quanto entre professores. Em situações que envolvem violência na relação professor-aluno e violência na relação veterano-calouro, o poder está claramente colocado, seja por uma hierarquia real (professor-aluno) ou imaginada (veterano-calouro). <i>Bullying</i> devido a características pessoais, devido à orientação sexual/ gênero, classe social, desempenho acadêmico, etnia,	A análise de conteúdo permitiu identificar sete categorias empíricas entre estudantes e três entre professores, sendo as mais frequentes violência interpessoal/ <i>bullying</i> na relação veterano-calouro; violência interpessoal/ <i>bullying</i> devido a características pessoais; violência interpessoal/ <i>bullying</i> devido à orientação sexual/gênero e violência na relação professor-aluno. Estudantes e professores são capazes de identificar tal fenômeno como presente no cotidiano da graduação e em diversas esferas, sendo mais recorrente entre os pares.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Com base na análise dos artigos e estudos selecionados, foram extraídas referências e informações relevantes, como os resumos, as consequências apontadas, os fatores envolvidos e as conclusões que se repetem em grande parte das pesquisas. Esses elementos contribuíram para a apresentação de resultados convergentes entre os autores, os quais destacam que a temática do *bullying* no Ensino Superior ainda é pouco explorada na literatura acadêmica.

A análise dos trabalhos evidenciou a presença do *bullying* no cotidiano universitário. As conclusões e os resultados das pesquisas indicam que essas práticas ocorrem no Ensino Superior de diferentes formas e geram múltiplas consequências para os envolvidos. Verificou-se, ainda, que os fatores que contribuem para a ocorrência desse fenômeno nesse nível de ensino são diversos e complexos.

Na pesquisa realizada por Barretto (2014), demonstrou um percentual de 21% dos alunos pesquisados, os quais apontam que a depressão é uma das principais consequências do *bullying* e, esses alunos destacaram que os traumas que as vítimas levam são pelo resto da vida, contribuindo para o isolamento social. Já na pesquisa de Silva (2011), a autora destaca que dentre estas várias consequências, existem algumas comumente apontadas pelos estudos e facilmente constatadas no cotidiano, que são elas: baixa autoestima, baixo rendimento e evasão escolar, estresse, ansiedade e agressividade. Portanto, o estresse e a saúde mental estão presentes. (Alpes; Colares e Pinto, 2020)

Entretanto, vale a pena ressaltar que no artigo de Fonseca *et al* (2017), as autoras citam que o *bullying* no contexto universitário merece atenção, pois as consequências são graves, seja para crianças ou para jovens. Em sua pesquisa a percepção da maioria dos estudantes, o *bullying* não afeta o rendimento acadêmico. Contudo, vale ressaltar que essa percepção pode estar enviesada pelo fato de o *bullying* estar sendo visto como algo normal, uma brincadeira, pela maioria dos respondentes. No entanto, contraria a pesquisa de Morgado e Silva (2011), que revela ter como consequências a baixa autoestima, baixo rendimento e evasão escolar, estresse, ansiedade e agressividade.

O *bullying* no contexto universitário merece atenção, pois vale a pena enfatizar que suas consequências são graves, seja para crianças, jovens ou adultos. Mateus e Pingoello (2015) relatam que ao se avaliar os fatores comportamentais associados às vítimas foi encontrado estudantes com problemas de relacionamento e hiperatividade. No artigo de Rezende (2019), o autor cita que os atos de *bullying* são mais complexos

do que as pessoas imaginam, deixando o ambiente nos quais ocorre (escola, trabalho, internet etc) de difícil convívio para os frequentadores. Em consequência disto, podem gerar danos psicológicos e físicos a quem é vítima e a quem o pratica.

No caso do *bullying* homofóbico, o autor destaca que traz e provocam como consequências mais comuns o desenvolvimento de perturbações depressivas e de ansiedade, o abuso de substâncias, o isolamento social, a manifestação de comportamentos sociais disruptivos, a automutilação, o absentismo escolar e a ideação suicida. (Neves *et al*, 2019)

Diante das diversas consequências negativas provocadas pelo *bullying*, observou-se, com base nos estudos analisados, a existência de fatores que contribuem para a ocorrência desse tipo de prática, inclusive no contexto do Ensino Superior.

Na pesquisa de Barretto (2014), a maioria dos alunos apontou que um dos fatores que mais influenciam o *bullying* é o preconceito, que engloba o desrespeito, intolerância, falta de conhecimento e outros assuntos. Para Silva (2011), os fatores econômicos, sociais, culturais e individuais que dão base ao aparecimento e permanência do *bullying*. Portanto, intrinsecamente os fatores estão relacionados à intolerância, a falta de respeito, discriminação e ao preconceito. (Fonseca *et al*, 2017; Mateus e Pingoello, 2015; Neves *et al*, 2019; Rezende, 2019)

No Brasil, as manifestações de preconceito, intolerância e discriminação estão frequentemente associadas a questões de exclusão social e desigualdade, especialmente na configuração atual da sociedade. Essas expressões resultam de uma combinação complexa de fatores históricos, políticos, sociais e psicológicos.

Quando se trata de preconceito e intolerância, os valores heteronormativos podem contribuir significativamente para o estímulo ao preconceito e à discriminação contra pessoas LGBTQIPN+. O artigo de Neves *et al*. (2019) explora a prevalência do *bullying* homofóbico no Ensino Superior em Portugal. A partir da análise dos dados, os autores concluem que há indivíduos que já sofreram algum tipo de violência por serem identificados como gays ou lésbicas. Segundo a pesquisa, 3,6% dos homens e 4,3% das mulheres relataram ter sido vítimas, enquanto 10,8% dos homens e 6,1% das mulheres admitiram ter praticado insultos, piadas, humilhações e/ou atitudes constrangedoras. Em relação às ameaças, os dados indicam que 2,4% dos homens afirmaram ter sido ameaçados, e que 3,6% dos homens e 7,1% das mulheres

presenciaram ameaças de morte motivadas pela orientação sexual real ou presumida da vítima.

Para Alpes e Colares e Pinto (2019), o abuso de poder, está entre os fatores, pois esta condição da caracterização de *bullying* está presente nas categorias que emergiram tanto entre estudantes quanto entre professores. E o *bullying* tem características pessoais, devido à orientação sexual/ gênero, classe social, desempenho acadêmico, etnia e etc.

Portanto, os estudos mostraram que este fenômeno se dá pela cultura discriminatória que está inserida na sociedade. Para Rezende (2019), como consequência dessa discriminação, está a capacidade de julgar e a produção de valores tomados como certo e valores tomados como errado nas ações cotidianas. O preconceito e a intolerância podem ser localizados em cada ser humano, sem exceção, o que significa que nestas atitudes de agressão, há algo instintual, inato ao humano. (Mateus e Pingoello, 2015)

Para Barretto (2014), devem ser incentivadas pesquisas nesta temática, para melhor compreensão do fenômeno no ensino superior. Silva (2011), salienta que o *bullying* existe não apenas envolvendo crianças e adolescentes, mas também jovens universitários e que a situação, independentemente do contexto, precisa ser assistida e considerada relevante, pois trata-se em sua essência de violência. Para Neves *et al.* (2019), da análise dos dados recolhidos conclui-se que existem pessoas que já sofreram alguma forma de violência por serem identificadas como gays ou lésbicas no ensino superior. Concluiu-se então que tal fenômeno não está ausente no ensino superior, ou seja, independente da faixa etária, gênero ou curso de graduação, foi possível constatar a ocorrência de alguns casos. (Mateus e Pingoello, 2015)

Após a análise dos dados, verificou-se que o *bullying* existe no ensino superior e precisa ser assistido, afinal, *bullying* é violência em qualquer contexto e está presente nas instituições de ensino em que ocorreram os estudos. No artigo de Mateus e Pingoello (2015), notou-se que 26% foram vítimas de *bullying* durante sua permanência no campus, sendo 76% dos casos em sala de aula no ensino superior.

Alpes, Colares e Pinto (2020) ressaltam que tanto estudantes quanto professores reconhecem a presença desse fenômeno no cotidiano da graduação e em diferentes esferas, sendo mais recorrente nas relações interpessoais marcadas pela violência ou pelo *bullying*. Fonseca *et al.* (2017) apontam que o *bullying* frequentemente é confundido com uma brincadeira, já que muitos agressores

consideram suas ações engraçadas, enquanto a maioria das testemunhas evita intervir nas agressões por medo de se tornar o próximo alvo.

Segundo Silva e Morgado (2011), também destaca em sua pesquisa que o *bullying* está presente no cotidiano universitário, sendo frequentes tanto as agressões diretas quanto as indiretas, como exclusão, ameaças, humilhação e intimidação, especialmente em contextos de trote universitário.

Fonseca *et al.* (2017) destacam que sua pesquisa fornece evidências de que o *bullying* não se restringe ao ensino fundamental e médio, mas também afeta estudantes do ensino superior. Os autores enfatizam que o *bullying* no contexto universitário merece atenção, uma vez que suas consequências podem ser graves tanto para crianças quanto para jovens. Em outro estudo, Rezende (2019) observou que 89% dos estudantes relataram ter presenciado atos de *bullying* em suas atividades cotidianas, enquanto 7% afirmaram não ter observado o fenômeno e 4% não responderam à pergunta. Quanto ao local onde esses atos foram presenciados, 72,8% dos entrevistados indicaram o ambiente escolar e 11,7% afirmaram ter testemunhado o *bullying* no ambiente universitário.

Na maioria das vezes os atos acontecem e as testemunhas acabam não tendo reações e não ajudam as vítimas, pois se sentem intimidadas com os agressores e situação. Na pesquisa de Fonseca *et al.* (2017), foi identificado que 58% das testemunhas não fizeram nada ao ver alguém sendo vítima de *bullying*. Quem presencia, por sua vez, se sente incomodado pelo clima que se cria no ambiente e pelo medo de ser o próximo alvo. (Alpes; Colares e Pinto, 2020)

Ressalta-se que, em todos os sete artigos analisados no quadro 02, foram identificadas práticas de *bullying* no Ensino Superior, ocorrendo em contextos distintos, mas com fatores recorrentes, como intolerância, desrespeito, discriminação e preconceito. Esses elementos contribuem para a ocorrência de atos violentos, gerando diversas consequências para os envolvidos, em curto, médio e longo prazo.

Observa-se, ainda, que os estudantes de graduação demonstram concepções generalizadas sobre a temática do *bullying*, o que evidencia que o assunto ainda é pouco abordado entre profissionais de diferentes áreas, comprometendo ações de prevenção e combate ao fenômeno.

3.5.1 Enfrentamento do *Bullying* no Ensino Superior

Sobre direitos e enfrentamentos no Ensino Superior, a Lei 14.811/2024 também relata sobre as responsabilidades das instituições de ensino em relação ao *bullying*, que estabelece que escolas públicas e privadas devem:

- Implantar programas de prevenção ao *bullying* e *cyberbullying*.
- Garantir a proteção de estudantes vítimas dessas práticas.
- Criar canais de denúncia seguros e confidenciais.
- Promover ações educativas sobre o respeito às diferenças, a convivência saudável e o uso responsável da tecnologia.

O *bullying* é um problema sério que afeta muitas pessoas, especialmente alunos nas instituições de ensino, que para enfrentar essa questão envolve tanto ações individuais, quanto coletivas.

A Lei nº 14.811/2024, sancionada no Brasil, estabelece diretrizes para a prevenção e o enfrentamento do *bullying* e do *cyberbullying*, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar, com ênfase na proteção das vítimas e na responsabilização dos agressores.

A Lei estabelece que escolas públicas e privadas devem implantar programas de prevenção ao *bullying* e *cyberbullying*, garantindo a proteção de estudantes vítimas dessas práticas, onde deve criar canais de denúncia seguros e confidenciais. Afim de promover ações educativas sobre o respeito às diferenças, a convivência saudável e o uso responsável da tecnologia.

Para o enfrentamento das ações de *bullying*, se faz necessário trabalhar a consciência do indivíduo, proporcionando as condições para a percepção da constante estimulação social à violência e à frieza a que estamos sendo expostos, simbolizada pelos preconceitos, estereótipos, com impedimentos a comunicação e a convivência cotidianas, tão presentes nas diversas organizações sociais, inclusive na escola (Fonseca, Micucci, Costa *et al*, 2017).

Dessa forma, segundo o autor, a consciência crítica configura-se como um elemento central no processo de formação do indivíduo, sendo fundamental para o enfrentamento das ações de *bullying*. Para tanto, torna-se necessário adotar estratégias que possibilitem lidar de forma eficaz com esse fenômeno.

É fundamental implementar programas educacionais nas escolas que

promovam a educação e a conscientização sobre empatia, respeito e as consequências do *bullying* para as vítimas. Palestras e *workshops* contribuem para a realização de eventos voltados à discussão do tema, envolvendo alunos, professores, pais e toda a comunidade escolar.

Os objetivos da Lei 14.811/2024, é reduzir a incidência de *bullying* e *cyberbullying* nas escolas e na sociedade em geral, protegendo crianças e adolescentes, proporcionando um ambiente seguro para seu desenvolvimento social e emocional. Com intuito de promover uma cultura de respeito e solidariedade, estimulando atitudes de empatia e aceitação das diferenças.

Essas estratégias, combinadas com um esforço contínuo de toda a comunidade escolar e familiar, podem ajudar a criar um ambiente mais seguro e sadio, reduzindo os casos de *bullying* e suas consequências, pois a lei também prevê a participação ativa dos pais ou responsáveis na orientação dos estudantes, especialmente em relação ao uso consciente da internet e das redes sociais, para prevenir o *cyberbullying*.

A Lei prevê apoio as vítimas com medidas de assistência psicológica às vítimas, especialmente no caso de estudantes que sofrem *bullying* ou *cyberbullying*. Também é previsto o apoio jurídico e a orientação para que as vítimas possam buscar seus direitos, incluindo a possibilidade de denunciarem os casos às autoridades competentes.

Diante dessa lei 14.811/2024, o poder público deve apoiar a implementação de políticas públicas que envolvam prevenção e enfrentamento ao *bullying* e *cyberbullying*, com campanhas educativas e orientações à população em geral. Também é prevista a criação de uma plataforma digital para denunciar casos de *cyberbullying*, garantindo a sigilosidade e a efetividade das denúncias.

3.6 Bullying e a Educação Profissional e Tecnológica (EPT)

A instituição escolar constitui um espaço fundamental para a formação e socialização dos discentes, proporcionando a transição para novos patamares de atuação na vida social, incluindo, entre outros, o ingresso no mundo do trabalho.

Dessa forma, a formação adquirida no ambiente escolar abrange não apenas os conteúdos disciplinares, mas também as relações sociais desenvolvidas nesse

espaço, as quais influenciam a atuação do indivíduo no ambiente de trabalho, tanto em suas competências técnico-profissionais quanto nas interações interpessoais (Silva, 2006). Entretanto, pesquisas indicam que o *bullying* ocorre não só no contexto escolar, mas também nos ambientes laborais. Em estudo conduzido por Teixeira (2016), dos 12 participantes investigados, quatro relataram ter sido vítimas de *bullying* no ambiente de trabalho.

Pinto e Branco (2011) enfatizam que o *bullying* constitui uma prática social vinculada a valores competitivos e individualistas, característicos da cultura ocidental dominante.

A escola, como instituição social integrante do sistema educacional formal, reflete a cultura e os valores simbólicos predominantes na sociedade. Esses valores, por vezes, se manifestam de maneira negativa por meio de práticas discriminatórias e preconceituosas, configurando-se, em diversas situações, em ações sistemáticas de intimidação conhecidas como *bullying*.

Os discentes envolvidos em episódios de *bullying* durante suas etapas escolares, caso não recebam intervenções educativas adequadas e eficazes, podem acabar reproduzindo esse comportamento agressivo no ambiente de trabalho. Isso compromete o clima organizacional, as relações interpessoais e prejudica diretamente os indivíduos alvo dessas ações. Além de afetar os membros do grupo, esse contexto também compromete o funcionamento e o desempenho da organização (Leymann, 1996).

O *bullying* prejudica a integração social do indivíduo, criando um ambiente hostil que dificulta a interação do aluno com colegas e professores no contexto educacional. No ambiente profissional, essa dificuldade de interação também se manifesta, comprometendo a colaboração e a troca de experiências essenciais para o aprendizado e o desenvolvimento de habilidades.

Esse comportamento hostil apresentado pelo indivíduo, fundamentado nos valores de competitividade e individualismo, é frequentemente alimentado e reforçado pelo clima organizacional, que habitualmente se caracteriza pela forte presença desses mesmos valores de individualidade e competição.

Dessa forma, o indivíduo estabelece um círculo vicioso que prejudica todos os envolvidos, inclusive a si próprio, ao repetir padrões comportamentais que deterioram as relações no ambiente de trabalho. Assim, o local deixa de ser considerado seguro,

transformando-se em um espaço marcado pela violência e pela desmotivação profissional.

A ocorrência do *bullying* nos ambientes laborais é uma realidade que, pela sua frequência, exige uma reflexão profunda sobre o processo de formação do ser humano na sociedade contemporânea. Isso reforça a importância de uma educação humanista, que vá além da formação estritamente técnica e profissional, uma vez que o *bullying* na educação profissional configura-se como uma questão séria, capaz de afetar negativamente o aprendizado e o desenvolvimento da carreira do indivíduo.

Gonçalves (2014), que é analista do Núcleo Brasileiro de Estágios (Nube), realizou uma pesquisa com 4.909 estagiários de diversas empresas, com idade entre 15 e 26 anos, e, identificou que 49,52% dos jovens confessaram já ter sofrido *bullying* no ambiente de trabalho. Esses dados demonstram a necessidade de se repensar o modelo e as práticas de formação dos jovens educandos e futuros trabalhadores na sociedade.

A instituição escolar, em conjunto com a família e a comunidade, é fundamental para a disseminação e formação de valores nos discentes sob sua tutela. Dessa forma, para promover a formação integral desses indivíduos, preparando-os para a cidadania plena e para uma convivência ética, respeitosa e harmoniosa, é imprescindível que a educação ultrapasse o ensino técnico-científico, abrangendo também as dimensões culturais, sociais, éticas e morais. Esses fatores, inter-relacionados e complementares, são essenciais para a formação de cidadãos conscientes e capazes de agir de maneira responsável na sociedade.

É imprescindível o esforço de reformulação das práticas educativas, fundamentando-as de fato em princípios humanistas, não só no ambiente escolar, mas na sociedade em geral. De acordo com Catini (2004, p. 54), para uma melhoria de qualidade de vida das pessoas, se faz necessário promover “[...] uma mudança de paradigma, da ética competitiva e individualista para a ética cooperativa e coletivista [...], da valorização do ter para a valorização do ser”, em toda a sua diversidade.

Portanto, é essencial que as instituições educativas e os profissionais envolvidos adotem estratégias proativas para prevenir e combater o *bullying*, garantindo ambientes mais saudáveis e inclusivos para todos.

3.7 Legislação anti- *bullying*

A Legislação Anti-*bullying* no Brasil, é composta por diversas normas que visam combater o *bullying*, especialmente no ambiente escolar.

Lei nº 13.185/2015 - Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*)

A Lei nº 13.185, em vigor desde 2016, classifica o *bullying* como intimidação sistemática, quando há violência física ou psicológica em atos de humilhação ou discriminação. A classificação também inclui ataques físicos, insultos, ameaças, comentários e apelidos pejorativos, entre outros. Entretanto, atualmente, situações de violência e desrespeito nas instituições ganham cada vez mais destaque nas mídias e pesquisas, o que contribui para que esses acontecimentos tenham cada vez mais visibilidade para a sociedade.

Essa é a principal legislação federal que trata do *bullying* no Brasil, sancionada em novembro de 2015, institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*) e determina que as escolas públicas e privadas adotem medidas para combater a prática. A lei não se limita apenas ao ambiente escolar, mas também inclui outras formas de intimidação que possam ocorrer em diversos contextos.

Entre os pontos principais da Lei nº 13.185 estão:

- Definição de *bullying*: A lei define *bullying* como uma prática de violência física ou psicológica, intencional, repetitiva e que causa dano ao alvo.
- Ações de prevenção: Estabelece que as instituições de ensino devem desenvolver programas e ações educativas para a conscientização e prevenção do *bullying*, bem como adotar medidas de acolhimento e apoio às vítimas.
- Treinamento de educadores: As escolas devem promover a capacitação de professores e funcionários para identificar e lidar com situações de *bullying*.
- Notificação: Determina que os casos de *bullying* devem ser comunicados aos pais ou responsáveis dos envolvidos.

Sob o ponto de vista jurídico brasileiro, na ementa da Lei nº 13.185/2015 (Brasil, 2015), este fenômeno é denominado como intimidação sistemática, mas, preserva, entre parênteses, a palavra *bullying*.

Lei nº 8.069/1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)

Embora o ECA não trate exclusivamente de *bullying*, ele estabelece princípios e direitos que podem ser aplicados ao contexto do *bullying*, como:

- Direito à convivência familiar e comunitária (art. 19)
- Direito à educação sem discriminação (art. 53)
- Proteção contra qualquer forma de violência, abuso e exploração (art. 17)

Esses artigos garantem que crianças e adolescentes têm o direito de serem protegidos contra formas de agressão, o que inclui o *bullying*, e têm o direito de estudar em um ambiente livre de intimidação e violência.

Lei 14.811/2024- *Bullying* e *Cyberbullying*

O *bullying* é uma ação de violência repetida que ocorre em ambiente escolar, praticada por um agressor ou um grupo com intenção de causar mal a uma ou mais vítimas; já o *cyberbullying* é uma forma de agressão repetida, mas realizada por meio da internet. Ambas as práticas foram incluídas no Código Penal por meio de lei sancionada pelo presidente Lula.

A Lei 14.811/2024, sancionada no Brasil, trata do enfrentamento do *bullying* e *cyberbullying*, com foco na proteção e promoção de ambientes mais seguros, especialmente nas escolas. A lei estabelece normas para prevenir, combater e punir tais práticas, que envolvem agressões físicas, psicológicas e digitais, prejudicando o desenvolvimento social e emocional das vítimas, muitas vezes jovens e adolescentes.

O Art. 6º O Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), passa a vigorar acrescido do seguinte art. 146-A:

- “Intimidação sistemática (*bullying*)

Art. 146- A. Intimidar sistematicamente, individualmente ou em grupo, mediante violência física ou psicológica, uma ou mais pessoas, de modo intencional e repetitivo, sem motivação evidente, por meio de atos de intimidação, de humilhação ou de discriminação ou de ações verbais, morais, sexuais, sociais, psicológicas, físicas, materiais ou virtuais:

Pena - multa, se a conduta não constituir crime mais grave.

- Intimidação sistemática virtual (*cyberbullying*)

Parágrafo único. Se a conduta é realizada por meio da rede de computadores, de rede social, de aplicativos, de jogos *on-line* ou por qualquer outro meio ou ambiente digital, ou transmitida em tempo real:

Pena - reclusão, de 2 (dois) anos a 4 (quatro) anos, e multa, se a conduta não constituir crime mais grave. ”

A Lei 14.811/2024, sancionada no Brasil, trata de questões relacionadas ao *bullying* e ao *cyberbullying*, estabelecendo medidas para o enfrentamento dessas práticas tanto no ambiente escolar quanto fora dele, focando na proteção de vítimas e na responsabilização de agressores.

Principais pontos da Lei 14.811/2024

1. Definições de *Bullying* e *Cyberbullying*:

Bullying: Consiste em comportamentos agressivos repetidos, físicos ou psicológicos, realizados com a intenção de intimidar ou humilhar uma pessoa, geralmente em um ambiente escolar ou em contexto social.

Cyberbullying: É uma forma de *bullying* praticada através de meios digitais, como redes sociais, aplicativos de mensagens e outras plataformas online, onde a vítima é alvo de ataques, humilhações ou assédio virtual.

2. Obrigações das Instituições de Ensino:

As escolas e demais instituições educacionais devem adotar medidas de prevenção, conscientização e combate ao *bullying* e *cyberbullying*.

Estabelecimento de protocolos de atendimento e acompanhamento psicológico para vítimas e agressores, com vistas à resolução de conflitos e promoção de um ambiente mais saudável

Realização de campanhas educativas sobre os malefícios do *bullying* e *cyberbullying*.

3. Responsabilidade de Pais e Educadores:

A lei também foca na importância da responsabilidade compartilhada entre pais, educadores e a própria comunidade escolar para prevenir e lidar com essas práticas. A sensibilização sobre o impacto do *bullying* é fundamental.

4. Ações Punitivas e Educativas:

A Lei estabelece que os agressores podem ser punidos, não necessariamente com medidas punitivas severas, mas com ações educativas que busquem corrigir o comportamento inadequado, como orientação psicológica e outras medidas reparatórias. A legislação sugere uma abordagem que priorize a reabilitação do agressor, sem descuidar da proteção da vítima.

5. Apoio às Vítimas:

As vítimas de *bullying* e *cyberbullying* devem ser acompanhadas por profissionais de psicologia, tanto no ambiente escolar quanto em outros contextos, como os familiares, para garantir a reconstrução da autoestima e o desenvolvimento emocional da vítima.

6. Relação com a Lei de Proteção de Dados (LGPD):

A Lei 14.811/2024 também aborda o uso de tecnologias e a necessidade de garantir que o ambiente virtual não seja utilizado para práticas de *bullying*. As plataformas digitais e redes sociais têm responsabilidades no combate ao *cyberbullying*, dentro do marco da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD).

7. Sistemas de Denúncias:

A lei incentiva a criação de canais de denúncia anônima e acessíveis para que vítimas ou testemunhas de *bullying* ou *cyberbullying* possam reportar as agressões, protegendo assim as pessoas envolvidas de represálias.

8. Impacto da Lei

A Lei 14.811/2024 reflete uma abordagem mais rigorosa e estruturada para enfrentar problemas como o *bullying* e o *cyberbullying*, com foco na prevenção e na educação, além de prever mecanismos legais e de apoio psicológico para todas as

partes envolvidas. Espera-se que a legislação contribua para a criação de ambientes mais respeitosos, tanto físicos quanto digitais, promovendo o respeito à diversidade e a inclusão.

É uma tentativa importante para combater práticas que afetam a saúde mental e emocional dos jovens, e de melhorar o ambiente escolar e social no Brasil, ajudando a moldar uma geração mais consciente dos impactos do *bullying*.

Sendo assim, a Lei 14.811/2024 representa um avanço significativo no combate ao *bullying* e ao *cyberbullying* no Brasil, ao criar medidas preventivas, educacionais e punitivas que envolvem não apenas as instituições de ensino, mas também as famílias, as plataformas digitais e o poder público. Seu principal objetivo é proporcionar um ambiente seguro e saudável para os estudantes e outros cidadãos, ao mesmo tempo em que responsabiliza os agressores e oferece apoio às vítimas.

E as consequências legais em casos mais graves, o *bullying* e o *cyberbullying* podem resultar em ações judiciais. Dependendo da gravidade do ato, os envolvidos podem enfrentar penalidades civis ou até mesmo criminais, como prisão para casos de difamação, ameaça ou outras condutas criminosas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, são apresentados os dados coletados de trinta e oito participantes, de ambos os sexos e maiores de 18 anos, por meio da aplicação de um questionário *online* elaborado pela autora na plataforma *Google Forms*, divulgado a esses discentes no mês de setembro de 2024. O questionário seguiu um roteiro de perguntas definido conforme apresentado no Anexo 2.

A partir das respostas obtidas, foram extraídos dados significativos, organizados em tópicos que permitem analisar, validar e responder aos objetivos desta pesquisa sobre a temática na Faculdade Xtec.

Os participantes da pesquisa permaneceram anônimos, sendo divulgadas apenas informações demográficas.

4.1 Apresentação dos Dados e Discussão dos Resultados

Este capítulo apresenta e analisa os dados obtidos a partir da pesquisa realizada, com o objetivo de compreender as manifestações do *bullying* no contexto do ensino superior, bem como identificar as percepções, experiências e posicionamentos dos sujeitos envolvidos. A análise foi orientada pelos objetivos específicos da pesquisa e está estruturada em categorias temáticas emergentes dos dados coletados.

As informações foram obtidas por meio de um questionário *online* aplicado na Faculdade Xtec. A abordagem metodológica adotada foi qualitativa, permitindo uma análise aprofundada das narrativas e dos padrões observados.

Os dados foram sistematizados por meio de gráficos e quadros, visando facilitar a interpretação e fornecer um suporte visual que contextualize as análises desenvolvidas.

Do universo de 70 estudantes matriculados no último semestre do curso de graduação da Faculdade Xtec, 38 responderam ao questionário, correspondendo à amostra participante desta pesquisa.

4.1.1 Perfil dos Participantes

Quanto ao perfil dos participantes, observou-se que a maioria é composta por jovens, correspondendo a 50% do grupo. Essa predominância indica uma importante oportunidade para intervenções, além de justificar a criação de espaços de pesquisa e monitoramento sobre o *bullying*, considerando que estudos apontam uma redução significativa desse fenômeno com o avanço da idade. Como critério de inclusão, os participantes desta pesquisa são estudantes do último semestre dos cursos de graduação da referida instituição de ensino superior.

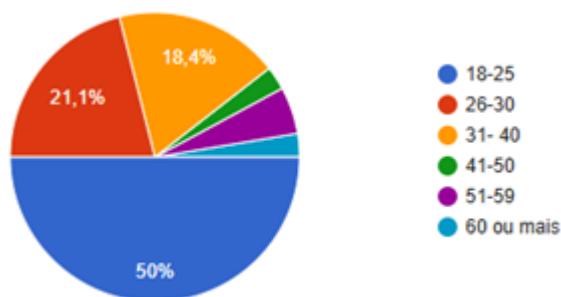
No grupo de participantes, observou-se que a maioria é composta por estudantes jovens, com idade entre 18 e 25 anos, totalizando 19 alunos, conforme ilustrado na Figura 5.

O grupo de respondentes com idade entre 26 e 30 anos é composto por 8 participantes, correspondendo a 21,1% do total da pesquisa. Aqueles com idade entre 31 e 40 anos totalizaram 7 respondentes, representando 18,4%. A faixa etária de 41 a 50 anos contou com 1 participante, equivalente a 2,6%. Dois alunos (5,3%)

pertencem ao grupo entre 51 e 59 anos, e apenas 1 respondente (2,6%) tem 60 anos ou mais.

Observa-se, portanto, um pequeno número de participantes com idade acima de 41 anos na instituição, totalizando quatro alunos nessa faixa etária entre os últimos semestres dos cursos investigados.

Figura 5 - Idade

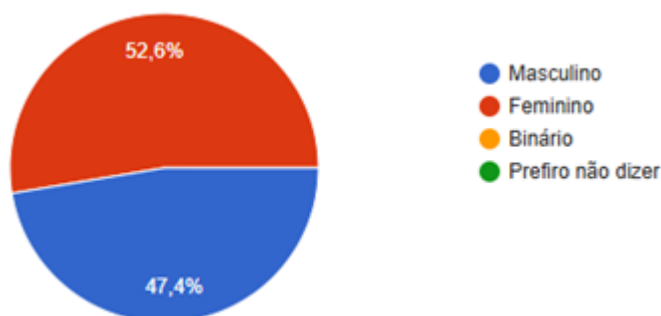


Fonte: Elaborado pela autora.

Com o objetivo de verificar o gênero dos respondentes, esta pesquisa identificou que 52,6% dos participantes são do sexo feminino, representando a maioria do grupo com 20 alunas, enquanto 47,4% são do sexo masculino, totalizando 18 alunos, conforme apresentado na Figura 6.

Observa-se, portanto, uma leve predominância do sexo feminino entre os participantes. Esse resultado pode ser explicado pelo crescente ingresso e presença das mulheres em todos os níveis de ensino no Brasil.

Figura 6 - Gênero



Fonte: Elaborado pela autora.

4.1.2 Entendimento do *bullying* pelos discentes

Segundo os autores Fernando e Seixas (2012), o *bullying* possui três características principais: a repetição, a desigualdade de poder e a intencionalidade, porém no âmbito estudantil ainda se tende a ser confundido como brincadeiras. Dessa forma, o questionário incluiu questões de múltipla escolha que contemplavam essas diferentes perspectivas, além da opção “outra opinião” para que os discentes pudessem registrar respostas alternativas. Além disso, foram inseridas perguntas dissertativas ao longo do questionário, permitindo respostas mais detalhadas e reflexivas.

O *bullying* constitui um conceito bem delimitado, cuja definição precisa evita confusões com outras modalidades de violência (Calhau, 2009). A Figura 7 apresenta a quantidade de respondentes e sua compreensão sobre o conceito de *bullying*. Observa-se que 100% dos participantes afirmaram conhecer o significado do termo, conforme pode ser analisado na figura. Em geral, o *bullying* é traduzido como uma intimidação ou uma provocação que um indivíduo ou mais indivíduos, mais fortes ou espertos praticam de forma constante e por um determinado período contra pessoas que não conseguem reagir a essa agressão (Fante, 2005; Lopes Neto, 2011).

Figura 7 – Você sabe o que é *bullying*?



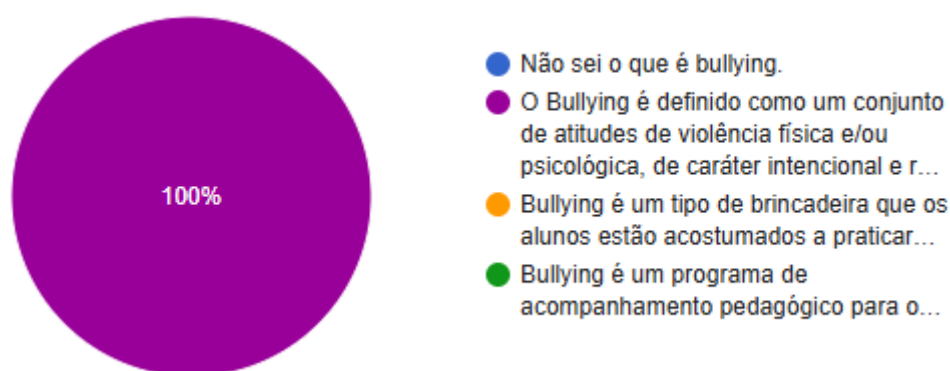
Fonte: Elaborado pela autora.

Todos os interrogados (100%) demonstraram compreender o conceito de *bullying*, definindo-o, em sua maioria, como “*O bullying é definido como um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um agressor contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender*”. Os autores estudados apresentam a compreensão de *bullying* como um agrupamento de atitudes de violência física ou psicológica de forma intencional e repetida, o qual ocorre contra alguém sem a possibilidade de defesa da vítima (Silva, 2010). Todos os discentes (100%) demonstraram possuir

entendimento sobre o conceito de *bullying*, conforme evidenciado na pesquisa e ilustrado na Figura 8.

O *bullying*, segundo os autores, tem três características principais: repetição, desigualdade de poder e intencionalidade. Fernandes e Seixas (2012, p.17), enfatizam que “o *bullying* é um comportamento agressivo” compreendido a partir das três características: intenção, repetição e desigualdade de poder.

Figura 8 - Na sua percepção, o que você entende por *bullying*?



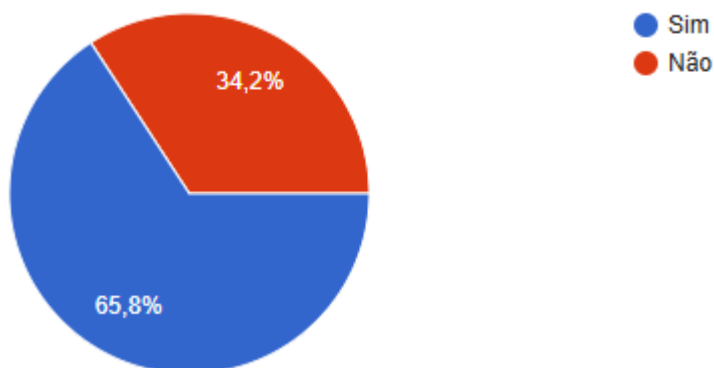
Fonte: Elaborado pela autora.

4.1.3 Ocorrência do *bullying* no Ensino Superior

Com base nas afirmações de diversos autores mencionados neste estudo, que apontam a existência de práticas de *bullying* no ensino superior, foi formulada a seguinte pergunta aos participantes: “Na sua opinião, existe *bullying* no ensino superior (no seu campus)?”

Conforme apresentado na Figura 9, 65,8% dos respondentes, correspondendo a 25 alunos, afirmaram que o *bullying* ocorre no campus onde estudam. Por outro lado, 34,2% dos participantes, totalizando 13 alunos, responderam que, em sua percepção, o *bullying* não está presente na realidade do ensino superior em que estão inseridos. Silva e Morgado (2011) e Mateus e Pingoello (2015), afirmam que o *bullying* também ocorre no ensino superior, embora a maior parte das pesquisas sejam realizadas na educação básica e não no universitário. Embora a literatura aponte uma escassez de estudos científicos sobre o *bullying* no ensino superior, os dados desta pesquisa revelam, de forma evidente, a presença do fenômeno nesse contexto. Isso se confirma pelas respostas dos universitários participantes, dos quais 65,8% afirmaram reconhecer a existência de práticas de *bullying* em sua instituição de ensino.

Figura 9 - Na sua opinião existe *Bullying* no ensino superior (no seu campus)?



Fonte: Elaborado pela autora.

4.1.4 Tipos de *bullying* identificados

A respeito das formas de *bullying*, Fernandes e Seixas (2012) apontam cinco tipos: o físico; o verbal; o relacional, o psicológico, o sexual e o *cyberbullying*. Lopes Neto (2011) ainda apresenta o *bullying* moral e o material.

Diante desse cenário, os discentes que responderam “sim” à existência de *bullying* no ensino superior foram questionados sobre as formas pelas quais percebem esse fenômeno manifestar-se em seu campus. As respostas revelam uma diversidade de percepções quanto às manifestações do *bullying*, conforme vivenciado ou observado pelos próprios estudantes.

Entre as formas mais citadas, destaca-se, em primeiro lugar, o *bullying* verbal, apontado como a ocorrência mais frequente nesse ambiente. Lopes Neto (2011, p.23) apresenta as seguintes características para essa forma: “apelidar, falar mal e insultar”. Em segundo lugar, os participantes destacam a forma psicológica como uma das manifestações mais recorrentes do *bullying* no ambiente universitário. Segundo Lopes Neto (2011, p. 23), esse tipo de violência caracteriza-se por ações como “ignorar, excluir, perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, tyrannizar, chantagear e manipular” as vítimas, gerando impactos profundos no bem-estar emocional dos envolvidos.

A maioria dos respondentes, correspondendo a 47,4% (18 discentes), relatou ter presenciado manifestações de *bullying* em seu campus na forma verbal. Esse dado reforça a percepção de que agressões verbais representam a principal expressão desse fenômeno no contexto do ensino superior, conforme apontado pelos

participantes da pesquisa. Para Fernandes e Seixas (2012, p.24), são “ataques verbais a um colega”. Silva (2010) demonstra particularidades como “ofender, fazer piadas ofensivas, colocar apelidos pejorativos, piadas ofensivas, zoar e ofender”.

O *bullying* verbal é uma forma de agressão intencional manifestando-se por meio de palavras, gestos ou expressões verbais, o objetivo consiste em intimidar e humilhar a vítima, exemplos desse tipo são os xingamentos, insultos, apelidos, gozações, provocações e etc, ou seja, nessa definição, o tipo verbal é abarcado o ato de nomear o aluno violentado por apelidos vergonhosos, humilhantes ou cruéis que magoam e causam constrangimentos.

Dentro desse grupo, 8 discentes afirmaram ter presenciado manifestações de *bullying* em seu campus na forma psicológica, caracterizada por atitudes de intimidação e humilhação. Esse número representa 21,1% das respostas, evidenciando que, embora menos frequente que a forma verbal, o *bullying* psicológico também se faz presente no cotidiano acadêmico, causando impactos significativos nas relações interpessoais. Segundo Fernandes e Seixas (2012, p.24), é apelar “maioritariamente a uma combinação de comportamentos de intimidação e humilhação para atormentar os colegas”. Silva (2010, p. 23-24) acrescenta “irritar, humilhar, desprezar, discriminar, fazer fofocas, intrigas e passar bilhetes ofensivos entre colegas”.

Além das formas verbal e psicológica, outras manifestações também foram relatadas pelos discentes, conforme pode ser observado na Figura 10.

O terceiro tipo de *bullying* identificado foi o relacional. Entre os respondentes, 4 discentes relataram ter presenciado esse tipo de manifestação, o que corresponde a 10,5% das respostas. O *bullying* relacional está diretamente ligado às interações sociais entre os estudantes, envolvendo atitudes como espalhar fofocas, fazer comentários maldosos, isolar ou excluir alguém do convívio social. Trata-se de uma forma de violência sutil, mas com grande impacto, cujo objetivo é prejudicar a reputação ou a posição social da vítima, perturbando suas relações interpessoais e promovendo seu isolamento dentro do grupo.

Correspondendo a 2,6% dos participantes, apenas um discente relatou ter presenciado manifestações de *bullying* na forma física dentro da instituição. Esse tipo de agressão envolve comportamentos de natureza corporal, como bater, dar socos, empurrar, chutar, beliscar, arranhar ou morder, entre outros. O *bullying* físico é

caracterizado por deixar marcas visíveis no corpo da vítima, sendo, portanto, uma das formas mais explícitas e facilmente identificáveis de violência interpessoal.

Além disso, 2,6% dos respondentes, correspondendo a um aluno, relataram ter presenciado manifestações de *bullying* na forma digital. Esse tipo de agressão, conhecido como *cyberbullying*, foi conceituado pelo educador Bill Belsey como *bullying* virtual, caracterizado pelo uso repetitivo de tecnologias para ofender, hostilizar e ameaçar uma pessoa (Melo, 2011).

Para Beane (2010, p.22), o *cyberbullying* é feito em páginas na *web*, *e-mail*, mensagens de texto e assim por diante. Esse é um tipo de violência digital que ocorre entre pares nas redes sociais digitais mediante conteúdos hostis e de humilhação que causam impactos à saúde psíquica das vítimas. Silva (2010), evidencia a importância do compromisso ético humano em usar ferramentas tecnológicas e digitais, as quais são tão destrutivas quanto as armas:

“comentários racistas preconceituosos, sexistas são feitos de forma totalmente desrespeitosa e, muitas vezes, vêm acompanhados de fotografias alteradas das vítimas em montagens constrangedoras e bizarras.” (Silva, 2010, p. 127)

Outro aluno, representando 2,6% dos respondentes, relatou ter presenciado manifestações de *bullying* na forma de trote. Silva (2010) afirma que as atitudes de *bullying* podem começar a partir dessas questões e que, pode levar à prática, pois um único trote universitário pode deixar sequelas muito mais danosas do que o *bullying* que sucede durante todo um ano letivo.

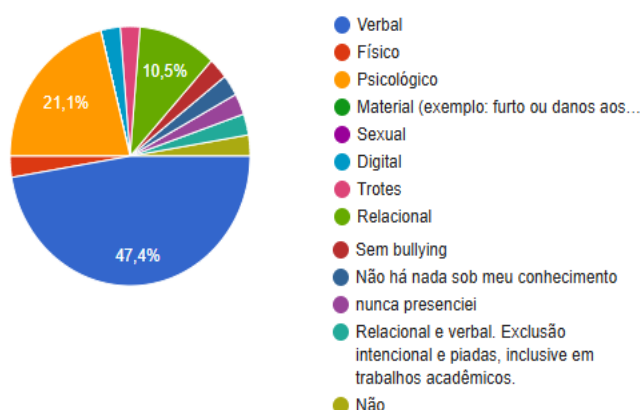
Silva e Morgado (2011), também destaca em sua pesquisa que através das entrevistas fica evidente a presença do *bullying* no cotidiano universitário, pois constatou-se através das falas dos sujeitos que as situações de *bullying* vinculadas ao trote universitário possuem também atitudes agressivas indiretas, ou seja, foram apontadas pelos voluntários ocorrências de exclusão, ameaças, humilhação e intimidação.

Além disso, 10,5% dos participantes, correspondentes a quatro alunos, relataram não presenciar, não ter conhecimento ou não observar manifestações de *bullying* no ensino superior nesta instituição. A maioria dos agressores acredita que a prática do *bullying* é engraçada e a maioria das testemunhas finge não ver as agressões, pois sente medo de passar a ser o alvo delas. (Fonseca et al, 2017)

Ainda nesta questão, os alunos tiveram a opção de indicar, no item “outros”, formas de *bullying* que presenciaram. Apenas um aluno, correspondendo a 2,6% dos respondentes, descreveu a manifestação da seguinte forma:

“Relacional e verbal, relatando sobre a exclusão intencional e piadas, inclusive em trabalhos acadêmicos”.

Figura 10- Caso sua resposta seja afirmativa, qual tipo de *Bullying* você vê se manifestar no Ensino Superior (no seu campus)?



Fonte: Elaborado pela autora.

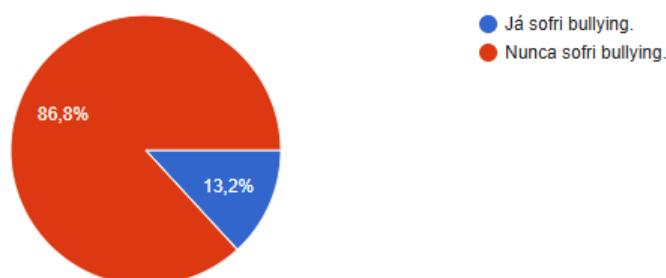
4.1.5 Já sofreu *bullying* no ensino superior? Vozes que precisam ser ouvidas

Silva e Morgado (2011) ressaltam que o *bullying* não se restringe apenas a crianças e adolescentes, mas também atinge universitários, sendo uma situação que, independentemente do contexto, deve ser reconhecida e tratada como relevante, por se tratar essencialmente de uma forma de violência. Nos ambientes universitários onde a violência é desconsiderada ou minimizada por gestores insensíveis ao problema, o *bullying* tende a ser naturalizado e frequentemente ignorado.

Com o intuito de investigar a ocorrência do *bullying* no ensino superior, este estudo de caso realizado na Faculdade Xtec identificou que 5 alunos, correspondendo a 13,2% dos participantes, afirmaram já ter sofrido *bullying* nesse nível de ensino, conforme ilustrado na Figura 11. O fenômeno também se verifica no ensino superior, demonstrando que sua incidência não está condicionada à faixa etária, ao gênero ou ao curso de graduação dos estudantes. (Mateus e Pingoello, 2015)

Em contrapartida, 86,8% dos participantes, correspondentes a 33 discentes, afirmaram não ter sofrido *bullying* durante o ensino superior.

Figura 11 - Você já sofreu *bullying* no Ensino Superior(no seu campus)?



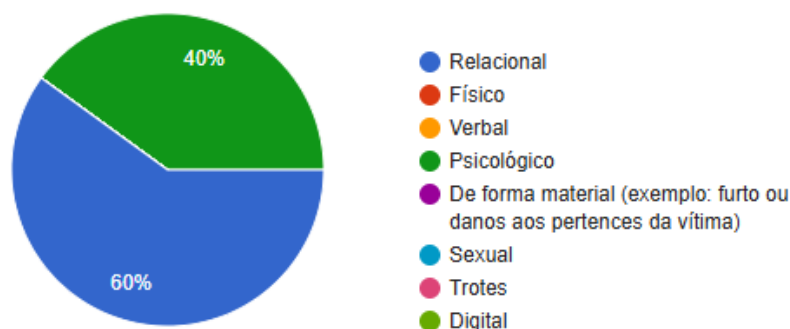
Fonte: Elaborado pela autora.

Dos respondentes, 13,2% (5 alunos) relataram ter vivenciado *bullying* no ensino superior na instituição atual. Esses participantes foram questionados sobre o tipo de *bullying* sofrido, conforme apresentado na Figura 12.

Entre esses respondentes, 60% (3 alunos) relataram ter vivenciado o *bullying* na forma relacional na Faculdade Xtec. Esse tipo de *bullying* envolve ações que comprometem os relacionamentos sociais da vítima com seus colegas, afetando sua inclusão e interação no grupo.

Os outros 40%, correspondentes a 2 alunos, relataram ter vivenciado o *bullying* na forma psicológica nessa instituição. Esse tipo de agressão caracteriza-se por ações que visam controlar ou manipular a vítima, gerando sofrimento psicológico e comprometendo sua saúde mental.

Figura 12- Em caso afirmativo, que tipo de *Bullying* você sofreu no Ensino Superior (no seu campus)?



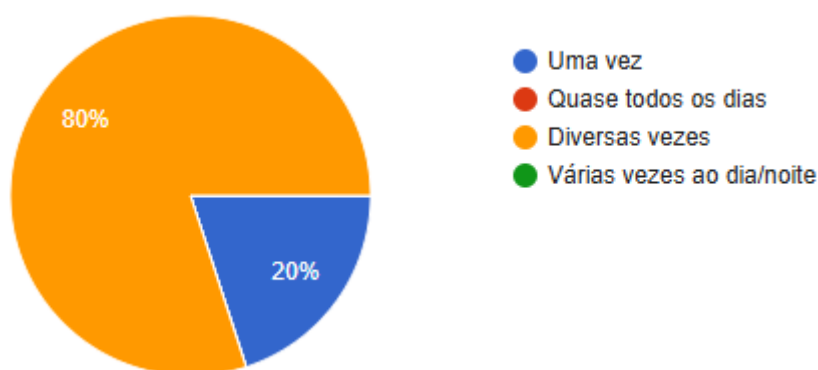
Fonte: Elaborado pela autora.

Com o objetivo de investigar a frequência com que os discentes afirmativos sofreram *bullying* no ensino superior, foi realizada a questão sobre quantas vezes esses alunos vivenciaram essa situação na instituição, cujas respostas estão ilustradas na Figura 13. Observa-se que 80% dos participantes, correspondendo a 4 alunos, relataram ter sofrido *bullying* em diversas ocasiões na instituição.

A partir da análise dos dados apresentados na Figura 13, fica evidente que o *bullying* está presente no ambiente do ensino superior e requer atenção urgente. Afinal, o *bullying* é uma forma de violência em qualquer contexto e manifestou-se de forma recorrente entre esse grupo de estudantes na Faculdade Xtec.

Por outro lado, 20% dos respondentes, correspondente a 1 aluno, declarou ter sofrido *bullying* apenas uma única vez durante sua trajetória na instituição de ensino superior.

Figura 13- Quantas vezes você já sofreu *Bullying* no Ensino Superior (no seu campus)?



Fonte: Elaborado pela autora.

Com o intuito de identificar e compreender os locais onde o *bullying* ocorre na Faculdade Xtec, os participantes que afirmaram ter vivenciado essa prática foram questionados sobre os ambientes em que tais atos se manifestam. As respostas obtidas estão apresentadas e analisadas na Figura 14.

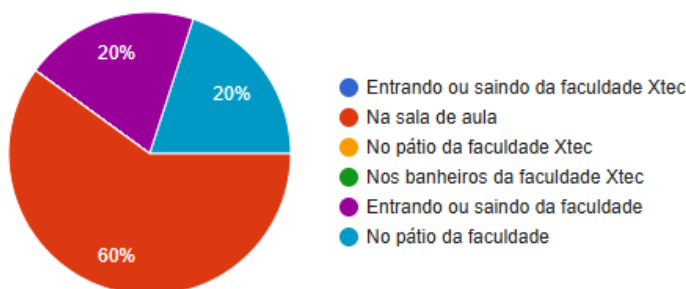
Alpes e Colares e Pinto (2020), destacam que estudantes e professores são capazes de identificar tal fenômeno como presente no cotidiano da graduação e em diversas esferas, sendo mais recorrente entre os pares violência interpessoal/ *bullying*.

Entre os respondentes, 3 alunos, correspondentes a 60%, relataram que o *bullying* ocorreu na sala de aula da Faculdade Xtec. Esse dado está em consonância com o estudo de Mateus e Pingoello (2015), que identificou que 26% dos estudantes

foram vítimas de *bullying* durante sua permanência no campus, sendo 76% desses casos registrados dentro das salas de aula no ensino superior.

Apenas um aluno (20%) relatou ter sofrido *bullying* no pátio da faculdade, enquanto outro participante (20%) afirmou que a agressão ocorreu durante a entrada ou saída da instituição. Em relação aos locais onde o *bullying* ocorre, Rezende (2019) aponta que 11,7% dos entrevistados já presenciaram o fenômeno dentro do ambiente universitário.

Figura 14- Onde o *Bullying* aconteceu?



Fonte: Elaborado pela autora.

Na maioria das situações, os atos de *bullying* ocorrem na presença de testemunhas que, muitas vezes, não reagem ou não auxiliam as vítimas, devido à intimidação causada pelos agressores e pela própria situação. Fonseca et al. (2017) identificaram que 58% das testemunhas não tomaram nenhuma atitude ao presenciar uma vítima de *bullying*. Além disso, segundo Alpes, Colares e Pinto (2020), aqueles que assistem às agressões frequentemente se sentem incomodados pelo clima hostil instaurado no ambiente, assim como pelo temor de se tornarem o próximo alvo.

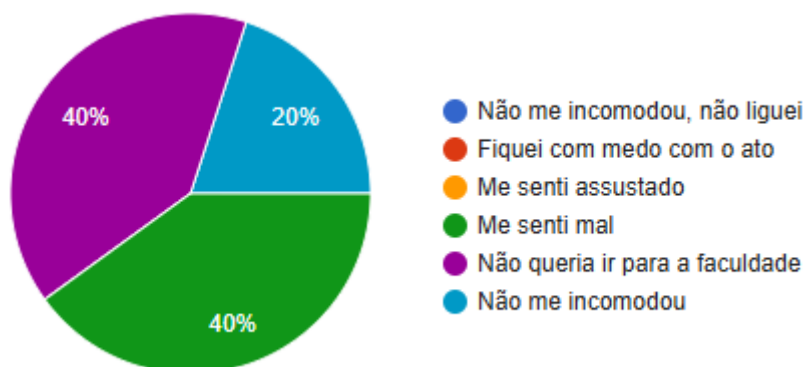
O *bullying* no ensino superior tende a ser negligenciado, uma vez que a violência nesse meio não é explicitamente reconhecida, sendo muitas vezes aceita como uma brincadeira ou até negada como existente nessa modalidade de ensino. Na Figura 15, é possível analisar os sentimentos relatados pelos estudantes que sofreram *bullying* na Faculdade Xtec.

Dos discentes que sofreram *bullying*, 40% (2 alunos) relataram que “se sentiram mal” com a situação vivenciada. Outros 40%, também correspondendo a 2 alunos, afirmaram que, após os episódios de *bullying*, “não queriam mais ir para a faculdade”. A subjetividade do *bullying* no ambiente universitário contribui para sua invisibilidade

perante a comunidade acadêmica, o que pode resultar em reprovação acadêmica ou evasão estudantil (Miranda et al., 2012).

Além disso, 1 aluno, correspondente a 20% dos que sofreram *bullying*, relatou que o episódio “*não o incomodou*”. No entanto, é importante destacar que, no ensino superior, o *bullying* muitas vezes é percebido pelos estudantes como uma forma de brincadeira ou algo engraçado, o que contribui para que a maioria das vítimas e testemunhas não denuncie essas práticas.

Figura 15- Como você se sentiu quando isso aconteceu?



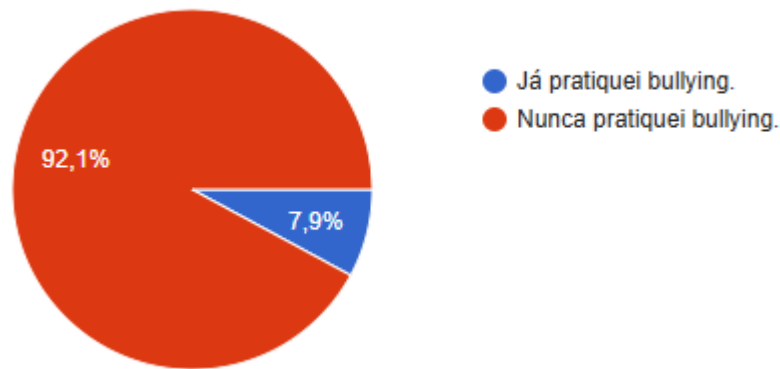
Fonte: Elaborado pela autora.

4.1.6 Já praticou *bullying* no ensino superior?

Para que o *bullying* ocorra, é necessário o envolvimento de, no mínimo, dois sujeitos: o alvo, ou vítima, e o agressor. Ao serem questionados sobre a prática do *bullying* no ensino superior, as respostas apresentadas na Figura 16 revelam que parte dos discentes já cometeram atos de *bullying* na instituição onde estudam, na Faculdade Xtec. Ou seja, alguns estudantes já foram vítimas dessa prática, enquanto outros também já atuaram como agressores.

Lopes Neto (2011) ressalta que os comportamentos relacionados ao *bullying* não podem ser cristalizados, pois variam conforme o gênero, a idade e o ambiente. No presente estudo, entre os 38 participantes, apenas 3 alunos (7,9%) afirmaram já ter praticado *bullying* no ensino superior, especificamente na instituição atual, a Faculdade Xtec. Em contrapartida, 92,1% dos respondentes, equivalentes a 35 alunos, declararam nunca ter cometido atos de *bullying* nesse nível de ensino.

Figura 16- Você já praticou *bullying* no Ensino Superior?



Fonte: Elaborado pela autora.

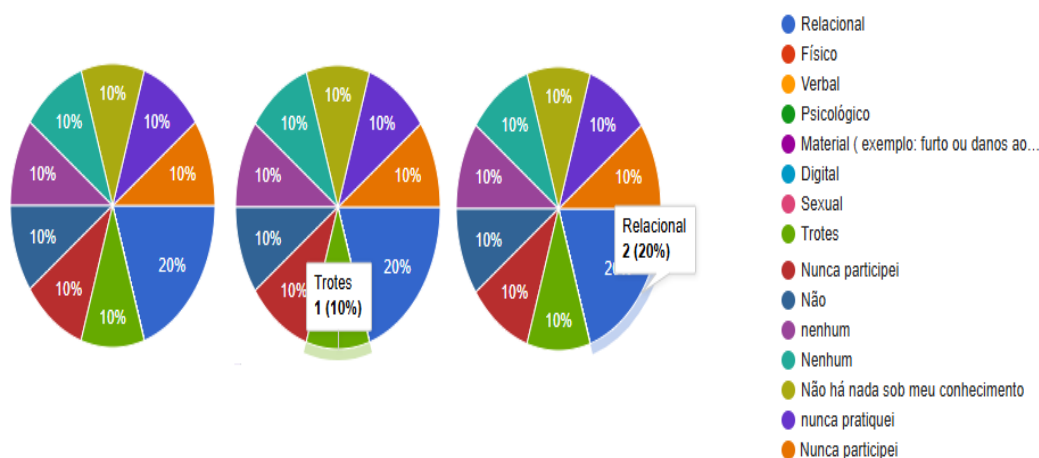
Em relação aos discentes que afirmaram ter praticado *bullying* no ensino superior em seu campus, foi questionado qual tipo de *bullying* eles haviam cometido. As respostas podem ser observadas na Figura 17.

Os praticantes de *bullying* no ensino superior na Faculdade Xtec correspondem a três alunos, dos quais dois relataram ter cometido *bullying* do tipo relacional. Com base nos achados desta pesquisa, é possível afirmar que as manifestações de *bullying* estão presentes nas relações sociais no ambiente universitário (Miranda et al., 2012).

O outro aluno (1) relatou ter praticado o *bullying* na forma de trote universitário. Mesmo quando ocorre de maneira aparentemente solidária, o trote pode ser caracterizado como uma forma de *bullying*, pois a vítima, em muitos casos, o tolera para evitar ser rejeitada ou antipatizada pelo grupo (Miranda et al., 2012).

Os outros alunos que não praticaram o *bullying* no ensino superior na faculdade Xtec, responderam:

“Não há nada sob meu conhecimento”.
 “Nunca pratiquei”.
 “Nenhum”.
 “Nunca participei”.

Figura 17- Em caso afirmativo, que tipo de *bullying* praticou?

Fonte: Elaborado pela autora.

4.1.7 Impactos do *bullying* no Ensino Superior

Atualmente, vivemos em uma sociedade marcada por uma crescente onda de violência, seja no ambiente escolar, nas ruas ou em outros contextos sociais. Entre essas manifestações, o *bullying* tem se consolidado como um fenômeno social recorrente, expressando-se por meio de diversas atitudes violentas, conflitos e agressões. Suas implicações são graves e geram consequências significativas para todos os envolvidos, tanto para as vítimas quanto para os agressores e para aqueles que testemunham tais situações.

Ao serem questionados sobre se o *bullying* pode deixar consequências em quem o sofre, os participantes apresentaram suas respostas, conforme ilustrado na Figura 18. As investigações, tanto em estudos voltados para o público infantil quanto no contexto universitário, demonstram que o *bullying* provoca sofrimento, dor e múltiplas consequências para a vítima (Fernandes e Seixas, 2012).

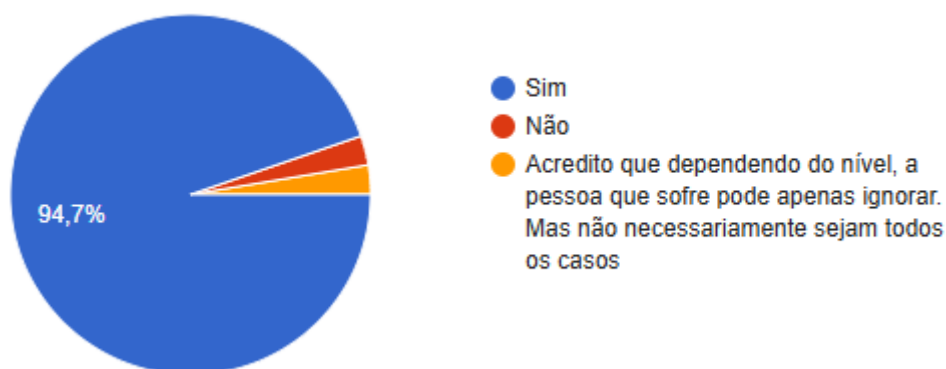
No que se refere às consequências do *bullying*, 94,7% dos participantes o equivalente a 36 alunos afirmaram reconhecer que essa prática causa sofrimento e deixa sequelas em quem a vivencia. Esse alto percentual evidencia a percepção crítica dos discentes sobre os impactos negativos do *bullying* no ambiente universitário. De fato, como destacam Morgado e Silva (2011), as consequências do *bullying*, especialmente para as vítimas, são extremamente graves e duradouras, tornando insustentável qualquer tentativa de minimizar sua relevância ou naturalizá-lo como prática inofensiva.

Os pesquisadores têm se mostrado cada vez mais atentos ao fenômeno do *bullying*, demonstrando preocupação com seu crescimento e, principalmente, com os impactos que ele gera no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes (Nogueira, 2007).

Dentre os respondentes, apenas 1 aluno (2,6%) afirmou que o *bullying* não deixa sequelas. Outro aluno, também representando 2,6% dos participantes, respondeu de forma distinta, apresentando uma percepção específica sobre o tema, conforme registrado na pesquisa:

“Acredito que dependendo do nível, a pessoa que sofre pode apenas ignorar. Mas não necessariamente sejam todos os casos”.

Figura 18 - Na sua opinião quem sofre o *Bullying* no ensino superior, esse ato pode deixar consequências?



Fonte: Elaborado pela autora.

Em caso afirmativo, os participantes foram questionados sobre quais consequências atribuiriam ao *bullying* no contexto do ensino superior. Para essa questão, foi disponibilizado um campo dissertativo, permitindo que os respondentes expressassem livremente suas percepções. As respostas obtidas foram analisadas e agrupadas em categorias temáticas, conforme descrito nos parágrafos a seguir.

Diversos estudos têm permitido compilar uma série de possíveis consequências, tanto a curto quanto a longo prazo, vivenciadas por todos os envolvidos em situações de *bullying* (Silva e Morgado, 2011). Com base nas respostas dos participantes desta pesquisa sobre os impactos do *bullying*, considera-se que há uma compreensão significativa, por parte dos discentes, quanto às consequências que esses atos provocam nas vítimas no contexto do ensino superior, a seguir, algumas respostas obtidas:

“Problemas com autoestima, psicológicos, com confiança e etc”.

“Danos psicológicos, envolvendo confiança e autoestima”.
“Problemas com autoestima, depressão e etc”.
“A sequela depende de como a pessoa lida com isso”.
“Baixa autoestima, medo de interações sociais e até depressão”.
“Problemas com a imagem”.

A dor emocional causada pelo *bullying* pode ser tão intensa que leva ao desenvolvimento de transtornos psicológicos, como ansiedade e depressão. Esses transtornos, por sua vez, podem agravar ainda mais a autoestima da vítima, que passa a se sentir impotente diante dos desafios emocionais e mentais.

A partir da análise das respostas dos discentes, observa-se que as consequências mais frequentemente enfrentadas no contexto do ensino superior são os traumas psicológicos, emocionais e sociais, conforme evidenciado em alguns relatos a seguir:

“Ansiedade e transtornos psicológicos”.
“Danos emocionais principalmente”.
“Psicológicas”.
“Traumas”.
“Traumas, problemas emocionais”.
“Trauma psicológico, vergonha”.
“Transtornos psicológicos”.
“Traumas sociais”.

Silva e Morgado (2011) destacam que as pesquisas indicam que a presença de um suporte familiar adequado pode ser decisiva para a superação de situações traumáticas vivenciadas. Por outro lado, a ausência desse suporte pode levar o indivíduo ao isolamento social, usado como uma estratégia de fuga e proteção contra as agressões sofridas. É importante ressaltar que tais situações podem evoluir para quadros mais graves, como fobia social, depressão e ideação suicida, conforme relatado por alguns participantes da pesquisa:

“Desânimo”.
“Fobia social”.
“Medo/ temor”.
“Insegurança”.
“Vergonha”.

As vítimas de *bullying* frequentemente internalizam as ofensas e provocações recebidas, o que pode gerar um sentimento de inferioridade. Nesse processo, a pessoa passa a se enxergar como incapaz, desvalorizada ou desprovida de atributos positivos, o que compromete significativamente sua autoestima e autoconfiança.

O *bullying* pode comprometer a capacidade do indivíduo de confiar nos outros, manifestando-se, como apontado pelas respostas dos discentes, em insegurança. A

desconfiança e o medo de novas rejeições dificultam a construção e a manutenção de relações interpessoais, sejam elas de amizade ou afetivas.

Dentre as consequências e desafios enfrentados, destacam-se aqueles frequentemente apontados pelos estudos e facilmente observados no cotidiano, tais como: baixa autoestima, baixo rendimento acadêmico, evasão escolar, estresse, ansiedade e agressividade (Silva e Morgado, 2011).

Observa-se, em segundo lugar na percepção dos discentes, que uma das consequências mais citadas do *bullying* são os problemas relacionados à autoestima, bem como dificuldades no rendimento acadêmico, conforme demonstrado nas respostas a seguir:

“Ansiedade e transtornos psicológicos. Também pode atrapalhar o rendimento dos estudos”.

“Problemas com autoestima, psicológicos, com confiança e etc”.

“Variadas questões mentais e comportamentais, como ansiedade, fobia social, problemas de confiança e de imagem”.

As ofensas decorrentes do *bullying* relacionadas à aparência física como peso, altura, vestimenta ou outras características podem afetar profundamente a imagem corporal das vítimas. Isso ocorre porque elas passam a se enxergar como feias ou diferentes, o que pode levar a uma distorção da percepção que têm de si mesmas. Sobre as consequências provocadas pelo *bullying* à saúde, Nascimento (2003), destaca:

O bullying pode desencadear reações psicopatológicas, como ansiedade, depressão, dificuldades de concentração e até ideias suicidas, além de manifestações psicossomáticas, entre as quais se destacam problemas cardíacos, respiratórios, dermatológicos e dores recorrentes. (Nascimento, 2003)

O *bullying* configura-se como um fator prejudicial ao processo de ensino e aprendizagem, na medida em que desencadeia emoções negativas, como medo, angústia, constrangimento comprometendo o desenvolvimento do estudante. No estudo de Barretto (2014), foi apontado que 21% dos alunos pesquisados identificaram a depressão como uma das principais consequências do *bullying* no ambiente universitário. Além disso, os estudantes destacaram que os traumas sofridos pelas vítimas podem perdurar por toda a vida, contribuindo para o isolamento social.

Observou-se, em terceiro lugar, que as respostas a seguir indicam a depressão como uma das principais consequências dos atos de *bullying*:

“Medo de se relacionar com pessoas, timidez por medo, depressão, ansiedade”.

*“Pensamentos depressivos, compulsão”.
“Sentimento de fraqueza na vítima”.*

A depressão é uma condição psicológica grave que pode decorrer de experiências de *bullying*, as quais envolvem assédio, humilhação ou agressões repetidas, seja no meio acadêmico, no ambiente de trabalho ou em outros contextos sociais. Indivíduos que sofrem *bullying*, especialmente por períodos prolongados, estão suscetíveis ao desenvolvimento de diversos problemas emocionais e mentais.

A vergonha provocada pelo *bullying* pode levar o indivíduo ao isolamento social, evitando interações com outras pessoas. Esse afastamento tende a reforçar sentimentos de inadequação e solidão, intensificando a baixa autoestima.

O *bullying* pode levar a vítima ao isolamento social, uma vez que ela pode sentir vergonha de se expor a outras pessoas, temendo ser ridicularizada ou rejeitada, conforme evidenciado em uma das respostas a seguir:

“Medo, e desânimo e ficar longe de pessoas”.

O *bullying* provoca consequências profundas e duradouras, entretanto, com o suporte adequado, é possível reconstruir a autoestima e auxiliar a vítima na superação das experiências negativas decorrentes dessa prática.

4.1.8 Percepções sobre o *bullying* no ensino superior

Segundo Silva (2010), existem três tipos de atores envolvidos nas ocorrências de *bullying*: as vítimas, os agressores e os espectadores. As vítimas podem ser caracterizadas como indivíduos que apresentam dificuldades no desenvolvimento social, geralmente sendo tímidos ou reservados, além de demonstrarem incapacidade de reagir aos comportamentos ofensivos e agressivos dirigidos a elas.

No quadro 03, ao serem questionados sobre ter presenciado ou sofrido alguma prática de *bullying*, bem como sobre a percepção desses estudantes quanto à ocorrência desse ato ainda nesse nível de ensino, foram obtidas as seguintes respostas dissertativas:

Quadro 03 – Percepção do *bullying* no ensino superior

Caso você tenha presenciado ou sofrido alguma prática de <i>bullying</i> no ensino superior, qual sua percepção de ainda existir o <i>bullying</i> nesse nível de ensino?		
Percepção	Respostas	Percentual
Nunca presenciei (Ainda não presenciei, mas existe noticiários que ficam se espalhando)	9	23,68%

(Nunca presenciei, mas se caso acontece deve ser por falta de empatia, e muitas vezes pela influência de um ambiente que normaliza comportamentos agressivos)		
Nunca sofri	2	5,26%
Ainda precisamos debater sobre o assunto. Ter mais palestra e passar informações.	1	2,63%
Pessoas falam coisas insensíveis e cruéis para outras e fizeram até uma pessoa pular um semestre inteiro para não ter que conviver com as pessoas que a magoaram.	1	2,63%
Acredito que seja falta da informação, de correção, orientação e punição adequada nas redes de ensino, normalmente quando acontece essa situações os responsáveis pela rede apenas fecham os olhos e fingem que não acontece pois na concepção deles todos são "adultos" e sabem se defender	1	2,63%
Não deveria existir	2	5,26%
Lamentável/ deplorável	2	5,26%
Acredito que o superior é uma eterna "quinta série", aqui as pessoas gostam muito de brincar e as vezes não percebem que isso pode machucar as outras pessoas.	1	2,63%
Acredito que muita gente ainda leva como brincadeira, mas geralmente são os que fazem bullying e não os que sofrem, triste a situação	2	5,26%
A falta de punição, faz com que os agressores sintam-se seguro de continuar.	1	2,63%
A falta de iniciativa das universidades tratar sobre o tema colabora pra que a prática aconteça.	1	2,63%
É inimaginável que isso ocorra com adultos pois parece que é algo recorrente de um ensino infantil.	1	2,63%
Existe, pois as pessoas fingem estar fazendo uma simples brincadeira pra praticar o <i>bullying</i> , e a vítima fica com vergonha de se impor.	1	2,63%
Preconceito, machismo e opressão que ainda permeia pela atualidade, que envolve diversos motivos	1	2,63%
Já percebi <i>bullying</i> de exclusão de indivíduos em questão da idade e/ou renda de estudantes que podem variar	1	2,63%
Nem todas as pessoas tem empatia e maturidade para se relacionar com pessoas diferentes. Neste caso específico sinto existe um espírito de disputa muito grande entre os alunos. Como se fossemos todos concorrentes.	1	2,63%
É triste saber que ainda exista isso no ensino superior, não deveria existir em nenhuma fase da vida.	1	2,63%
Não liguei, na verdade não me atingiu, pois levei como uma brincadeira e simplesmente ignorei	1	2,63%
Pouco, porém, ainda existe	1	2,63%
Inaceitável	1	2,63%
Sempre vai existir	1	2,63%
Atitude	1	2,63%
Falta de empatia, respeito e maturidade	4	10,53%
TOTAL	38	100%

Fonte: Elaborado pela autora.

Dos participantes, 2,63% (1) afirmaram ter sido vítimas, relatando sua percepção no momento em que experienciaram o bullying:

“Não liguei, na verdade não me atingiu, pois levei como uma brincadeira e simplesmente ignorei.”

Os participantes que afirmaram nunca ter sofrido *bullying* foram 2, correspondendo a 5,26% dos respondentes.

Os espectadores são os indivíduos que presenciam as práticas de *bullying* realizadas pelos agressores contra as vítimas, sem adotar qualquer postura diante desses acontecimentos (Silva, 2010). Em estudos realizados, 11,7% dos participantes afirmaram já ter presenciado *bullying* no ambiente universitário (Rezende, 2019). Quanto aos que presenciaram ou reconhecem a existência do *bullying* no ensino superior da Faculdade Xtec, foram obtidas as seguintes respostas:

“Existe, pois as pessoas fingem estar fazendo uma simples brincadeira para praticar o bullying, e a vítima fica com vergonha de se impor”.

“Pessoas falam coisas insensíveis e cruéis para outras e fizeram até uma pessoa pular um semestre inteiro para não ter que conviver com as pessoas que a magoaram.”

“Acredito que o superior é uma eterna “quinta série”, aqui as pessoas gostam muito de brincar e as vezes não percebem que isso pode machucar as outras pessoas”.

“Já percebi o bullying de exclusão de indivíduos em questão da idade e/ou renda de estudantes que podem variar”.

“Nem todas as pessoas tem empatia e maturidade para se relacionar com pessoas diferentes. Neste caso específico sinto existe um espírito de disputa muito grande entre os alunos. Como se fossemos todos concorrentes”.

“Pouco, porém, ainda existe”.

Embora grande parte da sociedade tenha avançado na conscientização sobre o *bullying*, algumas dinâmicas ainda persistem em ambientes universitários, resultando em práticas de assédio moral, exclusão e intimidação das vítimas, como exemplificado pela exclusão mencionada em uma das respostas anteriores.

Na maioria das vezes, os atos de *bullying* ocorrem e as testemunhas não reagem nem oferecem ajuda às vítimas, pois se sentem intimidadas pelos agressores e pela situação. A pesquisa de Fonseca et al. (2017) identificou que 58% das testemunhas permaneceram inertes ao presenciar casos de *bullying*. Além disso, aqueles que assistem às agressões frequentemente se sentem incomodados pelo clima de tensão criado no ambiente e pelo receio de se tornarem o próximo alvo (Alpes, Colares e Pinto, 2020).

Os alunos que presenciam *bullying* no ensino superior não são meros espectadores, pois são impactados de diversas formas por essas situações. Ao testemunhar um colega sendo intimidado, esses observadores podem sentir desconforto diante da contradição entre suas crenças de que a violência é inaceitável e a realidade à sua volta. Contudo, a falta de ação pode gerar sentimentos de culpa ou confusão interna nesses indivíduos.

Rezende (2019) afirma, em seus estudos, que 7% dos participantes não observaram o fenômeno em suas atividades diárias. Na pesquisa realizada na Faculdade Xtec, 23,68% dos inquiridos (9 participantes) declararam nunca ter presenciado *bullying*. Essa questão foi abordada de forma dissertativa, e as respostas obtidas são as seguintes:

*“Ainda não presenciei, mas existe noticiários que ficam se espalhando”.
 “Nunca presenciei, mas se caso acontece deve ser por falta de empatia, e muitas vezes pela influência de um ambiente que normaliza comportamentos agressivos”.
 “Nunca presenciei”.*

Essas afirmativas evidenciam a existência do *bullying* no ensino superior, ainda que em contextos mais velados e indiretos, conforme apontado por Silva e Morgado (2011) e Mateus e Pingoello (2015).

O ensino sobre *bullying* nas instituições de ensino superior contribui para a construção de uma cultura de respeito, empatia e aceitação. Os respondentes também expressaram suas percepções acerca da continuidade do *bullying* no ensino superior, conforme ilustrado a seguir:

*“Não deveria existir”.
 “Lamentável/ deplorável”.
 “É inimaginável que isso ocorra com adultos pois parece que é algo recorrente de um ensino infantil.”
 “Inaceitável”.
 “Sempre vai existir”.
 “Atitude”.
 “Falta de empatia, respeito e maturidade”.
 “É triste saber que ainda exista isso no ensino superior, não deveria existir em nenhuma fase da vida.”
 “Acredito que muita gente ainda leva como brincadeira, mas geralmente são os que fazem bullying e não os que sofrem, triste a situação”.
 “Preconceito, machismo e opressão que ainda permeia pela atualidade, que envolve diversos motivos”.*

O papel das instituições é fundamental tanto na prevenção do *bullying* quanto na intervenção eficaz, garantindo que todos os alunos possam vivenciar um ambiente de aprendizagem seguro, saudável e respeitoso. Nesse sentido, destacam-se algumas respostas obtidas na pesquisa:

*“Ainda precisamos debater sobre o assunto. Ter mais palestra e passar informações”.
 “Acredito que seja falta da informação, de correção, orientação e punição adequada, nas redes de ensino, normalmente quando acontece essas situações os responsáveis pela rede apenas fecham os olhos e fingem que não acontece pois na concepção deles todos são “adultos” e sabem se defender”.
 “A falta de punição, faz com que os agressores sintam-se seguros de continuar”.
 “A falta de iniciativa das universidades tratar sobre o tema colabora para que*

a prática aconteça. ”

As instituições, enquanto ambientes educacionais e sociais, têm a responsabilidade de implementar políticas, programas e iniciativas voltados para a prevenção e a intervenção em casos de *bullying*, uma vez que esse fenômeno afeta negativamente o desenvolvimento dos estudantes, impactando sua saúde mental e desempenho acadêmico. O *bullying* no ensino superior persiste devido a uma série de razões complexas, que envolvem fatores individuais, sociais e culturais.

4.1.9 Informações e conscientização ao *bullying* no ensino superior

Os discentes ao serem questionados sobre terem recebido alguma informação ou palestra na Faculdade Xtec a respeito da temática *bullying*, analisa-se de acordo com a figura 19, que 97,4% desses alunos, ou seja, 37 alunos da pesquisa responderam que não tiveram. Fato que permite a conclusão de que essa temática ainda é pouco trabalhada com profissionais das diferentes áreas, visando a prevenção e o combate do fenômeno. (Rezende, 2019)

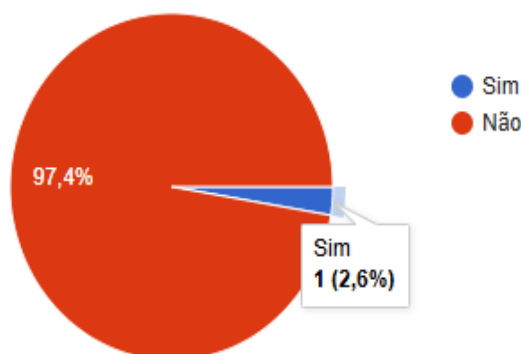
E, somente 2,6% sendo 1 aluno respondeu que teve algum tipo de informação a respeito do assunto.

Apenas 2,6% dos respondentes, ou seja, apenas 1 aluno afirmou ter recebido algum tipo de informação sobre o tema. Esse dado reforça a necessidade de maior investimento institucional em ações educativas que promovam a conscientização e o enfrentamento do *bullying* no ensino superior.

As instituições, enquanto espaços educacionais e sociais, têm o dever de desenvolver políticas, promover palestras, e implementar programas e iniciativas voltadas à prevenção e à intervenção em casos de *bullying*. No contexto universitário, é essencial a criação de ações que promovam a inclusão de diferentes grupos sociais, culturais, étnicos, religiosos, de gênero e orientação sexual.

O fortalecimento do respeito à diversidade contribui significativamente para a redução dos casos de *bullying*, favorecendo a construção de um ambiente acadêmico mais harmonioso, no qual as diferenças são reconhecidas, valorizadas e respeitadas.

Figura 19 - Você já recebeu alguma informação ou palestra sobre *Bullying* na Faculdade Xtec?



Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto à participação em palestras sobre *bullying* e à relevância atribuída a esse tipo de informação, conforme demonstrado na Figura 20, 76,3% dos alunos o equivalente a 29 participantes, consideraram muito importante receber esse tipo de ensinamento na Faculdade Xtec. Outros 10,5%, correspondendo a 4 alunos, avaliaram como importante o acesso a essas informações.

Ainda de acordo com a Figura 20, 2,6% dos respondentes equivalente a 1 aluno afirmaram considerar sem importância esse tipo de informação. Já 5,3% (2 alunos) declararam que não receberam qualquer ensinamento sobre a temática. Além disso, outros 2,6% (1 aluno) relataram não se lembrar de ter recebido esse tipo de orientação, e mais 2,6% (1 aluno) informaram que não tiveram acesso a esse conteúdo durante o ensino superior na Faculdade Xtec.

Estabelecer palestras e criar espaços de diálogo como grupos de apoio ou comitês de convivência pode fortalecer significativamente a rede de apoio dentro da Faculdade Xtec. Esses ambientes permitem que os alunos compartilhem preocupações relacionadas ao *bullying* e a outras questões de convivência, além de contribuírem para a mediação de conflitos de forma construtiva entre os discentes.

Figura 20 - Caso tenha recebido palestras sobre o *Bullying*, como você considera essa informação?



Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação à questão aberta que investigou os ensinamentos recebidos sobre o *bullying* no ensino superior e a percepção dos participantes quanto à relevância desse conteúdo, os respondentes puderam expressar livremente suas opiniões, proporcionando uma compreensão mais aprofundada sobre como o tema é abordado (ou negligenciado) no ambiente acadêmico.

Considera-se, a partir das respostas dos discentes, que há uma compreensão significativa sobre a importância de se abordar a temática do *bullying* no contexto da Faculdade Xtec. A análise das respostas revela que a maioria dos participantes destacou a necessidade de orientação e conscientização sobre o *bullying* no ensino superior, totalizando 21 manifestações nesse sentido.

“A orientação e saber que haverá punição para tais atos podem fazer os agressores ficarem com receio da prática, mas quem faz esse tipo de coisa ainda no ensino superior já não tem mais forma de correção se não fizerem dentro da instituição será fora dela”.

“Sempre importante”.

“Porque é de extrema importância tratar de assuntos que comprometam o bem-estar físico e psicológico das pessoas em um ambiente que, muitas vezes, já é desgastante, como a faculdade”.

“Todas as informações e validade para os indivíduos”.

“Pela conscientização, para reconhecer que o bullying também está na “simples” brincadeira, esse é um passo crucial para construir um ambiente mais respeitoso”.

“Deveríamos ter mais palestras sobre o tema para existir mais empatia entre as pessoas”.

“É importante conscientizar as pessoas que isso ainda existe e que muitas pessoas sofrem disso, é terrível sofrer bullying”.

“A conscientização do bullying é essencial para quem o pratica, perceber que está errado ao fazê-lo”.

“Pois é bom conscientizar”.

“Apesar de não ter recebido acho importante para a conscientização de todos”.

“Conscientizar as pessoas”.

“Conscientização sobre o grau de doenças psicológicas que podem causar não apenas a quem sofre, mas a quem pratica”.

“Esclarecimento sobre as consequências deste ato”.

“Acontece muitos tipos de bullying seja sexual, furtos, psicológicos etc, por isso destacar e alertar é extremamente importante”.

“É bom ter conhecimentos sobre o bullying”.

“O falar sobre esse tema, ajuda quem está passando por essa situação e alerta quem os pratica”.

“Para evitar transtornos e evitar problemas na hora que fizer formação”.

“Nunca tivemos palestras ou informações sobre bullying”.

“Informações de como agir em caso de e muito importante”.

“Traz consciência para as pessoas das consequências dessa prática que geralmente deixam sequelas psicológicas”.

“Pois já sofri bullying no fundamental, mesmo sendo um assunto que já havia crescendo como tema a se abordar em escolas, nas faculdades não é um assunto abordado, pois não esperam que atitudes assim aconteçam com adultos”.

A conscientização sobre o *bullying* no ensino superior é fundamental para a prevenção de comportamentos abusivos, que podem manifestar-se de diversas formas, como agressões verbais, preconceitos, discriminação racial, sexual, de gênero e de orientação sexual, entre outras. É essencial ensinar os alunos a identificar essas condutas e compreender seus impactos, promovendo, assim, atitudes mais positivas, construtivas e baseadas no respeito mútuo.

Os elementos qualitativos das questões abertas revelam que o ensino superior apresenta diversas características peculiares no que diz respeito à percepção dos estudantes sobre o *bullying*.

Neste estudo, constatou-se que 14 alunos, ao serem questionados sobre a relevância dos ensinamentos relacionados a essa temática, destacaram a relação entre o *bullying* e suas consequências, os danos causados, a necessidade de respeito ao próximo e as condutas apropriadas no ambiente acadêmico. Esses aspectos foram evidenciados nas respostas apresentadas a seguir:

“Porque o ideal seria não acontecer, pois invade o espaço e inflige o respeito”.

“Porque a prática pode causar danos graves na pessoa que recebe o bullying”.

“Pessoas adultas devem saber lidar com problemas de maneira adulta. O que dói e machuca não precisa mais chamar papai e mamãe para resolver, já existem leis que proíbem atitudes assim. Tocar na mesma nota é reforçar o erro e o pensamento primitivo de um assunto retrogrado para pessoas não resolvidas que não se conhecem e não tem autonomia nem maturidade para se auto avaliarem. Nada disso importa, o que os outros pensam ou falam de você. Se for violência física processo já está disponível, verbal também”.

“Para lembrar as pessoas de como agir corretamente”.

“E de grande importância para quem sofre”.

“As consequências para quem sofre é muito séria”.

“Para podermos aprender a respeitar as diferenças do outro. E lidar melhor com elas

Os oprimidos sofrem calados”.

“Porque as pessoas que praticam não sabem o mal que fazem a pessoa que sofre o bullying”.

“Existe muitas situações que as pessoas acabam cometendo bullying e não sabe, o que de fato está causando ou fazendo”.

“Acredito que em um ambiente como o Ensino superior que contempla uma variedade de grupos geracionais, econômicos, políticos e culturais relembrar e retificar crenças que não se aplicam a atualidade”.

“Para formação de caráter”.

“Melhor aceitação”.

“Porque as pessoas precisam respeitar o espaço do outro”.

Mateus e Pingoello (2015) destacam a seriedade do fenômeno do *bullying*, ressaltando que sua gravidade tem contribuído para a intensificação das discussões sobre a temática, bem como para uma crescente preocupação com as consequências que ele acarreta.

O ingresso no ensino superior representa uma fase de transição significativa na vida dos estudantes, na qual os desafios enfrentados como a pressão acadêmica e as transformações na identidade podem ser agravados por experiências de *bullying*. Dessa forma, a educação sobre o *bullying* torna-se essencial, pois contribui para a identificação precoce de sinais de estresse psicológico e oferece estratégias para que os alunos lidem de maneira saudável com o ambiente acadêmico.

Diante disso, verificou-se que três respondentes não atribuem importância ao recebimento de ensinamentos sobre *bullying* no ensino superior, conforme evidenciado nas respostas a seguir:

“Não se aplica”.

“X”.

“X”.

Embora o *bullying* seja frequentemente associado à educação básica e média, suas consequências podem perdurar e até se intensificar em contextos universitários. O ensino sobre *bullying* nas instituições de ensino superior contribui para a construção de uma cultura de respeito, harmonia, empatia e aceitação. Ao abordar essa temática, a instituição demonstra seu compromisso com a diversidade e o bem-estar de todos os seus membros aspecto especialmente relevante em um ambiente acadêmico que reúne pessoas de diferentes origens, culturas, crenças e identidades.

Ainda no que se refere aos ensinamentos e projetos de prevenção, é essencial considerar ações voltadas ao treinamento de habilidades sociais. Recursos dessa natureza podem auxiliar os jovens a encontrar alternativas construtivas para se engajarem em grupos sociais, de modo que a busca por aceitação não se manifeste por meio de atitudes violentas (Morgado e Silva, 2011).

4.1.10 Percepção dos alunos sobre a necessidade de intervenção

Em relação à opinião dos alunos sobre o combate ao *bullying* no ensino superior, conforme apresentado na figura 21, 47,4% dos participantes (18 alunos) responderam que deveriam ser aplicadas punições aos praticantes, bem como realizadas atividades de prevenção na Faculdade Xtec.

Considerando que a maioria das respostas enfatiza a necessidade de punição e de atividades de prevenção, entende-se que as instituições, especialmente a Faculdade Xtec, devem implementar políticas claras de tolerância zero ao *bullying*.

Essas políticas devem explicitar quais comportamentos são inaceitáveis e quais as consequências para os infratores. Além disso, é fundamental estabelecer procedimentos formais para o relato de incidentes, bem como oferecer medidas de apoio aos alunos afetados. Uma política bem definida contribui significativamente para a criação de um ambiente seguro e acolhedor para todos.

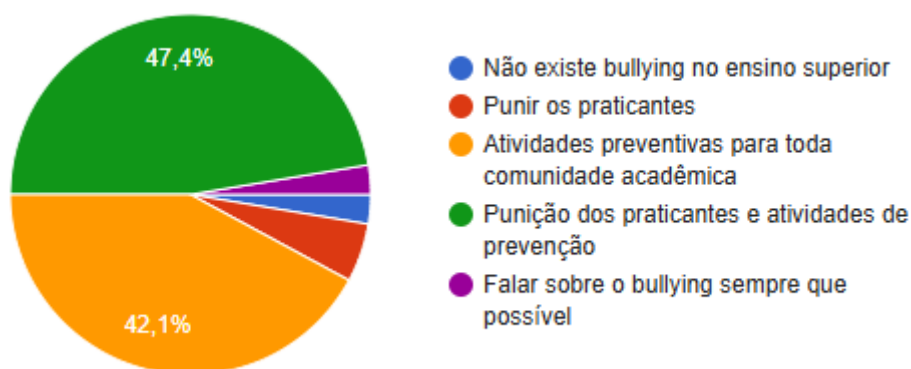
Além disso, 42,1% dos alunos (16 participantes) manifestaram a opinião de que devem ser realizadas atividades preventivas voltadas para toda a comunidade acadêmica, com o objetivo de combater o *bullying* nesse nível de ensino.

As instituições desempenham um papel fundamental na formação de cidadãos críticos e responsáveis. Ao abordar o tema do *bullying*, as instituições de ensino superior não apenas promovem o respeito mútuo entre os alunos, mas também os preparam para se tornarem líderes sociais e profissionais conscientes, aptos a combater a intolerância e a discriminação em diversas esferas da sociedade.

Desses, 5,3% (2 alunos) responderam que os praticantes devem ser punidos. Outros 2,6% (1 aluno) afirmaram que a instituição deve abordar o tema do *bullying* sempre que possível. Por fim, apenas 2,6% (1 aluno) declarou que o *bullying* não existe no ensino superior.

Ao oferecer ferramentas para compreender e combater o *bullying*, as instituições de ensino superior desempenham um papel crucial no desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária.

Figura 21 - Na sua opinião, do que precisa para combater o Bullying no Ensino Superior?



Fonte: Elaborado pela autora.

Embora a conscientização sobre o *bullying* tenha crescido nas últimas décadas, muitas instituições ainda não implementaram programas preventivos adequados nem protocolos eficazes para lidar com casos presentes ou futuros de *bullying*.

O *bullying* frequentemente envolve dinâmicas de poder e controle, e sua prevenção está diretamente relacionada ao desenvolvimento de habilidades interpessoais, tais como comunicação eficaz, resolução de conflitos e empatia. Ao abordar essa temática, os alunos aprendem a lidar de forma construtiva com as diferenças e a cultivar relacionamentos saudáveis.

Enfrentar e lidar de forma eficaz com o *bullying* no contexto educacional requer a aplicação de diversas estratégias, que podem abranger abordagens pedagógicas, psicológicas e políticas. Diversos autores e especialistas discutem métodos para combater o *bullying* em ambientes escolares e universitários, oferecendo um panorama amplo de soluções e práticas. Nesse sentido, os elementos da educação social são fundamentais para possibilitar que os indivíduos compreendam a problemática e se posicionem como agentes de transformação.

Olweus (1993), um dos principais pesquisadores sobre *bullying*, enfatiza a importância de criar um ambiente escolar ou universitário positivo e seguro, no qual o respeito e a empatia sejam valores centrais. Para ele, a promoção de um clima inclusivo é fundamental para prevenir a ocorrência do *bullying*.

Nesse contexto, observa-se que os discentes consideram como melhor estratégia de enfrentamento a disseminação do conhecimento sobre o tema por meio de palestras, a implementação de redes de apoio e o acompanhamento das vítimas, visando a criação de um ambiente seguro por meio da conscientização. Essa perspectiva foi expressa por 18 alunos, representando a maioria das respostas, conforme pode ser analisado a seguir:

“Criação de espaços seguros e diálogo”.

“Ter uma rede de apoio, denunciar e ter de promover conscientização”.

“Palestras e supervisionamento”.

“Palestras, informações sobre, medidas cabíveis”.

“Palestras”.

“Esclarecimento e prevenção”.

“Prevenção com palestras e algum tipo de punição para pessoas que praticam”.

“Ter uma rede de apoio, denunciar e ter de promover conscientização”.

“Palestras e monitoramento”.

“Atividades preventiva, palestras sobre o assunto e conscientização e punições aos praticantes”.

“Seria interessante criar uma comissão interna, inclusive com alunos participando para combater o preconceito e o bullying”.

“Prevenção com palestras e algum tipo de punição para pessoas que praticam”.

“Ter uma rede de apoio, denunciar e ter de promover conscientização”.

“Conhecimento e aproximação com os alunos ou disponibilidade para que sofre dizer de forma mais restrita”.

“Palestras e punições”.

“Assistir palestra, ter apoio policial e psicológico”.

“Palestras e acompanhamento pessoal com as vítimas”.

“Acreditar que vc é capaz, mas não é fácil, é procurar um especialista em terapia”.

Smith (2012), renomado por suas contribuições ao estudo do *bullying*, defende que, uma vez identificado, o *bullying* deve ser tratado de forma rápida e eficaz. Entre as estratégias sugeridas, destaca-se a intervenção imediata, que inclui o apoio à vítima, assegurando que ela se sinta ouvida e acolhida.

Ademais, o estabelecimento de diálogo com o agressor pode constituir uma estratégia eficaz, auxiliando-o a compreender os impactos de suas ações; contudo, esse processo deve ser conduzido com sensibilidade e com o envolvimento de profissionais especializados. Por fim, o acompanhamento contínuo, por meio do monitoramento do ambiente e das interações no campus, é fundamental para prevenir a continuidade ou agravamento dos casos de *bullying*.

Além disso, a percepção de que o *bullying* é algo "normal" ou "inevitável" pode resultar na ausência de intervenções, dificultando a erradicação do problema, conforme evidenciado em uma das respostas obtidas nesta questão dissertativa:

“Acredito que o Bullying no Ensino Superior acaba acontecendo muitas vezes “sem querer” por conta de preconceitos embutidos na criação, acredito que falar sobre as diferenças e entender que é necessário haver respeito, é algo essencial”.

Embora a compreensão sobre o *bullying* tenha aumentado recentemente, as informações disponíveis ainda são insuficientes para lidar efetivamente com os atos. Em muitos casos, a ausência de treinamento adequado para professores, funcionários e alunos acerca da identificação e resposta ao *bullying* contribui para a perpetuação dessa prática.

Rigby (2007) enfatiza a importância do treinamento de professores e funcionários para a identificação e manejo do *bullying*, destacando que os educadores precisam ser capacitados para reconhecer os sinais dessa prática e intervir de maneira adequada. Entre as abordagens recomendadas estão os programas de formação, que fornecem aos docentes e à equipe escolar conhecimentos sobre o que constitui *bullying*, como detectá-lo e como agir eficazmente diante dessas situações.

A criação de um ambiente de apoio para os professores é fundamental, pois, quando adequadamente treinados, eles são capazes de estabelecer um espaço seguro em sala de aula, promovendo discussões abertas e adotando abordagens positivas para a resolução de conflitos.

Os indivíduos que vivem em um contexto de *bullying* conseguem identificá-lo e compreender as graves consequências que esse fenômeno gera, sendo também capazes de contribuir para a sua prevenção e combate, conforme destaca Lopes Neto (2011, p. 63):

A condição básica para que o *bullying* seja reduzido nas escolas é que sejam adotadas políticas *antibullying* pautadas no desenvolvimento de um trabalho continuado. Ações que podem ser incluídas no cotidiano das escolas, sem que novas atividades sejam acrescidas à grade curricular, mas inserido o *bullying* como um tema transversal e permanente a todos os momentos da vida escolar.

De acordo com a resposta de um discente, a prevenção do *bullying* deve começar na infância para que os indivíduos estejam preparados para lidar com essa questão na fase adulta. Essa perspectiva está alinhada com Lopes Neto (2011), que destaca a necessidade de ações ampliadas nas escolas, ressaltando que o educador social, em sua formação, possui os elementos essenciais para contribuir significativamente na implementação de programas eficazes de prevenção.

“A estratégia não está em combater no ensino superior e sim a ensinar crianças a lidarem com elas mesmas, entender as situações e ter inteligência emocional suficiente para tal”.

Silva (2010) destaca que a capacidade de desenvolver resiliência permite que indivíduos que sofreram *bullying* superem os traumas e sofrimentos decorrentes desse fenômeno, como evidenciado em duas das respostas dos discentes analisadas a seguir:

*“Enfrentar a pessoa que está praticando o bullying, na maioria das vezes a vítima fica com medo de se impor, e o bullying acaba ficando recorrente”.
“Entra por um ouvido e sai pelo outro, aprendi com a prática”.*

Dan Olweus (1931–2020) foi o fundador de um programa de prevenção ao *bullying* e dedicou mais de 40 anos a pesquisas e intervenções voltadas ao combate do *bullying* entre crianças e jovens em idade escolar. Seu programa foi implementado e avaliado pela primeira vez em 1983, por meio de um estudo longitudinal que acompanhou aproximadamente 2.500 crianças em idade escolar. Os resultados desse estudo demonstraram reduções estatisticamente significativas nos relatos de comportamentos de agressor e vítima.

O Programa de Prevenção ao Bullying Olweus (OBPP) é direcionado a alunos do ensino fundamental e médio (K-12) e envolve toda a comunidade escolar incluindo funcionários, estudantes, pais e demais membros nos esforços para prevenir o

bullying. A maioria dos alunos participa das atividades gerais do programa, enquanto os alunos que praticam *bullying* e as vítimas recebem intervenções individualizadas e específicas.

Pode-se concluir que, caso um programa semelhante ao *OBPP* fosse implementado no Brasil, considerando as respostas dos discentes e os resultados positivos desse programa, os estudantes chegariam ao ambiente universitário com maior conhecimento para compreender as situações de *bullying*, além de estarem mais preparados para lidar com elas e aplicar estratégias eficazes de enfrentamento. Dessa forma, seria possível observar reduções estatisticamente significativas na incidência desse problema antes mesmo de ingressarem no ensino superior.

Entretanto, a prevenção deve ultrapassar os limites do ambiente escolar. Juvonen, Nishina e Graham (2001) ressaltam que o envolvimento dos pais e da comunidade é fundamental para o sucesso de qualquer estratégia de combate ao *bullying*.

A colaboração entre escola e família é fundamental para reforçar a importância da educação no combate ao *bullying*, por meio de programas de conscientização voltados aos pais. Esses programas promovem sessões informativas que orientam os familiares sobre como identificar sinais de *bullying*, apoiar seus filhos e colaborar com a escola no enfrentamento desse problema. Além disso, a construção de parcerias comunitárias, envolvendo organizações locais e instituições de apoio, pode fortalecer significativamente as ações preventivas e interventivas contra o *bullying*.

Portanto, além da prevenção por meio de programas, redes de apoio e engajamento, alguns discentes acreditam que a estratégia para o enfrentamento do *bullying* deve incluir advertências e punições aos agressores. Outros ainda consideram que o *bullying* só será superado se a vítima ignorar as ações agressivas. Essas percepções podem ser observadas nas respostas dos alunos, apresentadas a seguir:

“Acredito que somente com advertências, raramente a conscientização ajuda, até porque a informação está aí para todos, é quase impossível não saber se seus atos afetam os outros”.

“Corrigir as ameaças sempre com clareza”.

“Informar aos diretórios e coordenadores”.

“Tentar me colocar no lugar da outra pessoa”.

“Não permitir, caso contrário o aluno perde o direito de continuar na instituição”.

“Repreensão do praticamente/agressor e acolhimento da vítima”.

“Conversar com Coordenador do curso. Se não resolver com Diretor”.

“Ignorar”.

“Me manter longe”.

A punição dos praticantes de *bullying* é um tema amplamente discutido em pesquisas nas áreas de comportamento social, educação e psicologia. Diversos autores destacam a importância de medidas corretivas que não se limitem à punição, mas que também promovam a reabilitação e a mudança efetiva do comportamento.

Olweus (1993) destaca que a intervenção para reduzir o *bullying* não deve se limitar à punição, mas sim envolver uma abordagem educativa. O autor defende que as sanções devem ser proporcionais à gravidade do comportamento, com o foco na educação dos agressores para que compreendam o impacto de suas ações. Além disso, sugere que as escolas implementem programas preventivos, como o Programa Olweus, que contempla medidas tanto para a prevenção do *bullying* quanto para o tratamento construtivo dos agressores.

O *Programa de Prevenção ao Bullying de Olweus (OBPP)* possui uma estrutura abrangente que abrange toda a escola, focando na mudança sistêmica para a criação de um clima escolar seguro e positivo. Os objetivos do programa incluem a redução dos problemas de *bullying* já existentes entre os alunos, a prevenção do surgimento de novos casos e a promoção de melhores relações interpessoais entre os pares.

Esses objetivos são alcançados por meio da reestruturação do ambiente escolar, visando reduzir as oportunidades e recompensas associadas ao *bullying*, ao mesmo tempo em que se incentivam comportamentos pró-sociais e se fortalece o senso de comunidade entre os alunos.

Ainda nessa questão aberta, alguns discentes responderam não possuir estratégias para enfrentar o *bullying*, seja por ainda não terem vivenciado a experiência ou por não saberem como agir diante dessa situação, indicando a necessidade de orientação e preparação para o enfrentamento do problema.

Algumas das respostas dos discentes foram breves, em certos casos limitando-se a apenas uma letra ou indicando desconhecimento, conforme pode ser observado na análise a seguir:

“Nunca pensei em alguma ação, pois nunca estive perto de uma situação como essa”.

“X”.

“Não sei informar”.

“Procurar formas para prevenir para não sofrer o bullying”.

“Nunca sofri bullying no ensino superior”.

“N”.

“Não sofro bullying, porém tento ser eu mesma”.

“Não tenho estratégias válidas para enfrentar essas situações”.

Dessa forma, compreende-se que as estratégias de enfrentamento ao *bullying* apresentadas pelos alunos são diversas e refletem visões bastante distintas. A abordagem do *bullying* deve ser multifacetada, contemplando a prevenção, a intervenção e o acompanhamento contínuo de todos os envolvidos.

A implementação de estratégias educativas, políticas claras, apoio emocional e o treinamento de todos os membros da comunidade acadêmica são componentes essenciais para a construção de ambientes mais seguros e respeitosos. O trabalho conjunto entre pesquisadores, educadores, familiares e estudantes é fundamental para minimizar os impactos do *bullying* e assegurar um ambiente de aprendizagem saudável e produtivo para todos.

Seguindo a linha das estratégias de enfrentamento ao *bullying* e considerando que, em respostas anteriores, alguns discentes indicaram não saber como lidar com o problema, foi incluída nesta última questão aberta do questionário a oportunidade para que os participantes pudessem apresentar contribuições, críticas e sugestões sobre o *bullying* no ensino superior, aspectos esses não contemplados nas questões anteriores. Essa abordagem visa ampliar a compreensão da percepção dos discentes acerca da temática.

Quando a escola não adota uma política clara de enfrentamento ao *bullying*, ou quando há carência de apoio institucional e de intervenções eficazes diante dos casos identificados, os estudantes podem interpretar que o problema não merece a devida atenção.

Pode-se analisar essa problemática a partir das respostas apresentadas a seguir, nas quais algumas foram breves, como agradecimentos pela abordagem da temática na Faculdade Xtec, outras limitaram-se a apenas uma letra, e algumas ainda indicaram não haver nada a declarar ou acrescentar, conforme demonstrado nas respostas abaixo:

“ ”
 “Obrigado”.
 “ ”
 “Obrigada”.
 “N”.
 “Não tenho nada a complementar”.
 “Sem”.
 “ ”
 “Nada a declarar.”
 “Não tenho mais considerações à realizar”.
 “X”
 “Em nossa instituição nunca houve”.
 “Nada a acrescentar”.

“Não”.
“Nada a declarar”.
“Nada a acrescentar”.

O *bullying* pode ser percebido de formas distintas, dependendo da perspectiva de cada indivíduo. Muitos não compreendem a gravidade das consequências que esse fenômeno pode acarretar, tanto para as vítimas quanto para os agressores. A falta de conscientização faz com que diversos alunos não tenham plena noção dos impactos psicológicos e emocionais causados pelo *bullying*, o que pode ser verificado nas respostas apresentadas a seguir:

“Para mim o bullying é algo muito maldoso de pessoas sem respeito nenhum”.
“No ensino superior ele é muito mais agressivo e aberto, pois é um local de liberdade muito maior aos estudantes, dando a impressão do direito de fazer o que pode”.
“O bullying deixa as pessoas deprimidas, não praticar não se trata de uma opção, se trata de uma obrigação”.
“Quem bate esquece, quem apanha não!”.

Alguns alunos podem perceber o *bullying* como algo "normal" ou até mesmo como uma brincadeira, sem reconhecer que tais comportamentos podem causar traumas duradouros ao longo da vida. Essa percepção pode levar os discentes a considerar as práticas de *bullying* como parte comum da convivência social, em vez de um problema a ser combatido, conforme evidenciado na contribuição do discente a seguir:

“Existem muitas brincadeiras que quando é ofensiva, pode prejudicar a vítima em vários aspectos, o problema está na pessoa que faz esse tipo de abuso, se não parada, acaba achando normal e incentivando outras pessoas a reproduzir a ação”.

Em alguns casos, por temor de represálias, os alunos que testemunham situações de *bullying* podem optar por não denunciar, temendo também se tornarem alvos. Essa postura contribui para a manutenção do ciclo de silêncio, dificultando intervenções eficazes. Um dos discentes destacou a importância da vigilância como contribuição para o enfrentamento do tema:

“A vigilância é sempre a melhor de estar atento”.

No ensino superior, essa abordagem pode ser implementada por meio de programas que ensinem os alunos a lidar com conflitos de forma construtiva,

promovendo o respeito mútuo e incentivando a empatia entre os pares. Além disso, a formação de líderes estudantis é reconhecida como uma estratégia importante para criar defensores contra o *bullying* dentro do próprio campus.

Para Freire (1996, p. 23), “não há docência sem discência; as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender”.

Nota-se que somente a educação pode transformar o mundo, alinhando-se às respostas dos discentes apresentadas a seguir, que enfatizam a importância da educação desde a infância até o ensino superior. Trata-se de um processo contínuo para enfrentar a diversidade e promover o respeito e a consideração por meio de um espírito colaborativo, aliado a campanhas de prevenção que incentivem a empatia e práticas inclusivas entre os alunos.

“Acredito que educação é algo básico e todos devemos ter desde cedo, acredito que com uma boa base de educação quando criança as pessoas jamais iriam cometer algum tipo de bullying tornando a sociedade melhor”. Quer resolver bullying? Resolva o ensino básico e o fundamental. Apenas a minha opinião”.

“O bullying no ensino superior vem da diversidade de idade e classe social dos alunos. Onde excluem e incluem de forma mais acirrada que no ensino médio”.

“Acredito que sejam poucas as instituições que adotam iniciativas para tratar e combater o Bullying, então seria interessante que houvesse campanhas para reforçar para todas”.

“Um espírito colaborativo e práticas de inclusão podem ser importantes”.

Os professores e a gestão escolar devem estar devidamente preparados para lidar com essas situações, oferecendo suporte tanto às vítimas quanto aos agressores, auxiliando-os a compreender o impacto negativo de suas ações.

De acordo com Freire (2000, p. 39) “é a relação entre a dificuldade e a possibilidade de mudar o mundo que coloca a questão da consciência na história, na questão da decisão, da opção, a questão da ética e da educação e de seus limites”.

Para ele, a educação é um caminho para a emancipação e para a construção de um mundo mais justo, no qual as pessoas sejam capazes de pensar criticamente sobre sua realidade e agir para transformá-la. Contudo, assim como não é possível mudar o mundo sem um projeto ou uma utopia, também não se pode transformar a educação sem um projeto consciente que reconheça suas possibilidades e limitações.

Ao analisarmos as respostas de alguns estudantes apresentadas a seguir, observa-se que eles almejam mudanças significativas na temática, visando a construção de um futuro mais consciente. Para isso, defendem uma educação que seja um processo interativo, libertador e transformador, no qual educadores e educandos participem ativamente da construção do conhecimento.

“Acredito que o tema seja interessante para desenvolvimento de programas sociais entre turmas e instituições, promovendo campanhas públicas e até disparo de comerciais do tipo marketing institucional para desenvolvimento regional da população ao redor”.

“Como intervir ao presenciar uma situação de bullying”.

“É importante palestras para formação de caráter”.

“O diretor da Fatec deve convocar todos os alunos para assistir”.

“Políticas anti bullying, canal de denúncias e principalmente apoio psicológico”.

“Palestras e conscientização para alunos e profissionais sobre o tema”.

A implementação de políticas anti-*bullying* no ensino superior deve envolver uma abordagem multifacetada, englobando a conscientização, a criação de redes de apoio, a adoção de normas claras, a integração com programas acadêmicos e o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais.

No entanto, para que uma política de combate ao *bullying* no ensino superior seja eficaz, ela precisa ser uma prioridade institucional, contando com o envolvimento de todos os membros da comunidade universitária. Quando bem estruturadas e implementadas, essas políticas não apenas contribuem para a redução dos casos de *bullying*, mas também promovem um ambiente mais seguro, inclusivo e respeitoso, favorecendo o processo de aprendizagem e o desenvolvimento pessoal dos alunos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo investigar a ocorrência (ou não) do *bullying* no ensino superior na Faculdade Xtex, localizada na cidade de São Roque, buscando compreender as formas como esse fenômeno se manifesta, suas consequências para os estudantes e os possíveis caminhos para sua prevenção e enfrentamento.

Atualmente entendemos que as ocorrências de *bullying* são cada vez mais frequentes em todos os ambientes, tendo como âmbito principal o ambiente escolar,

o que tem gerado diversas consequências a todos os envolvidos, fazendo com que este local se torne cada vez mais temeroso e desmotivador para os estudantes.

Os resultados apontaram que, embora o *bullying* seja tradicionalmente associado à educação básica, ele também se faz presente no contexto universitário, assumindo características muitas vezes sutis, porém igualmente nocivas.

Conclui-se que na Faculdade Xtec há a ocorrência de *bullying* no ensino superior, sendo um estudo afirmativo nesse campus, diante da maioria dos respondentes (25 de 38), com 65,8% das respostas dos discentes participantes, os quais afirmaram que o ato existe nesse campus e, 34,2% responderam que não.

Verificou-se que, entre os estudantes que presenciaram situações de *bullying* na instituição, 47,4% (18 alunos) relataram terem presenciado episódios de violência verbal. A segunda forma mais observada foi a violência psicológica, mencionada por 21,1% dos participantes (8 alunos). Já a violência relacional foi citada por 10,5% dos respondentes, o que corresponde a 4 alunos.

A análise dos dados revelou que 13,2% dos estudantes, ou seja, cinco (5) alunos, afirmaram ter sido vítimas de *bullying* na instituição de ensino superior investigada, corroborando estudos que apontam a ocorrência dessa prática nesse nível educacional. Dentre esses cinco discentes, quatro relataram ter sofrido *bullying* de forma recorrente no campus, enquanto um (1) declarou ter vivenciado apenas um episódio isolado.

Entre os cinco estudantes que afirmaram ter sido vítimas de *bullying* no ensino superior na Faculdade Xtec, 60% (três alunos) relataram que a agressão ocorreu na forma de violência relacional, enquanto os demais 40% (dois alunos) apontaram a violência psicológica como a forma predominante. Complementarmente, três dos 38 participantes da pesquisa admitiram ter praticado *bullying* na instituição, sendo todos os casos igualmente classificados como violência relacional.

Os dados analisados revelam que o *bullying* está presente no contexto do ensino superior, embora muitas vezes invisibilizado. A ocorrência de práticas de violência, em especial nas formas verbal, psicológica e relacional, reforça a necessidade de medidas institucionais voltadas à prevenção e ao enfrentamento desse fenômeno.

Dentre os participantes da pesquisa, 18 alunos indicaram estratégias consideradas eficazes para lidar com o *bullying* no ambiente universitário. Segundo esses discentes, é fundamental promover o conhecimento da temática por meio de

palestras educativas, estabelecer redes de apoio e garantir suporte psicológico às vítimas. Além disso, destacaram a importância da responsabilização dos agressores e do acompanhamento contínuo das pessoas afetadas, com o objetivo de construir um ambiente acadêmico mais seguro, respeitoso e acolhedor. A conscientização coletiva, nesse sentido, aparece como elemento essencial para a transformação da cultura institucional.

Evidencia-se que as principais consequências deixadas pelo *bullying*, segundo os relatos mais citados, envolvem traumas de ordem psicológica, emocional e social. Os estudantes mencionaram, entre os efeitos mais marcantes, problemas com a autoestima, sintomas de ansiedade, depressão, fobia social, medo e insegurança, fatores que comprometem tanto o desempenho acadêmico quanto a saúde mental e a socialização dos indivíduos afetados.

A pesquisa revelou ainda a escassez de políticas institucionais claras voltadas para a identificação e combate ao *bullying* no ambiente universitário, o que contribui para a naturalização dessas violências e para o silenciamento das vítimas. Nesse sentido, destaca-se a importância de ações educativas, políticas de acolhimento, formação ética e incentivo à cultura do respeito e da empatia nas relações interpessoais dentro da instituição.

Reforça-se a urgência de que as instituições de ensino superior reconheçam e enfrentem o *bullying* como um problema sério e multifacetado, que exige políticas institucionais claras, ações preventivas contínuas e espaços de escuta qualificada para todos os envolvidos.

A partir disso, destaca-se a importância fundamental da parceria entre os gestores políticos, os profissionais da educação e os especialistas de outras áreas, assim como a colaboração entre a escola e demais instituições sociais, especialmente aquelas da área da saúde. Essa integração possibilita a convergência de conhecimentos e perspectivas diversas, promovendo uma abordagem mais ampla e eficaz no enfrentamento do *bullying*, capaz de contemplar integralmente as necessidades de mediação e intervenção.

Nesse sentido, torna-se fundamental adotar medidas que promovam o cuidado com as relações interpessoais no ambiente universitário, visando oferecer ao estudante condições para desenvolver equilíbrio emocional, adaptação ao curso e integração ao meio acadêmico. Além disso, é essencial fomentar uma formação

pautada em princípios éticos e políticos, preparando-o para atuar de maneira responsável na defesa e promoção dos direitos humanos na sociedade.

Observa-se claramente a carência de estudos sobre esse fenômeno no contexto do ensino superior, o que limita o aprofundamento do debate e dificulta a implementação de estratégias eficazes de prevenção, enfrentamento do *bullying* e a importância de investigar possíveis relações entre a prática do *bullying*, o rendimento acadêmico e a evasão universitária.

Dessa forma, pesquisas futuras podem explorar as premissas apresentadas neste estudo em outras instituições de ensino, além de investigar possíveis relações entre a ocorrência do *bullying* no ensino superior e a vivência desse fenômeno nos níveis de ensino fundamental e médio.

Os relatos analisados revelam situações preocupantes marcadas pela intolerância nas interações cotidianas, o que provoca uma reflexão crítica sobre a função da educação superior na formação cidadã. Diante desse cenário, torna-se urgente adotar medidas concretas contra o *bullying* no ambiente universitário, visando assegurar ao estudante equilíbrio emocional, saúde psicológica e qualidade de vida.

Portanto, as instituições de ensino devem incluir nos currículos atividades que promovam a conscientização sobre o respeito ao próximo, a diversidade e o combate ao *bullying*, com treinamento dos educadores, incluindo programas de capacitação para professores e funcionários escolares sobre como identificar, prevenir e lidar com casos de *bullying* e *cyberbullying*.

Por fim, este estudo permitiu obter resultados positivos a respeito da existência da prática de *bullying* no ensino superior, assim como conhecer as percepções, os fatores, as práticas e consequências dos/as estudantes universitários/as sobre o *bullying*, e, espera-se potencializar a construção de uma consciência social menos discriminatória e opressora, e uma sociedade mais inclusiva em contexto acadêmico e em geral, contribuindo com dados para prevenção destes atos, com pessoas menos preconceituosas e mais tolerantes para com o seu próximo.

Conclui-se, portanto, que é urgente a criação de estratégias eficazes para lidar com o *bullying* no ensino superior, não apenas como medida de proteção individual, mas como compromisso institucional com a formação integral dos estudantes. Que a instituição de ensino superior, enquanto espaço de construção do saber e de exercício da cidadania, assuma seu papel na promoção de ambientes seguros, inclusivos e humanizados, onde o respeito às diferenças seja um princípio inegociável.

Contribuições e desafios da pesquisa

Compreende-se que esta pesquisa contribuiu de forma relevante para os estudos voltados à temática do *bullying*, ao ampliar a compreensão e a reflexão sobre suas especificidades no contexto do ensino superior. Os resultados servem de alerta para a urgente necessidade de desenvolver estratégias eficazes de prevenção e enfrentamento desse fenômeno nas instituições universitárias.

Além disso, o estudo reforça a importância da promoção de um ambiente acadêmico inclusivo e respeitoso, por meio de ações educativas que abordem a diversidade, o respeito às diferenças e o enfrentamento de preconceitos, estigmas e estereótipos presentes na vivência universitária.

As contribuições teóricas, empíricas e metodológicas oriundas das pesquisas sobre o *bullying* têm se mostrado essenciais para a construção de uma cultura acadêmica mais respeitosa e acolhedora. Tais avanços possibilitam que o fenômeno seja enfrentado de forma mais eficaz e sensível às suas múltiplas dimensões. Nesse contexto, entende-se que esta pesquisa oferece subsídios importantes para que, diante das consequências provocadas por essas práticas, as instituições de ensino superior possam desenvolver campanhas de conscientização e ações preventivas voltadas à promoção de um ambiente universitário mais seguro e inclusivo.

Além de contribuir para o campo de estudos no ensino superior por meio das investigações e reflexões realizadas, a pesquisadora deseja deixar, como base de conhecimento deste trabalho, uma indicação relevante para pesquisadores e leitores: o *Programa de Prevenção ao Bullying de Olweus* (OBPP). Acredita-se que, caso esse modelo fosse adaptado e implementado em outras regiões, inclusive no Brasil, poderia gerar avanços significativos no enfrentamento do *bullying*, oferecendo resultados concretos na promoção de ambientes escolares e universitários mais seguros e respeitosos.

No decorrer das investigações, identificou-se também a existência do recurso “Linhas de apoio no Brasil para *bullying* e *cyberbullying*”, disponível no endereço eletrônico: <https://findahelpline.com/countries/br/topics/bullying>. A plataforma oferece um canal de suporte com atendimento via chat e orientação de conselheiros especializados, voltado ao acolhimento e à assistência de vítimas de *bullying* e *cyberbullying*.

Um dos principais desafios enfrentados nesta pesquisa sobre o *bullying* no ensino superior diz respeito à resistência de algumas instituições em colaborarem com investigações que envolvam essa temática. Observou-se que muitas delas demonstram receio de expor suas rotinas institucionais, temendo possíveis repercussões.

Durante o contato com essas instituições, tornou-se evidente a dificuldade em obter informações detalhadas, uma vez que diversos gestores educacionais evitam relatar ou divulgar aspectos internos relacionados à ocorrência do *bullying*, especialmente quando reconhecem a presença dessa prática em seus espaços. Essa postura, por sua vez, compromete a adoção de medidas preventivas e a tomada de decisões efetivas, na medida em que impede a ampla divulgação e o debate público sobre uma problemática que exige enfrentamento coletivo e transparente.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria Graças das. **Violências nas escolas**. 3. ed. Brasília: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARRETTO, Raquel Figueiredo. *Bullying* no ensino superior: análise das concepções dos alunos de uma IES particular de Fortaleza. In: 11º CONGRESSO INTERNACIONAL DA REDE UNIDA, 2014, Fortaleza, CE. **Anais (Suplemento Revista Interface – Comunicação, Saúde, Educação)**. Revista Interface Comunicação, Saúde, Educação [online], supl. 3. Botucatu, 2014. Disponível em: <http://conferencias.redeunida.org.br/ocs/index.php/redeunida/RU11/paper/view/3058>. Acesso em: 11 jul 2023.

BEAUDOIN, Marie Nathalie; TAYLOR, Maureen. **Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola**. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BORDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BORGES, Iara Farias. Pesquisa do DataSenado revela que quase 7 milhões de estudantes sofreram violência na escola. **Agência Senado**, Brasília, 4 jul. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2023/07/04/pesquisa-do-datasenado-revela-que-quase-8-milhoes-de-estudantes-sofreram-violencia-na-escola>. Acesso em: 25 nov. 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 2 fev. 2023.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Secretaria de Políticas de Saúde. Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. 96 p.: il. (Série Cadernos de Atenção Básica, n. 8). (Série A. Normas e Manuais Técnicos, n. 131). Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/violencia_intrafamiliar_cab8.pdf. Acesso em: 16 set 2024.

Brasil. **Ministério da Saúde**. Secretaria de Assistência à Saúde. Notificação de maus-tratos contra crianças e adolescentes pelos profissionais de saúde: um passo a mais na cidadania em saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Assistência à Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2002. 48 p. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-da-crianca/publicacoes/notificacao-de-maus-tratos-contras-criancas-e-adolescentes-pelos-profissionais-de-saude/view>. Acesso em: 20 fev 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015.** Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos,. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm. Acesso em: 01 mar 2023.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 11 ago 2023.

BRASIL. **Lei nº 14.811, de 12 de janeiro de 2024.** Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para prever o crime de *bullying* e aumentar penas relacionadas à violência contra crianças e adolescentes; e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 161, n. 9, p. 1, 15 jan. 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/L14811.htm. Acesso em: 11 jan. 2024.

BRASIL, **Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos.** Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos. Brasília: SEDH/MEC/MJ/UNESCO, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/educacao-em-direitos-humanos/DIAGRMAOPNEDH.pdf>. Acesso em: 25 set. 2024.

BRASIL. Resolução CNS n. 466/12 - **Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo Seres Humanos.** Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2023.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016.** Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.

CALHAU, Lélío Braga. **Bullying: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão.** Niterói: Impetus, 2009.

CATINI, Nilza. **Problematizando o bullying para a realidade brasileira.** 183 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: < https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/15632/ccv_ppgpsico_dr_Nilza_C.pdf?sequence=1&isAllowed=y >. Acesso em: 30 nov 2024.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola:** como os sociólogos franceses abordam essa questão. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, nº 8 julh/ dez 2002, p.432-443. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222002000200016>

CROCHÍK, José Leon. Formas de violência escolar preconceito e *bullying*. Movimento: **Revista de Educação**. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. UFF. Ano 2, número 3. 2015.

DEBARBIEUX, Eric. **Violência na escola**: um desafio mundial? Lisboa: Instituto Piaget, 2006.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas, São Paulo: Versus Editora, 2005.

FANTE, Cleo; PEDRA, José A. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 6ª ed. Campinas, SP: Versus Editora, 2011.

FANTE, Cleo. Bullying no ambiente escolar. In: FANTE, Cleo; PRUDENTE, Neemias Moretti (orgs.). **Bullying em debate**. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 79-107. E-book. (Coleção Pedagogia e Educação).

FERNANDES, Luís; SEIXAS, Sónia. **Plano Bullying: como apagar o bullying na escola**. Lisboa: Plátamo Editora, 2012.

FERREIRA Patricia Borges; JÚNIOR Roosevelt Leão. **O bullying em programas de educação de jovens e adultos e as aulas de educação física**. Fundação de Ensino Superior de Goiatuba – FESG. Goiatuba - GO. 2011. Disponível em: http://anaisdosimposio.fe.ufg.br/uploads/248/original_Patr__cia_Borges_Ferreira_e_Roosevelt_Le___o_J___nior.pdf. Acesso em: 05 jul. 2023.

FONSECA, M.H.; FONSECA, S.G.; GOMES, C.S.; NOGUEIRA, D.M.G.; SOARES, L.S. *Bullying*: Forma de violência e exclusão escolar. **Revista Motricidade**, vol. 8, núm. Supl. 2, 2012, pp. 797-802 Desafio Singular - Unipessoal, Lda Vila Real, Portugal. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2730/273023568100.pdf>. Acesso em 10 de nov de 2022.

FONSECA, Kellma Bianca Cardoso; MICUCCI, Marina Dibo; COSTA, Patrícia de Souza; LEMES, Sirlei *et al.* **Incidência do Bullying nos Cursos de Administração e Ciências Contábeis**. Psicol. Esc. Educ. 2017; 21 (1): p. 79-92. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-3539201702111079>. Acesso em: 23 fev 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 27 eds. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1987.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, R. **A análise de dados em pesquisa qualitativa**. In: MINAYO, M. C. S. (Org). *Pesquisa Social*. 23. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

GONÇALVES, Rafaela. **Núcleo Brasileiro de Estágios (Nube)**. Disponível em: <https://www.nube.com.br/blog/2014/10/13/49-52-dos-jovens-revelam-sofrer-bullying-em-seu-trabalho#:~:text=Para%20conhecer%20um%20pouco%20mais,entre%2015%20e%2026%20anos>. Acesso em: 27 dez 2024.

JUVONEN, Jaana.; NISHINA, Alice; GRAHAM, Sandra. **Assédio entre pares, ajuste psicológico e funcionamento escolar no início da adolescência**. *Jornal de Psicologia Educacional*, 2001, 92, 349–359. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0022-0663.92.2.349>. Acesso em: 24 jan 2025.

LEÃO, Leticia Gabriela Ramos. O fenômeno *bullying* no ambiente escolar. **Revista FACEVV**, 4, 2010, p. 119-135. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12813570/o-fenomeno-bullying-no-ambiente-escolar-facevv>. Acesso em: 08 out 2024.

LEYMANN, Heinz. The content and development of mobbing at work. **European Journal of Work and Organizational Psychology**, v. 5, n. 2, p. 165–184, 1996. Disponível em: https://www.academia.edu/2436023/The_content_and_development_of_mobbing_at_work. Acesso em: 08 jan 2025.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MALHOTRA, Naresh. **Introdução à Pesquisa de Marketing**. Pearson: São Paulo, 2005.

MANZINI, Raquel Gomes Pinto; BRANCO, Angela Uchoa. O *bullying* na perspectiva sociocultural construtivista. **Revista Teoria e Prática da Educação**, v. 14, n. 3, p. 87-95, 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v62n137/v62n136a06.pdf>>. Acesso em: 02 jan 2025.

MARCONI, M. A. de; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa: pesquisa, planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa elaboração, análise e interpretação de dados**. 4a ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. 3 ed. São Paulo, Atlas, 1996.

MARTINS, Maria José D. O problema da violência escolar: Uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. **Revista Portuguesa de Educação**, 18(1), 93-105, 2005.

MATEUS, G. A. P.; PINGOELLO, I. Ocorrência de *bullying* no ensino superior. **Uningá Review**, 22(3). 2015. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uningareviews/article/view/1631>. Acesso em: 08 de jul. de 2023.

MATOS, Margarida Gaspar; GONÇALVES, Sonia. M. Pedroso. *Bullying* nas Escolas: Comportamentos e Percepções. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa. 2009; 10(1): p. 3-15. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/362/36219059001.pdf>. Acesso em: 14 de jun. de 2023.

MELO, Josevaldo Araújo da. **Cyberbullying: a violência virtual**. Recife: EDUPE, 2011.

MINAYO, M. C. de L. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 19. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIRANDA, Maria Inês Ferreira; OLIVEIRA, Taís Regina; BARRETO, Pedro Di Tárique; FERRIANI, Maria Graças Carvalho, SANTOS, Marcuce Antônio Miranda dos; NETO, David Lopes. Conduta de acadêmicos em uma universidade da região amazônica frente ao *bullying*. **Revista Enfermagem em Foco**. p. 114 -118, 2012. Disponível em: revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/download/293/155.

NERIS, Elpidio Araujo. O direito de ser diferente. **Mensagem da APAE**. Brasília, ano 34, n.83, p.4- 6, out. a dez. 1998. Disponível em: <https://media.apaebrasil.org.br/DOCUMENTO-EMPREGO-RENDIA-FINAL-2.pdf>. Acesso em: 13 jan 2024.

NETO, Aramis Antonio Lopes. **Bullying: saber identificar e como prevenir**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

NEVES, Sofia. et al. *Bullying* homofóbico: Crenças e práticas de estudantes do Ensino Superior em Portugal. **PSICOLOGIA**, 33(2), 2019, p. 47–59. Disponível em: <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v33i2.1460>. Acesso em: 19 dez 2024.

OLWEUS, Dan. **Aggression in the Schools: Bullies and Whipping Boys**. Whashington: Hemisphere Pub. Corp.; New York: Halsted Press, 1978.

OLWEUS, Dan. **Bullying at school: What we know and what we can do**. London: Blackwell, 1993.

OLWEUS. **Bullying prevention program (OBPP)**. Disponível em: [https://olweus.sites.clemson.edu/olweusinfo.php#:~:text=The%20Olweus%20Bullying%20Prevention%20Program%20\(OBPP\)%20is%20a%20school%2D,achieve%20better%20peer%20relations](https://olweus.sites.clemson.edu/olweusinfo.php#:~:text=The%20Olweus%20Bullying%20Prevention%20Program%20(OBPP)%20is%20a%20school%2D,achieve%20better%20peer%20relations). Acesso em 27 out 2024.

OMS, Organização Mundial de Saúde. **World report on violence and health: Summary**. Geneva: OMS, 2002.

PEREIRA, Souza. Maria de, Sonia. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Ed. Paulus, 2010.

PINTO, Maria Paula Panuncio; ALPES, Matheus Franco; COLARES, Maria de Fátima Aveiro. Situações de violência interpessoal/*bullying* na Universidade: recortes do cotidiano acadêmico de estudantes da área da saúde. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 43, p. 537-546, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/wP6R5VnrjvGWfzJLpzGZs6n/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 21 mar 2023.

REZENDE, Fábio Henrique França. O *bullying* na visão dos estudantes de graduação da UFMG. **GESPEL em ação no CENTRO MG da Rede CEDES**. Ana Cláudia Porfírio Couto, Kátia Lúcia Moreira Lemos, Emerson Araújo Campos, Pedro Augusto Resende Amorim (orgs.). Belo Horizonte: Utopika Editorial, 2019. 262 p.: il., 2019, p. 237. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/46212/2/Reflexoes%20sobre%20o%20entendimento%20do%20lazer.pdf>. Acesso em: 06 nov 2023.

RIGBY, Ken. ***Bullying in schools and what to do about it Melbourne***: Australian Council for Education Research, 2007.

SANTOS, F. M. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. Resenha de: [BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.] **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, SP: UFSCar, v.6, n. 1, p.383-387, mai. 2012. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/291>; Acesso em: 08 dez 2023.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 26. ed. Campinas: Autores Associados, 1992.

Sem autor. Temor de violência nas escolas atinge 90% dos brasileiros, aponta DataSenado. **Agência Senado**, 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/07/04/temor-de-violencia-nas-escolas-atinge-90-dos-brasileiros-aponta-datasenado>. Acesso em: 25 nov 2024.

SILVA, Dezir Garcia da. **Violência e estigma: bullying na escola**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) –Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/2123/violencia%20e%20estigma.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 23 dez 2024.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, Ana Carolina Barros; MORGADO, Maria Aparecida. *Bullying* no ensino superior: existe? **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 11, n. 3, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277136695_BULLYING_NO_ENSINO_SUPERIOR_EXISTE. Acesso em: 22 dez 2022.

SILVA, Pedro Fernando et al. Limites da consciência de professores a respeito dos processos de produção e redução do *bullying*. **Psicologia USP, São Paulo**, v. 28, n. 1, p. 44-56, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v28n1/1678-5177-pusp-28-01-00044.pdf>. Acesso em: 06 dez 2024.

SILVA, Nara Carvalho; SILVA JÚNIOR, José Espínola. *Bullying* na Educação Profissional e Tecnológica: análise crítica sob a perspectiva da sociedade capitalista contemporânea. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S. l.], v. 1, n. 22, p. e11778, 2022. DOI: 10.15628/rbept.2022.11778. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/11778>. Acesso em: 7 jan. 2025.

SMITH, Peter. K. *Cyberbullying* e agressão cibernética. Em S. R. Jimerson, A. B. Nickerson, M. J. Mayer, & M. J. Furlong (Eds.), **Manual de violência escolar e segurança escolar: pesquisa e prática internacional** (2ª ed., pp. 93–103). Grupo Routledge/Taylor & Francis, 2012. Disponível em: <https://awspntest.apa.org/record/2012-02119-008>. Acesso em: 22 out 2024.

SMITH, Peter K. *School bullying*. **Sociologia, Problemas e Práticas**, v. 71, p. 81-98, 2013. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/sociologiapp/article/view/2332>. Acesso em: 10 set. 2024.

SPOSITO, Marília Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa, São Paulo**, v.27, n.1, p. 87-103, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/pbFRcymkHxFPkK7VkkMwXNQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 09 nov 2022.

STELKO, P. A.; FORLIM, B. G.; WILLIAMS, L. C. de A. Por que é importante prevenir violência na escola? In: WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti; STELKO-PEREIRA, Ana Carina (Orgs.) *Violência Nota Zero: como aprimorar as relações na escola*. 2013. **EDUFSCAR**, São Carlos. p. 28- 39. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.18572013>. Acesso em: 14 set 2023.

TEIXEIRA, A. et al. *Bullying* no trabalho: Percepção e impacto na saúde mental e vida pessoal dos enfermeiros. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, n.15, p. 23-29, jun/2016. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpesm/n15/n15a04.pdf>. Acesso em: 25 nov 2024.

UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Violência escolar e o Bullying: relatório sobre a situação mundial**. Brasília: UNESCO, 54p, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368092>. Acesso em: 08 jan 2024.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de Pesquisa em Administração**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ANEXOS

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - QUESTIONÁRIO (leia com atenção e tire todas as dúvidas antes de assinar)

Projeto CAAE: 77672623.7.0000.8507, aprovado pelo Sistema CEP/CONEP, em 03 de Março de 2024.

Prezado(a) _____,

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: BULLYING NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO NA FACULDADE XTEC. O tempo aproximado de preenchimento do questionário é de 25 minutos.

Este convite se deve ao fato de você atender ao critério de inclusão na pesquisa “ter idade acima de dezoito anos e estar cursando seu último semestre do curso na Faculdade Xtec”. Sua participação será muito útil para o andamento da pesquisa por representar o corpus de análise. A pesquisadora responsável pela pesquisa é Tatiane Gonçalves, RG- 40.127.726-47, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

Como nos últimos anos, observa-se um crescimento nas práticas de *bullying*, cujo tem sido um fenômeno preocupante no Brasil, assim como em outros países, as situações de bullying em instituições de ensino ganham cada vez mais destaque nas mídias e nas pesquisas, objeto deste estudo, a referida pesquisa objetiva verificar a existência (ou não) de *bullying* nos cursos de ensino superior da Faculdade XTec do Município de São Roque/SP e colaborar para a discussão acerca da temática. Esta pesquisa possui natureza qualitativa, quanto ao objetivo pretende ser descritiva e se utilizará de pesquisas bibliográficas e o estudo de caso. A pesquisa utilizará como arcabouço teórico-metodológico a análise de conteúdo. O estudo mostra-se relevante não somente do ponto de vista acadêmico devido à escassez de publicações referentes ao tema abordado no ensino superior, mas também apresenta uma importância profissional e social à medida que irá contribuir com as pesquisas que abordam esse tema, para que se possa ampliar a compreensão e reflexão sobre as especificidades que envolvem essa temática nesse nível de ensino. Discutir a existência de bullying sob a ótica do ensino superior possibilita subsidiar não somente as estratégias de prevenção ao discente, mas também oferecer condições de acolhimento e permanência no curso.

1.Descrição de como o participante irá contribuir com a pesquisa.

Sua participação nesta pesquisa consistirá no preenchimento deste questionário online. Vale a pena ressaltar que esse questionário é a análise sobre o tema.

2.Descrição dos riscos e desconfortos, do grau dos riscos e das medidas mitigadoras dos riscos.

A participação poderá expô-lo(a) a riscos mínimos como cansaço físico e/ou mental relacionado ao ambiente virtual, ao tempo gasto no preenchimento do questionário, desconforto pela possibilidade de haver questões que remetam a lembranças de possíveis situações desgastantes, e risco de perda de anonimato decorrentes das limitações das tecnologias utilizadas. Apesar de individuais e sigilosas, o formato virtual do questionário não assegura totalmente a confidencialidade das informações, estando sujeito ao potencial risco de violação, contudo a pesquisadora responsável assegura que fará tudo que estiver ao seu alcance para que situações como esta não ocorram. Se isto ocorrer você poderá deixar de responder alguma questão e/ou interromper sua participação e retomá-la posteriormente, se assim o desejar. Como forma de minimizar os possíveis riscos, as seguintes estratégias serão adotadas: garantia de que os participantes serão identificados por códigos, além da opção de se fazer o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo o registro da plataforma virtual utilizada.

Vale a pena ressaltar que se a pesquisadora perceber algum risco ou danos à saúde do participante da pesquisa, consequente à mesma, não previsto no termo de consentimento, a mesma será cancelada. Também será assegurado aos participantes da pesquisa que vierem sofrer qualquer tipo de dano previsto ou não no termo de consentimento e resultante de sua participação, o direito à assistência integral e à indenização, os quais serão custeados pela pesquisadora responsável.

As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pela pesquisadora responsável, não sendo os participantes identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados forem divulgados em qualquer formato.

3. Descrição dos benefícios diretos esperados e indiretos ao participante.

Os benefícios da pesquisa para os participantes serão indiretos, uma vez que a pesquisa poderá trazer informações sobre as percepções que os discentes possuem sobre o bullying, a fim de que possam surgir possíveis melhorias na forma que a Xtec dialoga sobre a temática e, quanto às práticas se houverem, o apontamento de informações que futuramente poderão ser úteis, no sentido de melhoria nas estratégias de enfrentamentos, reflexão e prevenção ao bullying nesse nível de ensino

4. Despesas e custos ao participante

Esta pesquisa gerará um pequeno custo ao participante no que tange ao uso de dados móveis de operadora celular ou wi-fi para responder ao questionário online. Além do tempo gasto pelo participante em responder às perguntas do questionário. Como forma de mitigar esses gastos, recomenda-se ao participante que responda o questionário quando estiver conectado na internet por meio de rede wi-fi. Também o questionário contém apenas 20 perguntas, sendo a maioria questões de múltipla escolha e apenas cinco questões são abertas.

5. Como participante de uma pesquisa e de acordo com a legislação brasileira

Como participante de uma pesquisa e de acordo com a legislação brasileira, você é portador de diversos direitos, além do anonimato, da confidencialidade, do sigilo e da

privacidade, mesmo após o término ou interrupção da pesquisa. Assim, lhe é garantido:

- A observância das práticas determinadas pela legislação aplicável, incluindo as Resoluções 466/12 (e, em especial, seu item IV.3) e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, que disciplinam a ética em pesquisa e este Termo;
- A plena liberdade para decidir sobre sua participação sem prejuízo ou represália, de qualquer natureza;
- A plena liberdade de retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo ou represália, de qualquer natureza. Nesse caso, os dados colhidos de sua participação até o momento da retirada do consentimento serão descartados, a menos que você autorize explicitamente o contrário;
- O acompanhamento e a assistência, mesmo que posteriores ao encerramento ou a interrupção da pesquisa, de forma gratuita, integral e imediata, pelo tempo necessário, sempre que requerido e relacionado à sua participação na pesquisa, mediante solicitação ao(a) pesquisador(a) responsável;
- O acesso aos resultados da pesquisa;
- A indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa;
- O acesso a este Termo.

A pesquisa emprega como instrumento de coleta de dados um questionário semiaberto, online, portanto, recorre ao ambiente virtual para a coleta de dados, utilizando a plataforma Google Forms, da empresa Google. A plataforma e a empresa têm uma boa reputação, mas a pesquisadora responsável não tem controle de como a empresa Google utiliza os dados que colhe dos participantes que respondem ao questionário. A pesquisadora tomará todos os cuidados para proteção dos dados. Contudo, para obtê-los, será utilizada a plataforma Google Forms, ferramenta digital gratuita, e apesar de confiarmos na política de confidencialidade da empresa, não podemos garantir a inviolabilidade dos dados. A política de privacidade da empresa está disponível em <https://policies.google.com/privacy?hl=pt-BR>. Se você não se sentir seguro quanto às garantias da empresa Google quanto à proteção da sua privacidade, você deve cessar a sua participação, sem nenhum prejuízo. Caso concorde em participar, será considerado anuência quando responder ao questionário.

Como medidas complementares decorrentes da utilização de ambiente virtual para coleta de dados, a pesquisadora responsável assegura que:

- O TCLE depositado no Comitê de Ética tem a mesma formatação utilizada para visualização dos participantes da pesquisa.
- Não são utilizadas listas ou outro meio que permitam a identificação e/ou a visualização de seus dados pelos demais convidados ou por outras pessoas.
- Antes da aplicação do questionário, o TCLE será disponibilizado novamente no ambiente virtual e você terá acesso a um resumo dos tópicos que serão abordados no

questionário (enviado previamente via e-mail), lhe permitindo previamente avaliar e dar, ou não, o seu consentimento para participação na pesquisa. No caso da pesquisa em questão os tópicos abordados no questionário serão: entendimento sobre bullying, manifestações ou práticas de bullying no Ensino Superior, estratégias para prevenir o bullying no ensino superior.

– Você tem o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa.

– Você tem o direito de se retirar da pesquisa, bem como retirar seu consentimento para a utilização de seus dados a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Para isso, basta declarar a retirada do consentimento através do e-mail: tatigon2005@yahoo.com.br. Nesse caso, a pesquisadora responsável afiança que dará a ciência do seu interesse de retirar o consentimento de utilização de seus dados em resposta ao e-mail.

– A pesquisadora responsável fará o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico pessoal assim que a coleta de dados for finalizada; e apagará todo e qualquer registro do questionário e suas respostas na plataforma Google Forms. Após o término da pesquisa, o material permanecerá arquivado de modo seguro, em arquivo digital no computador pessoal da pesquisadora e em pen drive próprio, por pelo menos cinco anos, após os quais serão destruídos.

– Caso você aceite participar, é muito importante que guarde em seus arquivos uma cópia deste TCLE. Se for de seu interesse, o TCLE poderá ser obtido também na sua forma física, bastando uma simples solicitação através do endereço de e-mail: tatigon2005@yahoo.com.br. Nesse caso, se perder a sua via física, poderá ainda solicitar uma cópia do documento à pesquisadora responsável.

Qualquer dúvida ou necessidade neste momento, no decorrer da sua participação, após o encerramento ou eventual interrupção da pesquisa pode ser dirigida à pesquisadora, por e-mail: tatigon2005@yahoo.com.br, telefone (11) 97101-5445, pessoalmente ou via postal para Rua das Glicínias, 123. Bairro: Santa Rosália. CEP: 18.126-210. São Roque- SP.

Se preferir, ou em caso de reclamação ou denúncia de descumprimento de qualquer aspecto ético relacionado à pesquisa, você poderá recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), comissões colegiadas, que têm a atribuição legal de defender os direitos e interesses dos participantes de pesquisa em sua integridade e dignidade, e para contribuir com o desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos. Você poderá acessar a página do CEP, disponível em: <<http://www.cep.cefetmg.br>> ou contatá-lo pelo endereço: Av. Amazonas, nº 5855- Prédio principal (único) - Campus Gameleira; E-mail: dppg-cep@cefetmg.br; Telefone: +55 (31) 3379-3004 ou 55 (31) 97158- 8783.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, declaro que aceito participar da pesquisa.

Assinatura do participante da pesquisa:

Assinatura do pesquisador:

São Roque/SP, 18 de Setembro de 2024.

Se desejar receber os resultados da pesquisa e/ou o TCLE físico, assinale abaixo a sua opção e indique seu e-mail ou, se preferir, seu endereço postal, no espaço a seguir:

☐ RESULTADO DA PESQUISA ☐ TCLE IMPRESSO E RUBRICADO.

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO

I. DADOS

a)	Idade	() 18-25 () 26-30 () 31- 40 () 41-50
		() 51-59 () 60 ou mais
b)	Gênero	() Masculino () Feminino
		() Outro () Prefiro não dizer

II. *BULLYING*:

1. Você sabe o que é *Bullying*?

() Sim () Não

() Outra opinião: _____

2. Na sua percepção, o que você entende por *bullying*?

() Não sei o que é *bullying*.

() O *Bullying* é definido como um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um agressor contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender.

() *Bullying* é um tipo de brincadeira que os alunos estão acostumados a praticar nas instituições escolares.

() *Bullying* é um programa de acompanhamento pedagógico para os estudantes em todos os níveis de ensino.

()

Outros: _____.

3. Na sua opinião existe *Bullying* no ensino superior (no seu câmpus)?

() Sim

() Não

() Outra opinião: _____.

4) Caso sua resposta seja afirmativa, qual tipo de Bullying você vê se manifestar no Ensino Superior (no seu campus)?

- () Verbal
- () Físico
- () Psicológico
- () Relacional
- () Material (exemplo: furto ou danos aos pertences da vítima)
- () Sexual
- () Digital
- () Trotes
- () Outra (s) forma

Opinião:

5. Você já sofreu *bullying* no Ensino Superior (no seu campus)?

- () Já sofri *bullying*.
- () Nunca sofri *bullying*.
- () Outra opinião: _____

6. Em caso afirmativo, que tipo de *Bullying* você sofreu no Ensino Superior (no seu campus)?

- () Psicológico
- () Relacional
- () Físico
- () Verbal
- () Material (exemplo: furto ou danos aos pertences da vítima)
- () Sexual
- () Digital
- () Trotes
- () Outra: _____.

7. Quantas vezes você já sofreu Bullying no Ensino Superior (no seu campus)?

☐ Uma vez ☐ Quase todos os dias ☐ Diversas vezes ☐ Várias vezes ao dia/noite

8. Onde o *Bullying* aconteceu ?

☐ Entrando ou saindo da faculdade

☐ Na sala de aula

☐ No pátio da faculdade

☐ Nos banheiros da faculdade

☐ Em outro local da

faculdade:_____.

9. Como você se sentiu quando isso aconteceu?

☐ Não me incomodou

☐ Fiquei com medo

☐ Me senti assustado

☐ Me senti mal

☐ Não queria ir para a faculdade

☐ Outro:

_____.

10. Você já praticou *bullying* no Ensino Superior?

☐ Já pratiquei *bullying*

☐ Nunca pratiquei *bullying*

☐ Outra opinião:

_____.

11. Em caso afirmativo, que tipo de *bullying* praticou?

☐ Verbal

☐ Físico

☐ Psicológico

☐ Relacional

() Material (exemplo: furto ou danos aos pertences da vítima)

() Sexual

() Digital

() Trotes

() Outro

(s): _____

12. Na sua opinião quem sofre o *Bullying* no ensino superior, esse ato pode deixar consequências?

() Sim

() Não

()

Outra: _____.

13. Quais consequências você descreveria para quem sofre o *bullying* nesse nível de ensino?

14. Caso você tenha presenciado ou sofrido alguma prática de *bullying* no ensino superior, qual sua percepção de ainda existir o *bullying* nesse nível de ensino?

15. Você já recebeu alguma informação ou palestra sobre *Bullying* na Faculdade Xtec?

() Sim

() Não

() Outra opinião:

_____.

16. Caso tenha recebido palestras sobre o *Bullying*, como você considera essa informação?

() Muito importante

() Importante

() Pouco importante

() Sem importância

() Outra opinião:

17. Porque você acha isso sobre receber essas informações?

18. Na sua opinião, do que precisa para combater o Bullying no Ensino Superior?

() Não existe *bullying* no ensino superior

() Punir os praticantes

() Atividades preventivas para toda comunidade acadêmica

() Punição dos praticantes e atividades de prevenção

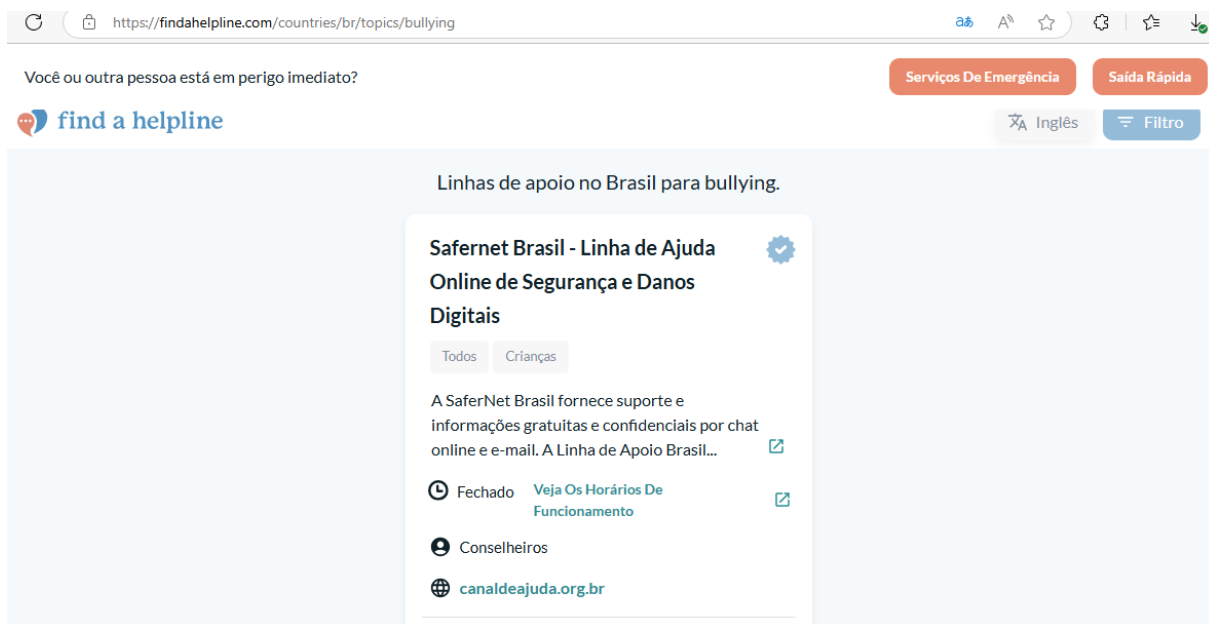
() Outra opinião:_____.

19. Quais são as suas estratégias para o enfrentamento do bullying no ensino Superior?

20. Este espaço é livre para você deixar suas contribuições, críticas e sugestões sobre o Bullying no Ensino Superior que não foram abordadas nas questões anteriores.

APÊNDICES

1 - LINHA DE APOIO NO BRASIL PARA BULLYING



https://findahelpline.com/countries/br/topics/bullying

Você ou outra pessoa está em perigo imediato?

find a helpline

Serviços De Emergência **Saída Rápida**

Inglês Filtro

Linhas de apoio no Brasil para bullying.

Safernet Brasil - Linha de Ajuda Online de Segurança e Danos Digitais

Todos Crianças

A SaferNet Brasil fornece suporte e informações gratuitas e confidenciais por chat online e e-mail. A Linha de Apoio Brasil...

Fechado [Veja Os Horários De Funcionamento](#)

Conselheiros

canaldeajuda.org.br

2 - PROGRAMA DE PREVENÇÃO AO BULLYING OLWEUS (OBPP)



https://clemsonolweus.org/about.php

OLWEUS®
BULLYING PREVENTION PROGRAM

Procurar Doar

[HOME](#) [SOBRE](#) [FORMAÇÃO](#) [ESCOLAS](#) [NOTÍCIA](#) [MULTIMÍDIA](#) [CONTATO](#) [VAMOS LÁ](#)

Sobre o OBPP

O Programa Olweus (pronuncia-se Ol-VAY-us) é uma abordagem abrangente que inclui componentes escolares, em sala de aula, individuais e comunitários. O programa está focado em mudanças de longo prazo que criam um clima escolar seguro e positivo. Ele é projetado e avaliado para uso em escolas de ensino fundamental, médio, médio e médio (K-12). Os objetivos do programa são:

- reduzir e prevenir problemas de bullying entre crianças em idade escolar
- melhorar as relações com os colegas na escola.

Descobriu-se que o programa reduz o bullying entre crianças, melhora o clima social das salas de aula e reduz comportamentos antissociais relacionados, como vandalismo e evasão escolar. O Programa Olweus foi implementado em mais de uma dúzia de países ao redor do mundo e em milhares de escolas nos Estados Unidos.

[Por que o Programa de Prevenção ao Bullying da Olweus funciona](#)